



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Peter de Góes Garcia

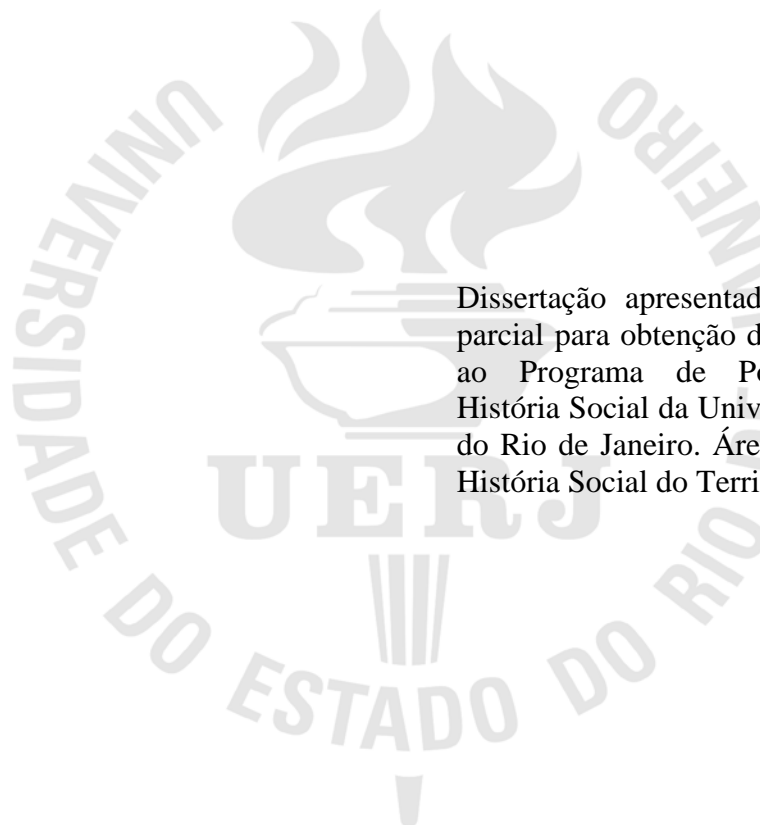
**O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo
migrante nordestino (1950-1980)**

São Gonçalo

2015

Peter de Góes Garcia

**O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante
nordestino (1950-1980)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves

Coorientador: Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

São Gonçalo

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

G216 Garcia, Peter de Góes Garcia.
O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante nordestino (1950-1980) / Peter de Góes Garcia. – 2015.
152f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia de Almeida Gonçalves.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Migração interna – Brasil, Nordeste – Teses. 2. Literatura de cordel brasileira – Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 314.15-026.48(812/813)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Peter de Góes Garcia

**O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante
nordestino (1950-1980)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 27 de Março de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes (Coorientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Carolina Vianna Dantas
Fundação Oswaldo Cruz

Prof^a. Dra. Sylvia Regina Bastos Nemer
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os nordestinos do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Como um trabalho acadêmico nunca é realizado individualmente, é oportuno ressaltar a importância das pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente na realização dessa pesquisa. De uma palavra de incentivo à concessão de materiais necessários para o desenvolvimento deste trabalho, todos foram fundamentais, e sou muito grato pela dedicação e carinho dessas pessoas que aqui serão citadas.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde, sabedoria e paciência para que a conclusão desta pesquisa fosse possível.

Agradeço a minha mãe Ercília por financiar meus estudos e por tentar entender meus momentos de exaustão e insegurança nos processos de construção desta dissertação. Ao meu pai Marcos Humberto por ser minha inspiração, me fazendo entender um pouco do apego do migrante nordestino à sua região. Ao meu irmão Pablo por desligar o rádio para que eu pudesse fazer minhas leituras. A minha avó Habelai (em memória) por fazer sentir viva sua presença nos momentos em que nada parecia dar certo.

Agradeço a minha namorada, noiva, amiga, amante e companheira Nathiele por ter compreendido minha ausência em alguns finais de semana. Por ter ouvido minhas lamentações, incertezas e dúvidas, tendo sempre uma palavra confortante de alguém que sempre acreditou no meu potencial. Dessa vez você foi citada de verdade.

Agradeço ao meu orientador efetivo Rui Aniceto Nascimento Fernandes pela paciência com minhas teimosias e falsas convicções, pelas críticas e sugestões, e por nunca ter reclamado dos meus atrasos em nossas reuniões. Sou grato pela sua dedicação e atenção.

Agradeço aos professores Helenice Rocha, Márcia Gonçalves, Sônia Wanderley, Luis Reznik, Joana Bahia, Sylvia Nemer, Iza Quelhas e Carolina Dantas, que através das sugestões nos cursos ministrados ou nas críticas compartilhadas na qualificação e na defesa da dissertação, contribuíram para o enriquecimento teórico e metodológico deste trabalho acadêmico.

O apoio do professor e amigo Jorge José Barros e da amiga Julianna Oliveira com o material de língua estrangeira (espanhol) também não foi esquecido. Muito obrigado! Estes agradecimentos podem ser estendidos também à Juliene pela troca de experiências durante a preparação desta pesquisa, e aos demais colegas de turma e amigos. Cada sugestão e palavras de incentivo foram fundamentais para a concretização desse objetivo.

Por fim, agradeço a agência financiadora CAPES pela possibilidade de aquisição de materiais necessários para a realização desta pesquisa dissertativa.

O Nordeste é realmente
Um lugar que só faz bem
Tem no mar a água quente
Na beleza é um harém
Êita povo diferente
Gosta de falar oxente
Sem falar mal de ninguém.

Guibson Medeiros

RESUMO

GARCIA, Peter de Góes. *O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante nordestino (1950-1980)*. 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

Neste trabalho, a partir da recorrência à literatura de cordel como fonte histórica, será apresentada de que forma a reprodução da temática do cangaço nesses folhetos permitem que os migrantes nordestinos constituam uma identidade regionalista baseada no apego aos valores tradicionais da sua região natal. Dentro desse contexto, relacionamos o processo migratório dos nordestinos para as grandes metrópoles situadas no Sudeste, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, com a difusão e recepção dos cordéis nesses estados entre as décadas de 1950 e 1980. No que concerne a abordagem do cangaço nos versos da literatura de cordel, na qual atribui aos cangaceiros o papel de símbolos regionais, serão pontuadas as principais estratégias adotadas pelos cordelistas que possibilitam a identificação e a empatia dos migrantes vindos do Nordeste com os personagens do cangaço narrados nos folhetos, contribuindo para um maior estreitamento entre Nordeste e nordestino. Nesse sentido, vale ressaltar a ressignificação da imagem dos cangaceiros, deslocando sua representação de homens cruéis e bárbaros para a reprodução de heróis-vilões, isto é, protagonistas de personalidades ambíguas e contraditórias.

Palavras-chave: Cordel. Cangaço. Regionalismo. Migração. Nordeste.

ABSTRACT

GARCIA, Peter de Góes. *The banditry in cordel literature and the formation of a regionalist identity by migrant northeastern (1950-1980)*. 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

In this academic work, from the recurrence of cordel literature as a historical source, will be presented how to play the theme Banditry these leaflets allow Northeastern migrants constitute a regionalist identity based on attachment to the traditional values of his homeland. In this context, we list the migration process of the northeastern to the big cities located in the Southeast, especially Rio de Janeiro and Sao Paulo, with the diffusion and reception of cordel in these states between 1950 and 1980. Regarding the decades of the highwaymen approach in verses of cordel literature, in which attributes to bandit the role of regional symbols are scored major strategies adopted by popular poet that enable the identification and empathy of migrants coming from the Northeast to the characters narrated the bandits in the brochures, contributing to a greater narrowing between Northeast and Northeast. In this sense, it is noteworthy to reframe the image of the bandits, shifting its representation of cruel and barbaric men for playing heroes-villains, that is, the protagonists of ambiguous and contradictory personalities.

Keywords: Cordel. Banditry. Regionalism. Migration. Northeast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	No cordel “independente” de autoria de Raimundo Santa Helena	111
Figura 2 –	No cordel “independente” de autoria de Franklin Maxado	112
Figura 3 –	No cordel editorado de autoria de Antônio Teodoro dos Santos	113
Figura 4 –	No cordel editorado de autoria de Manoel D’Almeida Filho	114

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	MEMÓRIA E TRADIÇÃO: O RESGATE DO CONCEITO DE REGIONALISMO	23
1.1	Regiões e Regionalismos: Um Mesmo Conceito Com Diferentes Significados	25
1.2	Regionalismo Naturalista: Um Olhar Direcionado Para o Norte	30
1.3	Regionalismo Sociológico: Uma Nova Maneira de Ver o Nordeste	33
1.3.1	<u>O Regionalismo Tradicionalista Nordestino</u>	34
1.3.2	<u>A Institucionalização do Regionalismo Tradicionalista Nordestino</u>	39
1.4	Os Romances de 30: A Literatura à Serviço do Discurso Regionalista	46
2	A LITERATURA DE CORDEL EM SUAS TRAJETÓRIAS E DESLOCAMENTOS	54
2.1	O Cordel e suas Origens	55
2.2	A Literatura de Cordel Nordestina	58
2.3	O Cordel Como Literatura Popular	63
2.4	A Migração do Nordeste para o Sudeste	69
2.4.1	<u>Orgulho e Preconceito: A Relação do Migrante Nordestino com o Outro</u>	72
2.4.2	<u>A Leitura do Cordel pelos Migrantes Nordestinos</u>	76
2.4.3	<u>O Migrante - Cordelista e a Produção dos Cordéis no Sudeste</u>	79
2.4.4	<u>Um Estudo de Caso: A Trajetória Singular dos Migrantes – Cordelistas</u>	83
2.5	Os “Novos Cordéis” no Sudeste	86
2.5.1	<u>A Editoração dos “Novos Cordéis” no Sudeste</u>	91
2.6	O Cordel no Sudeste Como Signo da Modernidade	96
2.7	A Herança da Literatura de Cordel no Tempo Presente	98

3	OS CANGACEIROS COMO SÍMBOLOS REGIONAIS NOS CORDÉIS.....	100
3.1	A “Verdadeira” Faceta do Cangaço	101
3.2	Os Poetas do Cangaço	106
3.2.1	<u>Manoel D’Almeida Filho: O Cangaço na Editora Prelúdio/Luzeiro</u>	107
3.2.2	<u>Gonçalo Ferreira da Silva: O Cangaço no Cordel Acadêmico</u>	108
3.3	O Cangaço no Cordel em Suas Formas	110
3.4	O Cangaço no Cordel em Seus Conteúdos	116
3.4.1	<u>O Cangaceiro Valente e Corajoso</u>	118
3.4.2	<u>O Cangaceiro Nobre e Justo</u>	120
3.4.3	<u>O Cangaceiro Injustiçado</u>	123
3.4.4	<u>O Cangaceiro Satírico</u>	125
3.4.5	<u>O Cangaceiro Apaixonado</u>	127
3.4.6	<u>O Cangaceiro Sobrenatural e Religioso</u>	129
3.4.7	<u>O Cangaceiro Cabra-Macho</u>	133
3.5	A Construção Identitária dos Migrantes Nordestinos No Cruzamento Entre Passado e Presente	136
	CONCLUSÃO	139
	REFERÊNCIAS	143

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma série de pesquisas e reflexões acerca dos elementos que constituem as identidades regionais nordestinas. No que concerne ao nosso objeto específico de trabalho, direcionaremos nosso enfoque para a constituição da identidade do migrante nordestino, residido em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir da leitura da temática do cangaço na literatura de cordel. Nesse sentido, atribuímos a esses cangaceiros representados nos cordéis a função de possibilitarem a esses migrantes a afirmação do reconhecimento da sua “nordestinidade”, defendendo e preservando as tradições referentes à sua região natal. Em outras palavras, esta pesquisa dissertativa defende o argumento de que os representantes do cangaço, como protagonistas dos cordéis contemplados pelos nordestinos resididos em São Paulo e no Rio de Janeiro, aproximam esses leitores dos principais elementos tradicionais e regionais que constituem sua região natal, o Nordeste brasileiro.

Da mesma maneira, a estratégia consciente dos cordelistas na romantização desses cangaceiros, narrados nos folhetos como símbolos regionais, se coloca como aspecto notório para que esses leitores abarquem esses personagens como uma espécie de heróis da região, isto é, como sujeitos romantizados que ao serem lidos reduzem a distância afetiva dos nordestinos com o Nordeste.¹ Para isso, privilegiamos a elaboração desses personagens como obra dos migrantes-cordelistas para os demais conterrâneos, e como produto dos novos elementos enfrentados por esses nordestinos a partir da sua condição como migrante. Com efeito, temos a produção desses cordéis simultaneamente aos desafios enfrentados pelos poetas populares e por seus leitores em seu processo de adaptação aos novos hábitos e costumes do Sudeste. Desse modo, podemos pensar a literatura de cordel como narrativa que abarca tradição e modernidade em sua elaboração.

Nesse sentido, apresentaremos o início da segunda metade do século XX como recorte temporal que marca o ápice do processo de migração dos nordestinos para as principais capitais econômicas, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. No mesmo período, destacamos a ressignificação do cangaceirismo no cinema, na literatura, e nas pinturas; processo que culmina numa nova maneira de abarcar a imagem dos cangaceiros. Por essa razão destacamos um período privilegiado em que os cordéis publicados nesse “novo” lugar

¹ Apesar de não ignorar a existência do cangaço nos anos precedentes, esta pesquisa tem como enfoque os cangaceiros que atuaram nas décadas de 1920 e 1930. Essa opção se dá pela popularidade alcançada pelo dito “cangaço independente” na primeira metade do século XX, e pela abundância de fontes referentes ao banditismo no respectivo período.

de socialização se configuram como narrativas que operam diretamente na cessação da carência desses órfãos da região nordestina, dando a estes a oportunidade de se inspirarem em dignos representantes da bravura e da coragem identificada aos conterrâneos do Nordeste. A popularidade dos cangaceiros no Sudeste pode ser verificada no seguinte trecho da obra do historiador Eric J. Hobsbawm:

Os grandes cangaceiros do período 1890-1940 logo adquiriram fama regional e sua reputação se propagou oralmente e por meio de folhetos de cordel, poetas e cantores locais. Mais tarde, a migração em massa para as cidades do Sul e a crescente alfabetização levaram essa literatura a lojas e banca das grandes cidades, como São Paulo. Os modernos meios de comunicação levaram os cangaceiros, óbvio equivalente brasileiro aos caubóis do Oeste americano, às telas do cinema e da televisão, e cabe destacar que o mais famoso deles, Lampião, foi, de fato, o primeiro grande bandido a ser filmado no campo.²

Por outro lado, os anos 1980 marca o início de um processo de retorno dos nordestinos aos seus estados de origem, o que justifica nosso recorte até esse respectivo período. Além desse aspecto, essa respectiva década se caracteriza por um relativo declínio da produção e comercialização dos cordéis, sobretudo com a concorrência com os variados meios de comunicação (rádio, televisão, internet). Nesse contexto, a literatura de cordel deixa de ser concebida como narrativa responsável pela aproximação do migrante nordeste aos elementos que constituem sua região para se configurar como objeto de pesquisas científicas realizadas por estudiosos sobre suas principais temáticas.

Em referência a reelaboração da imagem dos cangaceiros; compreendidos neste trabalho como uma construção de imagens, discursos e símbolos; tomamos como enfoque uma reprodução contraditória desses protagonistas, isto é, a abordagem de heróis-vilões. Com efeito, os cangaceiros narrados na literatura de cordel não são aqueles facínoras registrados nos periódicos da época de suas atuações, mas são indivíduos de personalidade confusa e dúbia, visto que são assassinos carismáticos, personagens dotados dos atributos da nobreza, coragem e justiça. A partir dessa perspectiva se dá a empatia dos leitores, tais quais os migrantes nordestinos, contribuindo para a aceitação desses cangaceiros como símbolos regionais, isto é, como representantes dignos do Nordeste e dos elementos identitários que constitui sua região.

Com base nessa reprodução contraditória dos cangaceiros na literatura de cordel, onde banditismo se mistura com a boa fama desses personagens, se configura como oportuno destacarmos o conceito de *dominação* desenvolvido por Max Weber. Nesse sentido,

² HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. p. 191.

classificando-o em três diferentes categorias (racional-legal, tradicional e carismático), podemos relacionar a figura paradoxal dos cangaceiros como “dominadores carismáticos”:

Em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente, a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória; o sempre novo, o extra-cotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam, constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo.³

No que se refere à atribuição desses protagonistas dos cordéis como símbolos construídos pelos poetas populares, estabelecendo uma estratégia de romantização da imagem desses representantes do cangaceirismo, Maria Isaura Pereira de Queiroz ressalta que o interesse na análise das construções simbólicas se distancia da preocupação com o que o cangaceiro realmente foi no seu tempo e no espaço. Na promoção da singularidade dessa formação simbólica, o já citado Hobsbawm afirma que “o bandido não é só um homem, é também um símbolo”.⁴ Ou ainda, como destacado por Queiroz: “os símbolos são, antes de mais nada, brumosos e ambíguos. São estas condições, porém, que lhe permitem captar e expressar os rumos essenciais e profundos do sentir coletivo.”⁵

Ainda em torno da abordagem dos cangaceiros dos cordéis como símbolos, esta pesquisa abarca esses personagens a partir do conceito de *poder simbólico* desenvolvido por Pierre Bourdieu, visto que o mesmo é responsável pela classificação de símbolos de acordo com a ausência ou existência de um código de valores. Por sua vez, esses símbolos são “capazes de efetivar maior integração social e de contribuir para a formação de um consenso sobre a realidade, facilitando assim a reprodução da ordem social.”⁶ Em suma, reconhecendo o cangaço como *poder simbólico*, atribuímos a tal sua existência como mecanismo de significação dos símbolos, assim como um elemento de legitimação da ordem estabelecida.

No que se refere à aceitação da literatura de cordel por parte dos migrantes nordestinos resididos em São Paulo e no Rio de Janeiro destacaremos a importância do poeta popular. Esse, por sua vez, ao construir seus versos apresenta elementos comuns às vivências do seu público-leitor, consolidando uma identificação entre os migrantes vindos do Nordeste e os temas que conformam esses folhetos. Em outras palavras, devemos atestar que os conteúdos

³ WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – Parte 2*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995, p. 354.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p.165.

⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do Cangaço*. São Paulo: Global Editora, 1986, p.68.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.10.

narrados na literatura de cordel possuem íntima relação com a realidade e as experiências vivenciadas pelos cordelistas e pelos seus leitores, sobretudo os nordestinos, que vêm nesses folhetos a oportunidade de contemplarem as principais histórias da sua região e dos seus célebres conterrâneos.

Partindo do pressuposto que os cangaceiros são sujeitos históricos caracterizados pelas lendas e mitos que envolvem suas ações, o enfoque às diferentes facetas dos mesmos é objeto de interesse neste trabalho para pensarmos como sua atribuição abordada na literatura de cordel possibilita a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos. Para isso, nos apoiaremos sobre o conceito de *representação*, contribuindo para uma maior compreensão das inúmeras interpretações que permeiam a atuação desses indivíduos, tais quais as empreendidas pela historiografia e pela literatura popular. Todavia, considerando a inviabilidade de estabelecimento de uma hierarquia dos conhecimentos, apresentaremos essas diferentes áreas do saber como dotados de metodologias específicas, cada qual com suas peculiaridades na forma de construir suas interpretações. Nesse sentido, esta dissertação busca apresentar como os cangaceiros foram abordados pelos principais pesquisadores sobre a temática do cangaço e pelos poetas populares da literatura de cordel, permitindo a realização de uma confrontação entre ambas as representações acerca dos cangaceiros. No que concerne ao conceito de *representação*, desenvolvido por Roger Chartier, atentamos para uma disputa hegemônica entre diferentes concepções em que uma busca se sobrepor a outra:

As representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinada pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.⁷

Os debates que envolvem a figura dos cangaceiros, sobretudo a do seu maior precursor, podem ser verificados até mesmo internamente no campo da historiografia. No que se refere à produção das abordagens sobre o cangaceirismo que são constituídos nesse campo científico, atentamos para seu embasamento em registros do período, tais quais as notícias que circulavam nos periódicos e testemunhos orais de indivíduos que vivenciaram as ações empreendidas por Lampião e seus “cabras”. Através dessas fontes, historiadores e sociólogos se depararam com uma apreciação negativa acerca da atuação desses cangaceiros em que é

⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

ressaltada a imagem de homens cruéis e impiedosos. Sobre a utilização de periódicos como objeto de investigação historiográfica, se coloca como pertinente destacarmos que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica.”⁸ Para o tratamento das ações dos representantes do cangaço não foi diferente.

Na construção dessa abordagem, devemos atentar para a reprodução de um discurso baseado na parcialidade, e financiado pelos governadores locais e por aqueles que viam na figura desses bandoleiros uma ameaça à integridade dos seus bens e riquezas. A depreciação da imagem dos cangaceiros pode ser conferida na seguinte notícia difundida pelo periódico *O Nordeste*, datado de 24 de Junho de 1927:

Os bandidos se entregam ao saque, ao roubo, ao incêndio e as depredações; nada escapa à sanha destruidora, até a roupa, potes, panelas e outros objetos de uso de pobres moradores são rasgadas e escangalhadas, havendo notícias exatas de defloramentos e de violência inomináveis!⁹

Como produto desses registros é construído a base das concepções desenvolvidas na historiografia acerca da temática do cangaço, o que não impede a formação de uma heterogeneidade no campo de pesquisa que contempla os cangaceiros que atuaram nas décadas de 1920 e 1930 no Nordeste brasileiro. A principal divergência verificada gira em torno de uma preocupação social, ou não, nesses bandoleiros. Dentre os principais historiadores que tratam o fenômeno do cangaço destacamos, primeiramente, o historiador que tem sua análise sobre o tema mais combatida na historiografia: Eric J. Hobsbawm.

Privilegiando uma abordagem que enfoca os cangaceiros como sujeitos históricos com preocupações sociais, como homens que se colocaram contra uma sociedade agrária caracterizada pela desigualdade social e econômica, o marxista britânico articula a categoria de *bandidos sociais*. A atribuição acerca dessa categoria é realizada pelo autor da seguinte maneira:

O principal com relação aos bandidos sociais é que são proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados.¹⁰

⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, Nos e por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassenezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 118.

⁹ *O Mossoroense*. 24 de Junho, 1927.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 36.

Vale ressaltar que essa abordagem dos cangaceiros como homens heroicizados, isto é, sujeitos justos e valentes, se conformaram como principal inspiração para os folcloristas e para os poetas populares que tratam os representantes do cangaceirismo em seus versos nos folhetos de cordel. Nesse sentido, assim como na literatura, Hobsbawm discorre sobre os cangaceiros dissociando-os da imagem de bandidos comuns, e colocando-os como precursores de um fenômeno de protesto social que desafia a ordem e o governo político vigente:

Os bandidos sociais e os bandidos comuns não podem ser comparados, mesmo que aos olhos da lei oficial fossem igualmente delinquentes, porque, segundo a moral da gente comum, os segundos eram criminosos, e os primeiros, não. A distinção entre atos que são e que não são considerados antissociais pode variar bastante segundo o momento, o lugar e o ambiente social, mas existe em todas as sociedades. (...) Algumas sociedades são mais tolerantes do que outras. Entretanto, todas reconhecem a diferença entre o que é “criminoso” (imoral) e o que não é.¹¹

Considerando que a historiografia é um campo de conhecimento flexível, isto é, uma área caracterizada pelos embates entre diferentes ideias e concepções, podemos destacar a abordagem conferida ao pesquisador norte-americano Billy Jaynes Chandler como principal argumento que busca refutar a corrente teórica do *Banditismo Social*. Essa divergência é verificável no seguinte trecho, em que Chandler desconstrói ferrenhamente o ponto de vista que abarca o cangaceiro Lampião, mais famigerado precursor do cangaceirismo, como indivíduo dotado de preocupações com causas sociais:

A preocupação com a opressão dos pobres e dos fracos nunca despertou seu interesse. Ele estava preocupado principalmente com sua própria sobrevivência, e em sua luta para consegui-la, pedia e recebia cooperação e favores, não só dos camponeses como também dos ricos fazendeiros e chefes políticos. Se, por outro lado, os destinatários de seus favores ou do seu terror, conforme o caso, eram oprimidos ou opressores, pouca diferença lhe fazia.¹²

No intento de tornar sua crítica mais objetiva, Chandler é mais taxativo quando julga a teoria desenvolvida por Hobsbawm como frágil por não separar a figura folclórica e histórica dos cangaceiros. Em suma, para o historiador norte-americano, a compreensão dos cangaceiros como *bandidos sociais* se configura como vaga por não se basear em registros seguros e confiáveis de pesquisa:

As teorias de Hobsbawm sobre o banditismo, embora extensas e abrangedoras, não são, nem racionalmente, nem adequadamente, apoiadas em evidências dignas de

¹¹ HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 207.

¹² CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: O Rei dos Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 272.

confiança. A confusão principal resulta do fato de que trata dos bandidos como mito e realidade, sem, em muitos casos, fazer distribuição entre os dois. Devido a estas inexatidões, suas ideias não conduzem à análise, e, portanto, são melhores se tomadas como sugestões empíricas.¹³

Apesar de não se colocar explicitamente contra a corrente teórica construída por Eric Hobsbawm, mas contrariando a compreensão dos cangaceiros como sujeitos históricos engajados em causas sociais, a concepção do pesquisador Frederico Pernambucano de Mello muito se assemelha com os argumentos de Chandler. Isso porque, assim como o estadunidense que trata a figura singular de Lampião, Mello discorre abertamente que “jamais foi possível surpreender orientações de caráter político ou ideológico, refletindo-se tais ausências em flagrante reforço à ideia de que o cangaceiro vivia o presente, preocupando-se tão somente com a sua existência imediata.”¹⁴ Desse modo, distante de preocupações com ensejos sociais, esses representantes do banditismo viam no cangaço a possibilidade de ingressar em novas aventuras, se situar num novo meio de vida, ou até mesmo se autoafirmarem.

Esse aspecto pode ser constatado em sua própria teoria, a do *Escudo Ético*, em que Mello atenta para a utilização dos argumentos de vingança como um meio dos cangaceiros conquistarem colaboração dos sertanejos, visto que essas alegações poderiam ser concebidas erroneamente por colaboradores como uma característica própria de homens honrados. Segundo as palavras do próprio autor: “ao invocar as tais razões de vingança, o bandido, numa interpretação absurdamente extensiva e nem por isso pouco eficaz, punha toda a sua vida de crimes a coberto de interpretações que lhe negassem um sentido ético essencial.”¹⁵ Com efeito, o pesquisador brasileiro vê os cangaceiros como sujeitos preocupados exclusivamente com seus interesses individuais de sobrevivência, e suas ações como recursos conscientes para se manterem vivos.

A partir da apresentação desses dados sobre o cangaço podemos ter a noção de como sua temática é constituída de mitos e impasses, e é esse aspecto que o torna objeto recorrente de debate. Nesse sentido, esta pesquisa tem como principal enfoque uma das várias estratégias de representação do cangaço, a empreendida pela literatura popular e expressa nos folhetos de cordel. Contudo, atentando para os diferentes critérios de pesquisa e produção entre a História

¹³ CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: O Rei dos Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 266.

¹⁴ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004, p. 119.

¹⁵ *Ibidem*, p. 126.

e a Literatura, vale ressaltar o status de legitimidade que os cordéis alcançam perante o povo. Isso porque para os nordestinos, migrantes ou não que lêem esses folhetos, o que menos importa é a utilização dos registros documentais ditos oficiais e confiáveis na sua produção, mas sua facilidade em alcançar o seu leitor através da apresentação de temas e conteúdos condizentes à sua realidade e experiências. Portanto, este trabalho tem como pretensão não cair no equívoco, assinalado por Chartier, de reduzirmos os textos como mero estatuto documental, mas explorarmos as relações que essas obras mantêm com o mundo social.¹⁶ No enfoque dessa relação direta entre a narrativa e a maneira que o leitor a concebe, configura-se como viável destacarmos que:

O que está em jogo no discurso da literatura sobre a literatura não é somente a historicização das categorias que consideramos espontaneamente como universal, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que se refere à relação do leitor com o texto e, finalmente, à própria identidade deste leitor.¹⁷

Através desse estreitamento entre leitor e leitura que este trabalho abarca o estabelecimento de uma relação de confiança entre as partes, possibilitando a aceitação da abordagem desses cangaceiros como símbolos regionais caracterizados pela coragem, justiça, fibra e valentia. Com efeito, os cangaceiros dos cordéis são narrados como protagonistas que revelam os elementos identitários que formam o Nordeste e seu povo, contribuindo para a empatia dos migrantes nordestinos que lendo essas histórias recrudescem um sentimento de pertença à sua região natal.

No que concerne a identificação desses nordestinos resididos no Sudeste com a atuação desses personagens nos folhetos, é fundamental destacarmos a importância da questão da memória. Nesse sentido, o aspecto saudosista acerca do passado compartilhado com seus conterrâneos e as experiências vivenciadas na relação com os elementos típicos do Nordeste, são aspectos que contribuem para a promoção do apreço desses migrantes para com os cangaceiros da literatura de cordel, visto que tais passam a ser compreendidos como representantes idealizados da sua região.

Ainda sobre a questão da valorização do passado podemos ressaltar a contribuição de Maurice Halbwachs, na qual a memória é tratada como matéria constituinte na sociedade em que o indivíduo se insere, e não como elemento próprio dos corpos e mentes individuais. Em outras palavras, apresentando a emergência da memória na relação com os grupos sociais em

¹⁶ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História Entre Incertezas e Inquietudes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002, p. 258.

¹⁷ Idem. *Debate Literatura e História*. Rio de Janeiro: *Topoi*, n. 1, p.207, 1999.

que os indivíduos se interligam, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.”¹⁸ Desse modo, ressaltando o processo de socialização interno entre os migrantes vindos do Nordeste, além do que passa a ser estabelecido com os naturais do próprio Sudeste, atentamos que “para evocar seu próprio passado, em geral as pessoas precisam recorrer às lembranças de outras.”¹⁹

Com base nos dados apresentados se configura como relevante apresentarmos a organização deste trabalho dissertativo. Em nosso objetivo de apresentar como se dá a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos a partir da leitura dos cangaceiros na literatura de cordel, buscaremos nos três capítulos seguintes relacionar o discurso regionalista com a abordagem do cangaço nos folhetos de cordel difundidos no Sudeste.

No nosso primeiro capítulo temos como finalidade principal tratarmos o desenvolvimento do discurso e do conceito de *regionalismo* no Nordeste. Para a execução desse objetivo, perpassando pelo exame do conceito de *região* e *regionalismo*, nos apoiaremos sobre a apresentação do Regionalismo Naturalista, Sociológico e Literário. Nesse sentido, destacaremos as aproximações e diferenças entre esses discursos formadores de identidades, situando como tais se instituem como alocações que revelam o Nordeste em seus costumes, valores e tradições. A partir da recorrência a essa discussão buscaremos compreender como o discurso regionalista se constitui como base da identidade dos migrantes vindos do Nordeste. Vale ressaltar que a identidade formada por esses migrantes é produto do antigo e do novo, isto é, do seu caráter estritamente nordestino, caracterizado pela valorização do passado, e da sua condição como migrante, informada na sua inserção numa região que não é a sua de origem.

A partir desse capítulo nosso trabalho busca revelar como o cangaço e seus protagonistas se configuram como elemento tradicional nordestino, e como tal se estabelece como parte do imaginário popular do nordestino a ser valorizado como história regional. No que concerne aos materiais utilizados nesse capítulo inicial, nos apoiamos, sobretudo, em periódicos que atestam as principais matrizes regionalistas em voga, romances literários que difundiam os principais temas regionais na década de 1930, e obras secundárias referente às temáticas assumidas no respectivo capítulo.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 72.

¹⁹ *Ibidem*.

No segundo capítulo, privilegiando a representação dos cangaceiros nos cordéis como símbolos regionais contemplados pelos migrantes nordestinos resididos no Sudeste, nosso enfoque gira em torno da literatura de cordel como narrativa que possibilita a identificação dos leitores que vêem nesses versos rimados a possibilidade de estreitar sua relação com sua região natal, e os cangaceiros, como personagens romantizados e elaborados conscientemente pelos cordelistas. Com efeito, trataremos a trajetória, os deslocamentos e as transformações dos cordéis, desde sua origem ibérica, passando pela sua chegada ao Nordeste e sua atribuição como veículo literário nacional a partir da sua circulação nos demais estados do país.

Por outro lado, não ignoraremos o processo migratório também dos seus leitores nordestinos a partir da década de 1950, esses por sua vez, tratados como produtos de um anseio por uma vida melhor nas principais metrópoles econômicas do país no respectivo período. Desse modo, podemos verificar o fluxo quase simultâneo seguido pelos cordéis e pelos retirantes nordestinos. Em referência aos materiais bibliográficos utilizados nesse respectivo capítulo, nosso conteúdo é amparado na recorrência a obras secundárias referentes aos estudos migratórios e sobre a literatura popular, além dos periódicos datados da década de 1950, em que é avaliado o contexto que permite a chegada dos nordestinos à cidade de São Paulo.

Por fim, nosso terceiro capítulo é dedicado para a apresentação de como a imagem do cangaceiro é construída pelos poetas populares responsáveis pela produção dos versos na literatura de cordel. Contudo, reconhecendo as várias representações da figura dos cangaceiros, não ignoraremos os estudos históricos realizados acerca da atuação dos cangaceiros mais famigerados do Nordeste. Da mesma maneira, enfocaremos a ligação dos cordelistas com os movimentos em prol da difusão da cultura nordestina para além das suas fronteiras, o que nos possibilita abranger como o cangaceiro se coloca como personagem que é produto da construção consciente desses poetas populares. Esses representantes do banditismo, por sua vez, caracterizados nos cordéis por suas personalidades contraditórias e ambíguas, como heróis-vilões, visto que são assassinos dotados dos atributos da justiça, da valentia e da coragem identificada ao típico nordestino.

Em relação ao acervo bibliográfico adotado nesse capítulo final, nos apoiaremos em obras secundárias que tratam o cangaço e sua presença nas narrativas populares, e, sobretudo, nos folhetos da literatura de cordel em que os cangaceiros se configuram como principais protagonistas. Em referência aos cordéis coletados, nos servimos da cordelteca virtual

disponibilizada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, que sob a guarda da Biblioteca Amadeu Amaral preserva um numeroso acervo de folhetos da literatura de cordel.

Partindo do pressuposto que “a evidência histórica existe, em sua forma primária, não para revelar seu próprio significado, mas para ser interrogada por mentes treinadas numa disciplina de desconfiança atenta”²⁰, nos apoiamos sobre os cordéis que tratam as aventuras e façanhas encaradas pelos famigerados cangaceiros que circularam em São Paulo e no Rio de Janeiro entre as décadas de 1950 e 1980. Nessa seleção documental não foi feita alguma distinção entre os folhetos editorados e aqueles produzidos de maneira independente pelos cordelistas, acreditando que nesse universo literário todos se enquadram no nosso objetivo de entendê-los como narrativas que possibilitam, a partir da recorrência à temática do cangaço, a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos.

No que se refere ao cangaceirismo nesses cordéis, como parte de um conjunto de questões referentes ao Nordeste brasileiro, selecionamos todos os folhetos em que os cangaceiros são abordados como personagens lúdicos, por vezes como bandoleiros que assumem a faceta de justiceiros em resposta a miséria que lhe era imposta. Nesse sentido, recorreremos aos cordéis em que os cangaceiros são apresentados como protagonistas de personalidade confusa, visto que são facínoras apaixonados, religiosos, corajosos e valentes. É através dessa faceta dúbia que os representantes do cangaço se revelam na literatura de cordel como a essência da população nordestina, conquistando o aceite dos migrantes nordestinos que vêem nesses personagens a possibilidade de formar uma identidade regionalista baseada na relação íntima com os valores e elementos tipicamente nordestinos. A partir desse argumento, procuramos selecionar os folhetos em que os cangaceiros são elaborados de maneira romantizada pelos poetas populares, o que garante a identificação dos leitores das histórias vivenciadas por Lampião e seu bando.

Por conseguinte, concebendo esses folhetos de cordel como fontes documentais, buscaremos apresentar de que forma os cangaceiros narrados nessas narrativas passam a se configurar como objetos de admiração dos migrantes nordestinos, passando a vê-los como personagens que simbolizam a mesma fibra e resistência que eles tiveram ao procurarem no Sudeste uma melhor qualidade de vida.

²⁰ THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 38.

1 MEMÓRIA E TRADIÇÃO: O RESGATE DO CONCEITO DE REGIONALISMO

Os lindos pés de umbuzeiros
 Ao lado dos facheiros
 Com os velhos juazeiros
 Formam bela posição...
 Do Pau D'Arco à flor amarela
 Com araticum e favela
 Forma a paisagem mais bela
 Desta imensa região.²¹

Neste capítulo será realizada uma breve análise sobre as implicações do conceito *Regionalismo*, sobretudo em seus desdobramentos pela preservação de costumes, valores e hábitos tradicionais identificados a uma dada região. Sendo a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos residido em São Paulo e no Rio de Janeiro o objeto de investigação deste trabalho, é importante se remeter a emergência dos discursos acerca da ideia de regionalismo que se deu no atual Nordeste a partir do século XIX. Contudo, em referência à proposta regionalista, vale assinalarmos que apesar de resgatar valores passadistas esse discurso se insere e se articula na modernidade. Desse modo, é fundamental enfatizarmos a possibilidade de conciliação entre o antigo e o moderno, desde que o segundo não represente um risco à descaracterização do primeiro. A mesma possibilidade pode ser comparada ao caso do período renascentista, por Le Goff, que acredita que nesse momento histórico “a modernidade pode camuflar-se sob as cores do passado”.²²

Essa possível combinação é parte dos vários preceitos inseridos nas matrizes sociológicas desenvolvidas pela vanguarda regionalista tradicionalista em meados da década de 1920. Outra importante contribuição para pensarmos a relação entre o novo e o velho é desenvolvida por Antônio Edmilson Rodrigues, na qual ele oferece um quadro considerável para refletirmos sobre quando o moderno substitui o lugar do antigo. Para isso, o historiador argumenta que a construção da ideia de moderno só é possível através da elaboração do seu outro como antigo. Nesse sentido, constituindo-se como elementos dependentes, “a

²¹ SANTOS, José Alcântara dos. *Belezas da Minha Terra*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, [19--], p. 3.

²² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 168.

construção de sua identidade passa pela definição de um campo de diferenciações que produz um novo moderno”.²³

Na concretização do nosso objetivo enfocaremos o cenário que compreende a *invenção* do Nordeste, assim como dos seus discursos formadores de identidade, e a construção de uma noção referente ao regionalismo. Isto é, a polaridade entre Norte e Sul, a notoriedade das locuções denunciativas de intelectuais nortistas, a efervescência do regionalismo tradicionalista e sua rivalidade ideológica com a vanguarda modernista paulista, e a popularidade dos *Romances de Trinta* na apresentação parcial dos temas regionais característicos do Nordeste brasileiro. Nesse mesmo sentido serão apresentadas as especificidades entre três diferentes regionalismos, situados em recortes cronológicos distintos: o primeiro, da passagem do século XIX para o XX, baseado numa visão discursiva naturalista; o segundo, característico das décadas de 1920 e 1930, com maior enfoque numa dimensão histórica e social; e por fim, aquele que se configura como objeto deste trabalho, abalizado por uma identificação, pelos migrantes nordestinos, aos valores característicos e típicos da sua região natal. Este último, propiciado pela identificação de uma parcela considerável de nordestinos, resididos em São Paulo e no Rio de Janeiro, à representação da figura do cangaceiro na literatura de cordel.

A relevância deste capítulo está na possibilidade de apreensão de como a identidade regional nordestina é construída paulatinamente, dentre tais aquela que abarca uma parcela considerável de nordestinos como indivíduos ligados afetivamente pelos valores, costumes e tradições da sua região. Com efeito, a partir da apresentação desses dados embasaremos nosso argumento que dá a literatura de cordel sua notoriedade como veículo regionalista, senão tradicionalista, que funciona como parte de um discurso que ao narrar os principais temas regionais do Nordeste permite aos migrantes da respectiva região a constituição e afirmação de sua identidade como nordestino.

²³ RODRIGUES, Antônio Edmilson. A Querela Entre Antigos e Modernos: Genealogia da Modernidade. In: _____; FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos Modernos: Ensaios de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 246.

1.1 Regiões e Regionalismos: Um Mesmo Conceito Com Diferentes Significados

Esta seção tem como preocupação principal situar as convergências e divergências na conceituação dos termos *Região* e *Regionalismo*. Nesse sentido, fundamentando a recorrência aos respectivos conceitos, buscaremos abordar como diferentes autores avaliam seus significados que circundam o campo da Geografia, Sociologia e História.

No que concernem as contribuições da Geografia, em sua definição do conceito natural de *Região*, Paulo César da Costa Gomes distingue seus três possíveis significados. O primeiro remonta diretamente a sua recorrência cotidiana do senso comum, onde a noção corresponde ao princípio fundamental de localização e extensão; uma segunda, onde *região* é vista como domínio administrativo, ou seja, como constituinte de um recorte que serve ao controle de Estados, de circunscrições hierárquicas; e por fim, sua significação como domínio científico formal, que associa o emprego do conceito a uma determinada ideia de localização de fenômenos.²⁴

Distante de uma abordagem que percebe seus objetos pela ótica exclusivamente natural, a Geografia de Marcel Roncayolo se aproxima de uma concepção mais histórica, principalmente quando ressalta que a noção de *Região* só pode ser compreendida como um território de disputa e conflitos, isto é, como um termo que se destaca por sua dinamicidade. Reconhecendo a imprecisão e as complexidades na definição do respectivo conceito, Roncayolo afirma: “A palavra pode ser aplicada a uma fração dum Estado ou duma nação, como a um agrupamento de Estados ou nações, próximos pelas suas características econômicas, políticas ou culturais e, geralmente, pela sua situação geográfica”.²⁵

É a partir do reconhecimento dessa complexidade na definição do conceito de *Região* que se configura como relevante a apresentação da concepção desenvolvida por Milton Santos. Segundo o geógrafo materialista, a *Região* é tomada como um recorte espacial de reprodução da totalidade, onde devem ser considerados os processos sociais. Evidenciando essa interdependência entre espaço físico e as estruturas sociais, o autor acredita que acrescentado “à sua dimensão social original, uma dimensão que é, de uma só vez, temporal e espacial. Lugares e áreas, regiões e subespaços são, pois, unicamente áreas funcionais, cuja

²⁴ GOMES, Paulo César da Costa. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 55.

²⁵ RONCAYOLO, Marcel. Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987, p. 161.

escala real depende dos processos”.²⁶ Nesse sentido, “nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização”.²⁷

Com base nas proposições difundidas acerca do conceito de *Região*, justificamos nossa recorrência a tal não mais a partir da sua conceituação como um elemento da natureza, mas como um terreno que é palco de representações culturais e incessantes relações sociais, ou seja, como um espaço físico que concentra em si ações e motivações humanas. Desse modo, a partir do intercâmbio com a Geografia Cultural, temos nessa compreensão de região a constatação de uma significação do objeto natural, permitindo seu reconhecimento, da mesma maneira, como objeto cultural.²⁸ É da consideração da participação humana no espaço regional que temos como objeto de pesquisa a efervescência de discursos, consciências e identidades regionalistas. Com isso, temos a partir do conceito *Regionalismo* mais uma série de considerações, o que possibilita a construção de um quadro teórico que viabiliza o diálogo entre as concepções dos vários autores aqui tratados.

Recorrendo ao conceito de *Região* como principal referência no desenvolvimento dos seus estudos de Sociologia e História, mas sem a preocupação de formular sua definição conceitual, Gilberto Freyre utiliza o respectivo termo como ponto de partida para pensar sua estreita relação com a tradição. Na constituição do seu embasamento sociológico sobre o Nordeste presente em *Interpretação do Brasil*, publicada pela Editora José Olympio no ano de 1947, Freyre atribui ao conceito de *Região* o título de noção indispensável para se pensar a sociedade. Em outras palavras, comparando-a ao processo civilizatório do Ocidente, o sociólogo pernambucano delinea nossos processos específicos e singulares, legitimamente regional, tradicional e tropical.²⁹ No que se refere ao conceito *Regionalismo*, o precursor da vanguarda tradicionalista da década de 1920 o define como “um esforço no sentido de dignificar certa atividade criadora local desembaraçando o que há de pejorativo em ‘provinciano’ de qualidades e condições geográficas”.³⁰

²⁶ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978, p. 176.

²⁷ Idem. *A Natureza do Espaço Habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 196-197.

²⁸ COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural: Uma Antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 225.

²⁹ FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p. 139.

³⁰ Idem. *Diário de Pernambuco*, 7 de Fevereiro, 1926, apud FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 7. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996, p. 110.

Apoiando-se igualmente na pesquisa sociológica acerca da conceituação do espaço regional, Pierre Bourdieu atenta para uma construção proposital de conceitos, predominantemente a serviço de interesses e preocupações políticas, econômicas, sociais ou culturais. No que concerne a essa proposição, o sociólogo francês desconstrói a compreensão que percebe conceitos como definições ou significações de um todo complexo, garantindo que os mesmos são produzidos intelectualmente. Destacando a não-espontaneidade das divisões regionais a partir de fronteiras estabelecidas, Bourdieu argumenta:

A etimologia da palavra região (regio), [...] e as suas fronteiras (fines) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz finis) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio da di-visão legítima do mundo social. Este acto de autoridade de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia.³¹

A partir das contribuições dos campos da Geografia e da Sociologia acerca da definição dos conceitos de *Região* e *Regionalismo*, se configura como oportuno apresentarmos as concepções desenvolvidas na historiografia. Para isso, nos apoiaremos sobre as propostas de Rosa Maria Godoy Silveira, Sandra Jatahy Pesavento e Durval Muniz de Albuquerque.

Em seu trabalho datado da década de 1980, a autora Rosa Maria Godoy Silveira se distancia da concepção que prioriza exclusivamente a íntima relação entre *Regionalismo* e tradição, para se remeter a ideia de emergência do discurso regional como elemento de cunho político e social. Para isso, Silveira destaca as desigualdades econômicas entre Norte e Sul como ponto de partida para a notoriedade do *Regionalismo*, que a autora trata como forma de ideologia. Nesse sentido, não deixa de serem enfocadas as crescentes transformações, resultado da introdução de influências externas vindas de São Paulo, no modo de trabalho nortista. Isto é, a subordinação da economia açucareira a uma nova fração emergente cafeeira, que nas primeiras décadas do século XX já se apresentava como hegemônica. É a partir de um tom de indignação que se dá a efervescência das ideias regionalistas, que surgem, segundo Silveira, como “representação da crise do espaço do grupo que a elabora”.³²

Em sua pesquisa sobre a região Sul do Brasil, o que não impede sua incorporação aos estudos históricos sobre o Nordeste, Sandra Jatahy Pesavento define igualmente *Nação* e

³¹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 114.

³² SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino: Existência e Consciência da Desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984, p. 17.

Região a partir da sua compreensão como comunidades simbólicas que atuam inconscientemente no imaginário. Em seu ponto de vista, influenciado diretamente pelas contribuições da História Cultural, a autora designa tais comunidades como signos que “correspondem a um sistema de representações sociais, construídas historicamente e que se expressam por discursos, imagens e práticas”.³³

No que concerne a desconstrução da noção de *Região* como conceito fixo e estável, Durval Muniz de Albuquerque privilegia sua percepção como um terreno passível a incessantes conflitos entre forças, possibilitando seu reconhecimento como espaço que é produto de uma operação de homogeneização, permitindo sua consideração como domínio de fronteiras móveis e mutáveis.³⁴ Desse modo, no intento de problematizar estatutos de verdades hegemônicas, Albuquerque ressalta que “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade *presente* na natureza”.³⁵

No que concerne à definição de *Regionalismo*, Albuquerque afirma que “o regionalismo nortista, embrião do regionalismo nordestino, nasce com o crescente descontentamento das elites da área açucareira e das áreas a ela ligadas”.³⁶ No entanto, priorizando também a importância dos discursos e práticas na constituição de identidades, Albuquerque considera o *Regionalismo* não só uma ideologia construída por uma classe dominante de uma dada região, mas também como um conceito que “se apóia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalista, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos”.³⁷ Nesse sentido, Albuquerque complexifica a construção dessas práticas por um dado grupo, responsável pela difusão das mesmas, e a persuasão de outros segmentos sociais para aderirem essas práticas como elementos do seu discurso. Esta

³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: “Diálogos do Mesmo” e do “Outro”. In: Idem (Org.). *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 209.

³⁴ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 36-37.

³⁵ *Ibidem*, p. 35.

³⁶ Idem. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 92.

³⁷ ALBUQUERQUE. *op cit.*, nota 34, p. 38-39.

transmissão funciona objetivamente como forma de se alcançar uma legitimidade, e demarcar e medir um espaço de onde os discursos são enunciados.³⁸

Nas definições priorizadas por Albuquerque podemos verificar similaridades com a noção apresentada por Pesavento, sobretudo quando ambos relevam a questão regional a partir do cruzamento de símbolos, práticas, discursos e enunciados. Da mesma maneira, o historiador se aproxima da concepção de Silveira ao destacar a emergência da proposta regionalista como produto de um contexto marcado por transformações e alternâncias dos grupos dominantes nas primeiras décadas do século XX.

A partir da apresentação das definições de parte dos principais conceitos utilizados neste trabalho dissertativo, cabe agora tratar analiticamente como se dá a ideia de regionalismo no Nordeste. Para isso, será indispensável destacar como essas práticas e discursos se relacionam com os contextos dados dentro desse mesmo recorte regional. Destacando sempre a gênese dessas propostas como uma necessidade de, na busca ao passado, criar signos que permitem a construção de uma identidade. É no seio dessas construções identitárias que situo neste trabalho a literatura de cordel como parte desse discurso que permite aos migrantes nordestinos afirmarem suas raízes e tradições regionais.

A partir da ênfase a esses vários contextos atento para a necessidade de se desconstruir abordagens estereotipadas de um dado lugar e das pessoas inseridas no mesmo. No entanto, a anunciação desses clichês não deixa de ser percebido como elemento que favorece a emergência de uma fala defensiva, discurso em defesa de hábitos, costumes e tradições regionais, negligenciados pelas autoridades políticas.

A apresentação desses dados se configura como indispensável para pensar, posteriormente, como os migrantes nordestinos buscam permanecer fiéis aos seus valores regionais e suas raízes, mesmo inseridos numa região estranha a eles, minados sucessivamente por novas influências imersas em tempos modernos e pelo preconceito na sua relação com o “outro”.

³⁸ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 34.

1.2 Regionalismo Naturalista: Um Olhar Direcionado Para o Norte

Partindo do pressuposto que o Nordeste como recorte regional nem sempre existiu, mas somente a partir da década de 1910, para uma compreensão abrangente das principais razões responsáveis pela emergência do discurso regionalista da primeira metade do século XX, é imprescindível atentar para como os nortistas eram tratados pelas autoridades governamentais e pelos habitantes do Sul ainda no século XIX. A partir da ênfase a como o “outro” enxergava o nortista e a região onde o mesmo está inserido lidaremos com falas preconceituosas e situações onde o descaso da União aparece explicitamente. No entanto, evitando o risco do anacronismo, buscaremos optar por uma abordagem que trata essas constatações como produtos de um recorte temporal específico. É fundamental ressaltar que nesse período já são comuns, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, os discursos científicos influenciados pelo *Evolucionismo* e *Social-Darwinismo* trazidos da Europa; sobretudo as locuções que relacionam as características físicas e/ou cognitivas de um indivíduo ao espaço físico onde esse nasceu. É baseado nessa perspectiva que é indispensável compreender as especificidades e peculiaridades de uma temporalidade, consciente das diferentes maneiras de pensar e agir em períodos históricos distintos.

No que concerne ao descaso político com o Norte, podemos identificar o Congresso Agrícola de 1876 como uma das primeiras manifestações de parcialidade governamental, responsável pelas formas distintas de conceber o Norte e o Sul. Nesse congresso, convocado pelo Império para acontecer no Rio de Janeiro, é explicitamente excluído as atividades agrícolas do Norte nas pautas a ser discutidas e debatidas. Indignados com o tratamento desigual das autoridades, produtores nortistas convocam, no ano de 1878, um novo Congresso Agrícola a ser realizado na cidade do Recife. Nessa ocasião, são evidentes os primeiros esboços de um discurso regional, articulados em torno do cenário da seca, da discriminação do Estado, da escassez da mão-de-obra, e da crise das primeiras atividades agrícolas do Norte. Nesse período, a região já começara a ser associada ao discurso da seca, locução que norteia as discussões sobre o Nordeste até os tempos recentes. As verbas do Estado Imperial destinadas a remediar as consequências da seca se configuram como importante elemento na conformação dos argumentos utilizados pelos governantes, intelectuais e parte da população do Sul, sobretudo aqueles situados em São Paulo. Argumentos esses que relacionam a figura do nortista ao ócio, a vagabundagem e a preguiça. No tratamento desse descontentamento da

elite paulista com a relativa “preocupação” governamental com os estados do Norte, Durval Muniz de Albuquerque apresenta:

A elite paulista, para a qual era canalizada também uma boa parte dos recursos públicos, legalmente ou não, vai usar permanentemente este argumento para se opor ao envio de recursos e à realização de obras nesta parte do país. Neste discurso, muitas vezes, o nordestino é apresentado como aquele que vive às custas dos impostos pagos pelos contribuintes das outras regiões do país, sanguessuga dos cofres públicos, que retorno nenhum daria ao país.³⁹

Passando pelo final da escravidão, responsável por consideráveis transformações, tais qual a substituição da atividade econômica agrícola, a substituição da mão-de-obra, e na transição das relações de trabalho; o desenvolvimento da economia cafeeira se estabelece como importante fator para a emergência de atividades industriais variadas, contribuindo para colocar o Norte como espaço subordinado ao desenvolvimento patenteado pelo Sul. É dessa relação de dependência e submissão entre as duas regiões que se acentua a polaridade entre Norte e Sul, onde para a primeira é reservada o lugar de atraso e miséria. Dessa observação ressalto a divisão adotada por Rosa Maria Godoy Silveira em *Dois Brasís*, “um arcaico, subdesenvolvido, localizado sobretudo no Nordeste agrário; outro moderno, identificado com o progresso e o desenvolvimento, localizado no Centro-Sul industrial”.⁴⁰

Já na última década do século XIX, mais precisamente em 1891, com a Proclamação da República, o quadro de discriminação do Estado com o Norte se mantém inalterado. Exemplo disso são os privilégios conferidos as elites regionais, isto é, aos grupos hegemônicos nos estados mais ricos e poderosos politicamente, o que acarretou na exclusão dos estados do Norte no processo de representação econômica. Esse cenário só é alterado ativamente com a presidência do nortista Epiácio Pessoa, figura proeminente na idealização da realização de uma série de obras contra as secas, rompendo com as expectativas dos estados hegemônicos de São Paulo e Minas Gerais. É nesse contexto que Epiácio Pessoa, se aproveitando das reformulações da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), garante a inclusão da seca como calamidade pública presente na Constituição Federal. A concretização dos anseios de Epiácio Pessoa é alcançada somente no ano de 1919 durante a curta gestão de Delfim Moreira, período em que ocorre a *federalização* da IOCS, garantindo sua substituição como Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). É importante ressaltar que nesse

³⁹ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 96.

⁴⁰ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino: Existência e Consciência da Desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984, p. 29.

momento a região passa a ser tratada efetivamente como Nordeste, evidenciando a relação estreita entre o nascimento do Nordeste e o fenômeno das secas que assolavam a região.

Deslocando nosso modelo analítico do tratamento governamental ao Norte para a maneira que os escritores e intelectuais concebiam a mesma região, podemos constatar que o Nordeste e parte dos seus discursos emergem como produto do preconceito conferido pelos interlocutores influenciados por paradigmas naturalistas. Selecionando parte dessas locuções, temos as falas de famigerados intelectuais como Lourenço Filho, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna, a partir de discursos que associam o nortista e o Norte às características de violência, banditismo e decadência.⁴¹ A partir do tratamento a esse aspecto, Durval Muniz de Albuquerque ressalta que “esses relatos de estranhamento funcionam também no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala, em oposição à área de que se fala”.⁴² Nesse sentido, vale ressaltar que é somente a partir da década de 1950, graças às contribuições formuladas no cinema e na literatura popular, que a representação negativa dos fenômenos que ocorreram no Nordeste, a exemplo do cangaceirismo e messianismo, passam a ser revisadas e reformuladas.

Prosseguindo nossa apresentação de uma série de *relatos de estranhamento*, de discursos que constituem um Regionalismo Naturalista, temos nessas descrições dos costumes incomuns e pitorescos, na visão do sulista, um importante ponto de partida que nos fazem refletir sobre como são construídas as identidades regionais. Construções identitárias essas explicitadas numa diferença acentuada entre duas áreas constituintes de um mesmo território nacional. Com efeito, podemos avaliar a grande difusão das locuções naturalistas, sobretudo nos periódicos que circulavam em São Paulo, a partir da perda de dinamicidade econômica e política que ocorre no Norte na passagem do século XIX para o XX, construindo a imagem do Norte como região marcada pelo atraso. Esse discurso pode ser observado nas seguintes reportagens de *O Estado de São Paulo*:

⁴¹Exemplificando os discursos difundidos no Sudeste sobre as maneiras que viam o Norte e seus conterrâneos, podemos verificar o editorial produzido pelo articulista Lourenço Filho, no qual o mesmo relaciona o surgimento dos fenômenos do cangaço e do messianismo como efeitos da “violência e do fanatismo das populações do Norte”. Discursos semelhantes que relacionam a imagem do nortista à violência e ao fanatismo podem ser verificados em Nina Rodrigues e Oliveira Vianna, locuções essas que reproduzem a imagem do Norte a partir de inferioridade racial e constituída de uma população caracterizada pela barbárie. Cf. Lourenço Filho. Os Milagres. *O Estado de São Paulo*. 23 de Abril, 1920. RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Editora da UNB, 1982. VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

⁴² ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 54.

Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é, a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo.⁴³

... O Nordeste brasileiro só foi divulgado com tal designação após a última calamidade que assolou em 1919, determinando a fase decisiva das grandes obras contra as secas. (...) quando levas de esqueléticos retirantes vieram curtir saudades infundas na operosidade do generoso seio sulino, quem sabe se ainda em dúvida, entre a miséria de lá e a abundância daqui.⁴⁴

A apresentação desses dados se configura como oportuna pelo fato de nos permitir a percepção de como se conformam as propostas regionalistas num cenário de disputas políticas e ideológicas entre dois blocos abordados distintamente. Essa querela tem continuidade, até mesmo, simultaneamente a emergência de um novo discurso regionalista em meados da década de 1920, tendo como centros intelectuais as cidades de São Paulo e de Recife, representando, respectivamente, as propostas modernistas e regionalistas. Este, entre outros, são os principais objetos de discussão a serem tratados na seção a seguir. A partir da investigação desses dados se colocará como viável a apreciação de como o migrante nordestino se configura como produto de um discurso construído, um “nativo” fiel às raízes e tradições da sua região natal.

1.3 Regionalismo Sociológico: Uma Nova Maneira de Ver o Nordeste

Para a ampla compreensão de como emerge um novo discurso regionalista, em meados da década de 1920, é necessário remeter para a crise de um paradigma num mesmo momento em que outro modelo alcança o ápice nas suas pesquisas. Faço referência direta ao período de crise do saber naturalista, sustentado por sua base científica evolucionista, no mesmo período em que o saber sociológico, pautado na ênfase às questões sociais e culturais, passa a assumir um notável papel na reflexão dos temas acerca da construção identitária do Brasil e do brasileiro. É nesse contexto que passam a ser pensadas, de forma inédita no Brasil, as identidades regionais a partir dos seus principais temas e características particulares. Nesse

⁴³ O Bloco Político do Norte. *O Estado de São Paulo*. 3 de Setembro, 1920, p.4, apud ALBUQUERQUE, Durval Muniz de, 2011, p. 55.

⁴⁴ BARROS, Paulo Moraes. Impressões do Nordeste. *O Estado de São Paulo*. 10 de Agosto, 1923, p.4, apud ALBUQUERQUE, Durval Muniz de, 2011, p.55.

sentido, temos a notoriedade das concepções culturalistas desenvolvidas pelo antropólogo alemão Franz Boas, crítico ferrenho das formulações naturalistas que buscavam relacionar as características de um povo pela predominância racial ou pela influência do meio em que o indivíduo se insere. Dentre as abordagens desenvolvidas por Boas se destacam aquelas que questionam uma suposta superioridade do fator europeu sobre outras sociedades. São essas formulações que servem de base para a construção do discurso regionalista e tradicionalista, onde não há uma hierarquia entre o Centro-Sul do Brasil e a região Nordeste.

No que concerne a essa ascensão sociológica no Brasil é imprescindível destacar para a introdução do fator histórico e de ordem cultural nessa nova forma de se pensar o Nordeste, graças à emergência dos estudos sociológicos, etnográficos e antropológicos no país. É a partir dessa abordagem que se descobre a necessidade se preservar, senão perpetuar, uma tradição, um valor regional ameaçado incessantemente pelas influências modernizadoras trazidas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

1.3.1 O Regionalismo Tradicionalista Nordestino

Antes de enfocarmos as matrizes regionalistas e tradicionalistas apresentaremos brevemente o ambiente intelectual responsável pela efervescência de suas propostas, sendo essas colocadas em contraposição direta com o movimento modernista, representado, sobretudo, pelos herdeiros da Semana de Arte Moderna de 1922, emergente nesse mesmo período histórico.

O contexto político de uma década em ebulição nos oferece uma ampla base de sustentação para compreendermos como, e por quem as matrizes regionalistas e tradicionalistas são difundidas e consolidadas no campo intelectual. A atenção a essa conjuntura política permite a investigação de como se conforma os diferentes discursos acerca das iniciativas empreendidas pelos governantes locais e nacionais, caracterizadas predominantemente pela hegemonia de estados determinados. É da crítica ou colaboração ao modelo de governo vigente que se constrói as matrizes, reivindicações e propostas dos regionalistas e modernistas.

Primeiramente, deve-se notar uma profunda cisão entre os que destacam a necessidade de se preservar um passado e os que têm na ênfase a uma mudança o ponto de partida para se construir um futuro desejado. Esse conflito é refletido de maneira direta na política recifense,

tomando posteriormente uma dimensão nacional nos dualismos entre modernistas e regionalistas. Apresentando as tensões do ambiente intelectual da década de 1920, Mariana Chaguri sintetiza:

Abre-se, assim, especialmente nos anos 20, um foco de disputa que envolve apenas tais polêmicas (Regionalistas e Modernistas da Semana de 22), mas abarca também os conflitos locais pelo poder político no estado. Nesses termos, o choque entre futuristas e regionalistas reflete também as disputas entre os grupos oligárquicos que aspiravam ao comando político da região.⁴⁵

Em segundo lugar, temos na insatisfação dos regionalistas com a interferência indevida do governo federal em Recife o maior argumento difundido no *Diário de Pernambuco*. Temos nesse periódico o mais notável veículo de comunicação das propostas regionalistas e tradicionalistas, sobretudo, a partir das contribuições de Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Osório Borba. Por outro lado, os *futuristas* tinham no *Jornal do Commercio* o mais importante meio difusor das suas matrizes baseadas na apologia ao progresso e modernização, principalmente a partir das participações do seu redator Joaquim Inojosa, principal rival ideológico do sociólogo Gilberto Freyre. Em síntese, notamos que a efervescência do discurso tradicionalista se dá num ambiente caracterizado pelo conflito ideológico entre dois grupos modernos: regionalistas e tradicionalistas.

Para pensarmos a emergência da vanguarda regionalista e tradicionalista no Nordeste é fundamental estabelecer um importante contraponto a uma identidade que se constituía em São Paulo após a Semana de Arte Moderna de 1922. Enquanto o ponto-chave do argumento regionalista de baseava na necessidade de resistir às influências modernizadoras que ameaçavam descaracterizar a paisagem tradicional nordestina, a vanguarda modernista paulista tem como principal preocupação fazer apologia a um progresso representado nos processos de civilização, urbanização e modernização da região.

A partir do tratamento dessas divergências travadas entre esses dois grupos de concepções distintas, devemos atentar para a heterogeneidade de propostas presentes no modernismo. Portanto, se configura como equivocado compreender sua vanguarda como única, isto é, não existe somente um movimento modernista. Esse aspecto pode ser verificado neste trabalho, quando temos o bloco paulista liderado por Mário e Oswald de Andrade como fonte de inspiração para as ideias em desenvolvimento em Recife, sobretudo pelos esforços de Inojosa.

⁴⁵ CHAGURI, Mariana. *José Lins do Rego e o Regionalismo Nordestino dos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: ANPOCS, 2009, p. 21.

É inserido na reação ao movimento realizado por esta última que Gilberto Freyre se coloca como principal baluarte da proposta regionalista nordestina sediada em Recife. Partindo do pressuposto que considera a importância da trajetória de um indivíduo como forma de conhecimento histórico, é destacável a notoriedade da figura de Freyre como principal precursor das matrizes regionalistas desenvolvidas no Nordeste brasileiro na década de 1920. Apesar de não haver aqui a intenção de apresentar uma pesquisa biográfica do precursor do tradicionalismo nordestino, é inquestionável que sua trajetória se confunde com a emergência do discurso no qual ele se configura como maior idealizador. Nesse sentido, relacionando indivíduo e sociedade, destacamos a analogia desenvolvida por Norbert Elias:

Considerados num nível mais profundo, tanto os indivíduos quanto a sociedade conjuntamente formada por eles são igualmente desprovidos de objetivo. Nenhum dos dois existe sem o outro. Antes de mais nada, na verdade, eles simplesmente existem – o indivíduo na companhia dos outros, a sociedade como uma sociedade de indivíduos – de um modo tão desprovido de objetivo quanto as estrelas que, juntas, formam um sistema solar, ou os sistemas solares que formam a Via-Láctea.⁴⁶

No que concerne a estreita relação entre as experiências de vida de Freyre e a emergência do seu regionalismo temos a insatisfação do mesmo que ao retornar dos Estados Unidos para Recife se depara com profundas transformações na sua região de origem. Ao reencontrar um Nordeste quase que desconhecido por ele, com características norte-americanas que o mesmo tanto repudiava, Freyre se coloca como principal idealizador das matrizes tradicionalistas.⁴⁷ Para isso, situando sua proposta em tempos modernos, o sociólogo recifense e grande colaborador do *Diário de Pernambuco* se alia com diferentes personalidades de diferentes campos de conhecimento, dentre tais José Lins do Rego, no objetivo de afirmar os principais elementos tradicionalistas que caracterizam o Nordeste.

No que se refere ao movimento regionalista e tradicionalista, não como um movimento separatista, mas como uma representação política representada pela reação das novas gerações das elites tradicionais aristocráticas que reage às transformações capitalistas e modernizadoras que ameaçam uma organização política, social e econômica; é imprescindível abarcar essa vanguarda como uma tentativa de recuperação de prestígio, por parte das antigas classes dominantes. Nesse sentido, o regionalismo tradicionalista pode ser compreendido

⁴⁶ ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 18.

⁴⁷ A insatisfação de Freyre com os exageros da modernização no Recife e na região como um todo é verificável em sua citação no *Diário de Pernambuco*: “Eu por mim já me sinto um tanto estrangeiro no Recife de agora. O meu Recife era outro”. Cf. FREYRE, Gilberto. *Diário de Pernambuco*. 20 de Abril, 1924, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984, p. 129.

como um esboço desesperado na busca de recuperação de uma hegemonia perdida, devido transformações consideráveis nos espaços antes dominados pela elite tradicional detentora de propriedades de terra, ou seja, a tentativa desenfreada de reocupar um lugar social privilegiado. É importante atentar que inexistente qualquer referência a uma tentativa de ascensão ou conflitos por uma igualdade social, mas o desejo de recuperação de um status perdido.

Considerando que um intelectual regionalista se encontra quase sempre distante de um centro de poder e cultural vigente, “ele faz da denúncia dessa distância, dessa carência de poder, dessa vitimização, o motivo do seu discurso”.⁴⁸ Na apresentação das principais preocupações que constituem o discurso saudosista produzido por essa geração falida e em crise, Durval Muniz de Albuquerque enfoca essa tensão entre preservação e progresso:

O movimento regionalista pensou o Nordeste a partir de uma rejeição ao mundo moderna que se implantava, de uma repulsa à sociedade burguesa, urbana e industrial, que dava claros sinais de implantação numa cidade como o Recife. O Nordeste é, portanto, visto como um espaço que deveria preservar o passado, um passado que teria sido aristocrático e glorioso.⁴⁹

Com a produção desse discurso, construída por uma elite letrada, predominantemente constituída de intelectuais que estudaram na Faculdade de Direito de Recife ou no Seminário de Olinda, era necessário tornar essa locução atrativa aos demais membros da intelectualidade no período, possibilitando então um maior número de adesões e colaboradores ao espírito regionalista. Para tal objetivo, se configurou como recorrente o emprego repetitivo dos elementos ligados à preservação e memória; folclore e popular; e regional e tradicional. Vale ressaltar a importância da repetição discursiva através dos seus símbolos, signos, textos e imagens, como forma de constituição de uma identidade produzida por sujeitos instituintes.

Em referência aos aspectos relacionados aos temas de preservação e memória, é possível estabelecer consideráveis conexões em comum com o regionalismo dos migrantes nordestinos nas décadas entre 1950 e 1980. Assim como este nordestino se encontra distante da sua região natal e busca preservar suas tradições e memórias, o intelectual que formula as matrizes regionalistas reage contra uma perda, e para isso precisam reconstruir uma parcela do que está prestes a se extinguir, isto é, produzir através da rememoração suas lembranças e saudades de momentos gloriosos. Vale ressaltar que, é na busca por um maior estreitamento

⁴⁸ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 63.

⁴⁹ Idem. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 103.

com seu passado que os migrantes nordestinos recorrem à literatura de cordel, considerando sua popularidade como narrativa que exprime os principais temas e acontecimentos característicos do Nordeste brasileiro. Essa explanação explica a razão do nordestino, caracteristicamente, buscar sua tradição num passado que é rural e pré-capitalista, numa organização social e familiar distinta do momento em que ele se insere.

Da mesma maneira, é costumeiro o emprego dos elementos folclóricos e populares na constituição discursiva do regionalismo. Essa recorrência funciona diretamente na sustentação de uma ideia de defesa do que é autenticamente regional, ou seja, o que é exterior a essa região é marginalizado por suas características descaracterizadoras. Nesse mesmo sentido, o aspecto folclórico desempenharia função essencial na absorção da figura do popular, representado por uma camada social e seus anseios em integrar uma nova sociedade em emergência. Desse modo, funcionando como elo entre um passado e um presente inevitável, o folclore se configuraria como um elemento que se aproxima do popular na perpetuação de valores, costumes e hábitos tradicionais, diminuindo os danos causados por uma nova organização social moderna. Por esta razão, o folclore é associado intimamente às práticas e representações populares, sobretudo no Nordeste, uma região marcada caracteristicamente pela originalidade das suas manifestações artísticas e culturais (re)produzidas pelo seu povo.

Na ênfase à recorrência dos aspectos ligados à relação entre tradição e região, a mesma acopla em sua predominância o corpo do discurso regionalista, assim como os demais conceitos apresentados anteriormente. Com efeito, por serem elementos constituintes do nome oficial da vanguarda passadista, “tradicionalismo e regionalismo são conceitos que se interpenetrarão, confundindo-se até, em alguns casos”.⁵⁰ Nesse caso, regionalismo se evidencia como referência ao espaço físico que é objeto dos discursos que são construídos pela intelectualidade; e tradicionalismo como os valores, hábitos, costumes que conquistaram paulatinamente seu lugar como características predominantes, como tradições estabelecidas. A relação entre tais conceitos, onde as transformações modernizadoras são explicitadas como ameaça a esse tradicional, pode ser exemplificada na seguinte explanação atribuída a Gilberto Freyre:

Já não se sucedem, entre canaviais, os casarões vastos de outrora, as casas-grandes de uma alvura liricamente portuguesa de cal e às vezes cor de ocre amarelo ou pintadas de azul, tendo perto o longo telheiro avermelhado do engenho, a casa de purgar, a de farinha ou a capela também muito branca de cal, uma ou outra pintada de azul. Elevam-se as usinas, as maiores arrivistas da paisagem, que dominam com escândalo enorme de suas chaminés. (...)

⁵⁰ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984, p. 103.

Isso é a paisagem rural. As cidades também se modificaram com a construção, sobre modelos europeus do século décimo nono, de gares, mercados, bancos; com a tração elétrica; com a luz de gás e logo a elétrica; com os novos tipos de residência de uma arquitetura quase sempre de confeitaria; com a preocupação com a linha reta à americana, que alterou, em vários bairros do Recife o à-vontade antigo das ruas.⁵¹

Apresentados os principais elementos constituintes das matrizes regionalistas emergentes no Nordeste da década de 1920, se configura como oportuno destacar como esse discurso é difundido e institucionalizado por parte da intelectualidade nordestina, sobretudo recifense. Para isso, delinearemos cronologicamente os principais marcos alcançados pela vanguarda regionalista e tradicionalista, um grupo onde se coloca como predominante a importância de se manter características saudosistas e resgatar um passado idealizado, sendo necessário para isso reagir contra os excessos da industrialização e da introdução de processos e técnicas modernizadoras na região, percebidas como ameaças de descaracterização.

1.3.2 A Institucionalização do Regionalismo Tradicionalista Nordestino

Abalizado pela emergência dos estudos sociológicos, antropológicos e etnográficos, a década de 1920 se coloca como período privilegiado para a constituição e difusão de novos paradigmas, modelos esses preocupados com a construção de uma identidade nacional e regional. É desse ambiente efervescente que se dá a notoriedade das propostas regionalistas, a partir da recorrência a artigos numerados em periódicos como recurso para a difusão das suas principais concepções e indagações que se colocam para serem discutidas. Na percepção de como se dá a institucionalização discursiva da vanguarda regionalista enfocaremos os principais caminhos trilhados por esse movimento regional liderado efetivamente pelo sociólogo Gilberto Freyre, responsável direto pela relevância dos argumentos difundidos pelo grupo passadista.

Na percepção dessa trajetória adotada pelo regionalismo tradicionalista, nosso trabalho atribui ao semanário *Dom Casmurro* o título de primeira grande manifestação direcionada pelo grupo regionalista, no ano de 1922. Organizado por José Lins do Rego e Osório Borba, esse panfleto literário e político se configura como veículo que critica vivamente os principais representantes do modernista da Semana de Arte Moderna e suas proposições futuristas.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941, p. 107-108.

Tratando as principais críticas e hostilidades a essa proposta radicada em São Paulo, realizadas por essa revista panfletária, Azevedo enumera:

Já no número de estréia, a 1º de Novembro de 1922, num artigo sem assinatura, “O pensamento brasileiro na voz das novas gerações”, faz-se o elogio do livro de poemas, *Horizonte*, de Oliveira e Silva, “em que o lirismo parnasiano esplende, brilhante e claro, como a melhor resposta às extravagâncias infantis que a geração dos futuristas de São Paulo tenta agora mesmo erigir em doutrina de reação contra a estética parnasiana”. No número 6 de Novembro, em artigo também sem assinatura, “Restrições aos nossos exageros”, sobre o teatro nacional, escreve-se que em São Paulo “há uma porção de energias perdidas nas preocupações preciosas do <<futurismo>>, ou melhor, um melhor esnobismo literário”. No número 3, de 13 de Novembro, num artigo ainda uma vez sem assinatura, “Enquanto os futuristas de São Paulo fazem ridículos, uma geração no Sul salva a cultura brasileira”, volta-se a criticar os futuristas de São Paulo, contrapondo-os à “nova geração intelectual do Rio”. *Klaxon* é criticada, enquanto *Árvore Nova*, do Rio, merece elogios. O grupo de São Paulo “inventa originalidades fáceis a custo de escândalo de ignorância.”⁵²

Deslocando nosso foco do plano cultural para o político, são característicos na *Dom Casmurro* a recorrência a questionamentos políticos acerca da má administração dos políticos locais e do governo federal, esses últimos responsáveis pela descaracterização gradual do Nordeste tradicional. Com efeito, se observa a solidez ideológica, assim como o posicionamento político, explícitos nessa primeira notável publicação. Vale ressaltar que foi através da recepção dos argumentos difundidos nesse panfleto que Gilberto Freyre conheceu da Europa as ações empreendidas por José Lins do Rego. Em entrevista a Moema D’Andrea e Rosa Maria Godoy Silveira, concedida no ano de 1983, Freyre qualifica a atuação de Rego no semanário como “uma das mais belas coisas na vida desse meu amigo”⁵³, e é a partir da identificação ideológica estabelecida entre os tradicionalistas que se assegura uma cooperação e uma amizade duradoura.

No ano posterior, em 1923, com o surgimento da *Revista do Norte*, temos uma maior preocupação dos intelectuais regionalistas em organizar suas propostas e ideias, diminuindo conseqüentemente a intenção anterior voltada para a desqualificação do modernismo futurista de São Paulo e de seus representantes. Referida por Freyre como uma “interessante revista boemiamente irregular na sua publicação, quase um jornal de colégio na circulação, mas superior a qualquer revista atual do Brasil, na estética tipográfica”⁵⁴, a *Revista do Norte* apresenta logo em seu primeiro número, em 8 de Novembro de 1923, um levantamento

⁵² AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984, p. 39-40.

⁵³ D’ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, p. 24.

⁵⁴ FREYRE, Gilberto. A Pintura no Nordeste. In: *Livro do Nordeste*. Recife: Oficinas do Diário de Pernambuco, 1925, p.129, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes, 1984, p. 112-113.

detalhado de suas três preocupações centrais. Segundo o editorial da revista, seu maior anseio consiste na valorização do passado, dos costumes e das tradições, isto é, na ênfase aos aspectos característicos da região Nordeste e dos seus estados. Entretanto, temos na terceira preocupação central da *Revista do Norte* um importante elemento que nos permite pensar a já mencionada possibilidade de conciliação entre o antigo e o moderno, visto que, é explicitado o objetivo em se propor a estudar o que houve de moderno nas artes, assim como seu desenvolvimento progressivo.⁵⁵ Nesse sentido, é oportuno mobilizar a diferenciação colocada por Gilberto Freyre entre o que é moderno e modernista. Partindo do pressuposto que a emergência e o desenvolvimento das matrizes regionalistas se dão na modernidade, o sociólogo afirma que sua vanguarda seria moderna, mas não modernista, visto que moderno se configuraria apenas como mudança de forma, mesmo defendendo a manutenção dos mesmos conteúdos, estes essencialmente inalteráveis.⁵⁶ Em outras palavras, mesmo que recorrendo a uma valorização dos aspectos do passado, a proposta Freyreana se configura como moderna, visto que atende as demandas da sociedade contemporânea.

Entretanto, é direcionado pelos esforços e incentivo de Gilberto Freyre que o regionalismo tradicionalista ganha maior organização e homogeneidade, sobretudo com a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, e com a realização do Primeiro Congresso Regionalista, em 1926. Segundo os historiadores Souza Barros⁵⁷ e Tadeu Rocha⁵⁸, esses dois eventos se colocam como indispensáveis no alargamento do raio de ação do regionalismo, descentralizando sua produção em Recife, e difundindo-a pelos estados de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

No que concerne a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, temos a partir desse marco uma crescente considerável no número de intelectuais colaboradores a arregimentação regionalista. Mesmo considerando a notoriedade de Freyre, não podemos compreender essa fase vanguardista como de um homem só, mas pela colaboração entre figuras proeminentes do campo intelectual, tais quais: Odilon Nestor, Amauri de Medeiros, Alfredo Freyre, Antônio Inácio e Moraes Coutinho. Nesse sentido, no que se refere à controversa fundação do

⁵⁵ *Revista do Norte*. 8 de Outubro, 1923.

⁵⁶ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 104.

⁵⁷ BARROS, Souza. *A Década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Paralelo, 1972.

⁵⁸ ROCHA, Tadeu. *Modernismo e Regionalismo*. Maceió: Imprensa Oficial de Alagoas, 1964.

Centro⁵⁹, Gilberto Freyre atribui a Odilon Nestor maior iniciativa e idealização. Dirigindo-se a Nestor, Freyre é categórico:

Há doze anos foi você que fundou em sua casa de Paissandu, sem medo do ridículo, em volta de uma mesa de chá com sequilho e bolo de goma, aquele saudoso 'Centro Regionalista do Nordeste' para defesa das tradições regionais; 'Centro que um dia talvez será considerado histórico.'⁶⁰

A fundação do Centro se coloca como acontecimento imprescindível para uma maior organização das propostas construídas pela vanguarda regionalista e tradicionalista. Responsável pela promoção da Semana das Árvores, onde seriam premiados a mais bela fotografia e desenho das árvores do Nordeste, o Centro tem como um dos seus vários objetivos realizar conferências e exposições de arte com o intento de agregar os elementos tradicionais da cultura nordestina. Em referência aos demais objetivos traçados nas reuniões dos integrantes do Centro Regionalista se destacam a necessidade de se desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, a valorização dos bons elementos da inteligência nordestina e consequente exclusão de qualquer particularismo provinciano, o distanciamento com correntes partidárias no desenvolvimento das suas atividades, e a defesa dos interesses regionais na sua solidariedade.⁶¹ A partir da organização das ideias em torno da valorização do Nordeste, enquanto região, assim como das suas características tradicionais, o Centro exerce importância imprescindível para a realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Realizada durante o carnaval de 1926 em Recife, o Congresso Regionalista se coloca como acontecimento singular e propício para a explicitação das verdadeiras matrizes regionalistas, muitas vezes julgadas com preconceito e mal compreendidas. Funcionando igualmente como marco notável para a atração de novos colaboradores, José Lins do Rego apresenta no prefácio de *Região e Tradição* a diversidade de pessoas que convergiram para o Congresso. Percebendo o episódio como caminho para a vida, Rego ressalta seu acontecimento como um movimento composto por:

⁵⁹ A fundação do Centro Regionalista do Nordeste é objeto de recorrente discussão historiográfica. Exemplo deste impasse é a consideração de Tadeu Rocha no *Diário de Pernambuco*, onde o mesmo atribui a Gilberto Freyre sua fundação. Entretanto, como o próprio sociólogo regionalista atribui esse marco a Odilon Nestor, me posicionarei em acordo com sua afirmação. Cf. ROCHA, Tadeu. Há 50 anos era fundado o Centro Regionalista do Nordeste. In: *Diário de Pernambuco*. 28 de Abril, 1974.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941, p. 263.

⁶¹ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984, p. 146.

Moços e velhos, gente das tendências mais opostas. Chamou (Gilberto Freyre) padres, juízes, senhores de engenho, advogados, médicos, presidentes de clube de carnaval, velhas cozinheiras, doceiras, o governador do estado, o arcebispo, o juiz federal.⁶²

Apresentado entre os dias 7 e 11 de Fevereiro, e voltado para o debate e discussão em torno da valorização dos aspectos econômicos, sociais, artísticos e intelectuais, estritamente nordestinos, a realização do Congresso pode ser percebido como o ápice da vanguarda na difusão das suas ideias e concepções. Na descrição do primeiro dia do Congresso Regionalista, Rezende destaca os temas e os protagonistas responsáveis pela enunciação das palestras que sucederam naquele dia 7 de Fevereiro de 1926:

Foi no salão nobre da Faculdade de Direito de Recife, no dia 7-2-26, que, finalmente, realizou-se a sessão inicial do Congresso Regionalista do Nordeste. O discurso inaugural foi feito por Moraes Coutinho, havendo também um recital de poemas de Ascenso Ferreira e apresentação do violista cego alagoano Manoel de Lima. O discurso reafirmou as vantagens do regionalismo harmonizado com o nacionalista e mesmo com o cosmopolitismo. Mais uma vez a força da tradição foi ressaltada como elemento, inclusive, de renovação.⁶³

Foi nessa ocasião que teria sido lido supostamente o principal manual das propostas regionalistas e tradicionalistas por Gilberto Freyre, o Manifesto Regionalista, apesar das desconfianças do modernista recifense Joaquim Inojosa já discutidas no decorrer deste trabalho. Antes de ressaltarmos o conteúdo expresso no Manifesto, faremos referência a outra notável manifestação adotada por Freyre em sua representação do movimento regionalista.

Como uma das comemorações dos 100 anos de existência do *Diário de Pernambuco*, o mesmo periódico fez circular no ano de 1925, com o título de *Livro do Nordeste*, uma compilação de artigos e trabalhos numerados na tentativa de fazer uma apologia aos valores mais característicos do Nordeste. Contando com a figura proeminente de Gilberto Freyre como redator do jornal centenário, este livro conta com um corpo heterogêneo de colaboradores, propiciando igualmente uma gama de matérias diversas. No que concerne a essa diversidade de conteúdo, Rezende destaca a composição desse material “com ênfase claro na história do Nordeste e de Pernambuco, passando pela vida literária, economia, jornalismo, viação férrea, música, secas, agricultura, medicina e até a arte da produção de

⁶² REGO, José Lins do. Notas Sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941, p. 11.

⁶³ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: Histórias da Cidade de Recife na Década de 20*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 156.

renda”.⁶⁴ Contando com uma boa repercussão no ambiente intelectual da década de 1920, exemplificado pela admiração de figuras como a do poeta Manuel Bandeira, apesar de não ter sido executado em sua totalidade, este livro se configura como repositório de um farto material para o estudo do Nordeste.

Tomando o *Manifesto Regionalista* como foco analítico em nosso trabalho, atribuiremos seu conteúdo como manual das principais correntes ideológicas que constituem o discurso regionalista e tradicionalista. Para isso, será necessário acreditar na sua leitura durante o Congresso Regionalista do Nordeste no ano de 1926, por Gilberto Freyre. Se considerarmos a ausência da explanação desse manifesto na década de 1920 e sua produção no ano de 1952, como afirmava Joaquim Inojosa, não poderemos corroborar para a atribuição que dá a esse suposto registro o título de principal repositório das matrizes regionalistas.⁶⁵ Isso se explica pela descontextualização com o momento histórico no qual o manifesto teria sido pronunciado, sendo necessário atribuí-lo o papel de objeto de interlocução. No entanto, como a tese do modernista recifense não é garantida por provas concretas, retificaremos a concepção que percebe sua locução durante o carnaval de 1926, e sua primeira edição escrita no ano de 1952.

No que se refere ao conteúdo do *Manifesto Regionalista*, utilizarei como base a edição produzida pelo Ministério de Educação e Cultura no ano de 1955. Priorizando a abordagem dos elementos que mais nos interessam apresentados neste documento, inicialmente Freyre busca legitimar a obra como produto da leitura do Congresso Regionalista realizado no mês de Fevereiro de 1926, lembrando que tal Congresso foi o primeiro do gênero no Brasil e em toda América.⁶⁶ Posteriormente, definindo o Regionalismo de Recife, o autor destaca a valorização do aspecto rural ou folclórico da paisagem ou da vida no movimento, evitando qualquer tipo de confusão do mesmo com uma forma de separatismo. A partir da discussão em torno do separatismo, evidenciando seu envolvimento com temas recorrentes, Freyre adentra na questão política, criticando a organização nacional republicana por meio de

⁶⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: Histórias da Cidade de Recife na Década de 20*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 155.

⁶⁵ Em *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*, Neroaldo Pontes Azevedo atribui ao *Livro do Nordeste* o papel de principal elemento de síntese das ideias de Gilberto Freyre na década de 1920, reduzindo conseqüentemente a importância do *Manifesto Regionalista*. Sua concepção se explica pela ausência de qualquer referência nos jornais da época sobre a leitura do manifesto no ano de 1926. Reiterando seu argumento, ele cita um artigo recente do próprio Freyre, que afirma que a documentação lida no Congresso teria desaparecido da casa do seu pai, resultado de saques e incêndios brutais. (p.154.). Cf. FREYRE, Gilberto. A Propósito de Equívocos. In: *Jornal do Commercio*. 14 de Dezembro, 1980.

⁶⁶ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, Serviço de Documentação, 1955, p. 6.

estados, o que promoveu o esquecimento das regiões pelas autoridades do governo.⁶⁷ A partir dessa consideração Freyre prioriza uma organização regional como possibilidade de preservação da unidade nacional, ameaçada pela arbitrariedade estadual efervescente na passagem do século XIX para o XX:

O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de “estados”, uns grandes, outros pequenos a se guerream economicamente num jogo perigosíssimo para a unidade nacional. Regionalmente é que deve o Brasil ser administrado.⁶⁸

Deslocando-se da questão política para a cultural, o sociólogo enfatiza a contribuição nordestina para a autenticidade e originalidade brasileira, sendo tais exemplificados na valorização dos mucambos e das velhas ruas estreitas do Nordeste, que segundo Freyre, eram os principais alvos do “desprezo dos engenheiros mais simplistas, místicos do cimento armado e mistagogos das avenidas largas”.⁶⁹ Seguindo as hostilidades contra seus rivais ideológicos, implicitamente direcionada aos representantes do modernismo paulista, o autor critica a atitude dos elegantes e eruditos responsáveis pela reprovação dos valores populares e folclóricos. Sendo tais valores representados pela ameaçada tradição culinária nordestina influenciada por Portugal e pelos engenhos patriarcais. Até os sobrados e casas nobres da cidade, onde os quitutes eram apreciados, são lembrados por Gilberto Freyre.⁷⁰

No decorrer da obra, o sociólogo destaca que a ameaça exterior não garante a derrota das tradições e dos valores regionais nordestinos. No entanto, como reação a essas transformações se configuraria como indispensável à combinação, mistura, e fusão entre a gente do povo: portugueses, indígenas, espanhóis, franceses, africanos, holandeses, judeus, ingleses, italianos.⁷¹ Do mesmo modo, é ressaltada a necessidade de se buscar a tradicionalidade inerente aos artistas regionais (poetas, romancistas, contistas, pintores, fotógrafos e compositores). Somente através da apologia a esses elementos característicos do Nordeste seria possível o resgate dos valores regionais negligenciados por uma “onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo”.⁷²

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, Serviço de Documentação, 1955, p. 15-16.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 18.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 26.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 29-42.

⁷¹ *Ibidem*, p. 48.

⁷² *Ibidem*, p. 54.

Apresentados os dados que oferecem base para abrangermos a emergência e difusão do discurso regionalista no Nordeste da década de 1920, sobretudo pelo viés sociológico, se coloca como relevante ressaltar como a literatura se apropria desse discurso. Atribuindo a vanguarda tradicionalista influência direta sobre a inclusão das suas abordagens no seio das produções literárias na década posterior, Durval Muniz de Albuquerque faz a seguinte consideração:

É também nos anos 1930 que surge um conjunto de obras literárias, fruto das transformações estéticas trazidas pelo modernismo e das sugestões temáticas colocadas pelo regionalismo e tradicionalismo, o chamado Romance de 30, que é fundamental para compreender muitas das imagens que ainda circulam sobre o Nordeste e o nordestino em outras áreas do país.⁷³

No entendimento amplo dessa maneira singular de tratar o regionalismo no Nordeste, adotada pela literatura, apresentaremos os principais temas que norteiam essa nova abordagem onde realidade e ficção se confundem. Do mesmo modo, serão enfatizadas suas principais obras e seus respectivos autores, contribuindo efetivamente para nossa compreensão acerca de como se deu a construção gradual de uma identidade regional nordestina. Essa produzida literariamente na década de 1930 a partir da apresentação dos temas regionais característicos do Nordeste, com recorrência a um tom explicitamente crítico e denunciativo.

1.4 Os Romances de 30: A Literatura à Serviço do Discurso Regionalista

Na investigação de como se desenvolveu a apropriação do discurso regional pela literatura se configura como fundamental estabelecer as principais semelhanças e diferenças contidas entre a abordagem optada pelos intelectuais tradicionalista na década de 20 e a direcionada pelos literários na década posterior. No que concernem as similitudes, temos em ambos os movimentos regionais a utilização de um discurso de resgate, uma tentativa desesperada de trazer ao presente uma ordem estabelecida no passado, essa marcada pelo prestígio de uma sociedade aristocrática e patriarcal ameaçada pela introdução de processos de modernização. Vale ressaltar que assim como os intelectuais engajados no movimento

⁷³ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 122.

passadista liderado por Freyre, os literários responsáveis pela produção desses romances são os herdeiros de uma geração aristocrática antes hegemônicas, por esta razão buscam o resgate de uma ordem esquecida. Em outras palavras, persiste nas duas abordagens a construção de um modelo regional como um espaço de valorização da tradição e do saudosismo. Por outro lado, ressaltando a principal diferença colocada entre a vanguarda regionalista tradicionalista e a narrativa produzida nos romances de trinta, temos nas manifestações literárias uma predisposição a ser crítica, e é através dessa característica que essas obras literárias se colocam numa maior proximidade com o “povo”⁷⁴.

Na década de 1930, passam a serem colocados pela literatura possíveis questionamentos como reação à substituição gradual de uma sociedade tradicional por uma organização urbano-industrial. Em referência a essa característica mais agressiva, crítica e denunciativa, Rubervânio Lima destaca a notoriedade desse romance regionalista como produção voltada para a “provocação da conscientização através das obras, com ímpeto de denúncia, mas com um ideal de criticar, denunciar a questão social, mas contribuir assim, para sua solução”.⁷⁵ Com efeito, os principais temas regionais (seca, coronelismo, cangaço, messianismo, etc.) são utilizados conscientemente como objetos denunciativos dessas condições enfrentadas pela região e pelos indivíduos nela inseridos, e esta construção discursiva pode ser colocada como uma relevante explicação para o porquê dos nordestinos serem vistos como um bloco fixo e estável, indivíduos percebidos como humildes flagelados, vítimas das condições naturais da região e do preconceito por parte das autoridades políticas governamentais. Em outras palavras, considerando a recorrência a um discurso de estereotipia para a classificação tipológica dos nordestinos, “estes tipos que seriam regionais, como o retirante, o flagelado e o cangaceiro, são fundamentais para entendermos a forma como o nordestino (...) se vê e é visto pelos habitantes de outras áreas do país”.⁷⁶

A partir dessa crítica, corroborada pela corrente interpretativa desenvolvida por Durval Muniz de Albuquerque, não pretendo em nenhuma hipótese negar que a região Nordeste seja vítima de uma desigualdade e de uma miséria social, mas enfatizar que ela não é a única afetada por esses males. Isto é, da mesma maneira, ela não pode ser compreendida exclusivamente por esses elementos reproduzidos nos romances regionalistas. Em referência a

⁷⁴ Refiro-me ao estrato social que não é parte do círculo intelectual, sobretudo a classe média, composta de sociólogos, jornalistas, antropólogos e literários.

⁷⁵ LIMA, Rubervânio. *Regionalismo Sertanejo*. Paulo Afonso: Perse, 2011, p. 14.

⁷⁶ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 95.

esse aspecto, responsável pela percepção estereotipada do Nordeste e dos nordestinos, o próprio Albuquerque critica:

O Nordeste nunca teve e não tem o monopólio da miséria e da exclusão social, marca de toda a sociedade brasileira. O Nordeste não é o único espaço no Brasil onde a violência, causada, entre outras coisas, pela enorme dívida social que o país acumulou durante sua história, tem adquirido contornos explosivos. O analfabetismo, a indigência, a fome, a falta de acesso aos bens mais primários e a certos bens trazidos pela sociedade de consumo e apresentados como necessidades indispensáveis para a vida humana, estão presentes nos grandes centros urbanos do país e não apenas nas cidades do Nordeste ou mesmo no sertão nordestino.⁷⁷

No entanto, na minha visão, é questionável sua inserção das condições naturais da região a esse modelo explicativo, visto que temos na má distribuição das chuvas no Nordeste um caso singular na comparação com as demais regiões nacionais. Com efeito, este elemento ainda é insuficiente para atribuir a seca todas as mazelas sociais, dentre tais a emergência do cangaceirismo. Da mesma forma, se configura como generalizante e determinista apagar todas as multiplicidades regionais em nome de um fenômeno climático, colocando este como objeto privilegiado para a formação de um discurso vitimizador dos nordestinos. Esta consideração é apresentada por Iná Elias de Castro em *O Mito da Necessidade*⁷⁸ e *Natureza, Imaginário e a Reinvenção do Nordeste*, onde a geógrafa desqualifica este discurso em que “a seca progressivamente deixava de ser percebida como o que realmente é, um fenômeno climático, para tornar-se sujeito das mazelas sociais do território nordestino e parâmetro das suas soluções”.⁷⁹

No enfoque do aspecto tradicional contido nessas obras, que combinam realidade e ficção em seus conteúdos, é importante notar como as transformações modernas e capitalistas são experimentadas como forma de exploração. Em outras palavras, percebidas como valores estranhos a uma sociedade voltada à preservação dos elementos do passado, a penetração desses modelos descaracterizadores são compreendidos como parte de um projeto opressor direcionado aos nordestinos. A recorrência a esse elemento tradicional constituinte nessas produções literárias, que nos interessam diretamente para refletir sobre como o migrante

⁷⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 125.

⁷⁸ CASTRO, Iná Elias de. *O Mito da Necessidade: Discurso e Prática do Regionalismo Nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

⁷⁹ Idem. *Natureza, Imaginário e a Reinvenção do Nordeste*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENTHAL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 133.

nordestino, em sua predominância, é condicionado a ser um sujeito ligado aos valores da sua terra natal, é sintetizado por Albuquerque no seguinte trecho:

O chamado “romance de trinta” institui como “temas regionais”: a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço e a seca como a epopeia de retirada. Esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias, foram agenciados por essa produção literária tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional (...) Além de impressionarem, de chamarem a atenção dos leitores de classe média e das grandes cidades, esses temas permitiam calcar a própria ideia de Nordeste no pólo oposto da modernização capitalista.⁸⁰

Sob o risco de ser anacrônico, mas considerando a importância do estabelecimento de analogias nos estudos históricos, é possível mencionar as possíveis semelhanças entre a sociedade tradicional nordestina e a cultura tradicional da plebe descrita por E.P Thompson. Assim como na literatura regionalista, onde a introdução de técnicas de modernização é percebida como uma das razões de parte dos males sociais do Nordeste, o historiador britânico, em sua análise do caso da cultura conservadora plebéia, descreve o progresso sob o viés de exploração, como pode ser constatado no fragmento a seguir:

A cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia que os governantes, os comerciantes ou empregadores querem impor. A inovação é mais evidente na camada superior da sociedade, mas como ela não é um processo tecnológico/social neutro e sem normas (“modernização”, “racionalização”), mas sim a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe como uma exploração, a expropriação de direitos de usos costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer. Por isso a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes.⁸¹

A partir da apresentação desses dados que permitem abranger as principais características da literatura regionalista na década de 1930, se configura como oportuno verificar como os temas regionais são expressos nessas obras. Para isso, recorreremos à investigação de alguns romances, estes selecionados propositalmente por sua capacidade de nos oferecer um suporte para entendermos como a identidade nordestina é construída através dos seus elementos próprios, estes defendidos e preservados por uma parcela considerável dos seus conterrâneos.

Antes de adentrar na investigação de como os principais temas nordestinos são utilizados para criticar uma situação social vigente na região, é indispensável ressaltar quem

⁸⁰ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 137.

⁸¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 19.

são os autores que produzem essas obras literárias. Faço referência a literatos que são herdeiros de uma geração de representantes de uma sociedade tradicional, marcada por uma organização patriarcal e escravista, e é justamente na defesa de um resgate do passado que se pautam os objetivos desses literários. Vale ressaltar que as lembranças de infância, por parte dos autores, se colocam como importante elemento para se pensar a existência de uma abordagem saudosista nessas produções.

Dentre os principais representantes desse movimento regional literário da década de 30, se destacam as figuras como a de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, que contemplados por uma significativa extensão do mercado editorial do país⁸² e da comercialização de livros, tem no maior alcance das suas obras a possibilidade de transmitir para outras regiões nacionais os problemas, carências, e principais tradições nordestinas. Reprodução essa responsável pela construção de uma imagem estereotipada do Nordeste como espaço físico caracterizado pelo sol escaldante, os cactos espinhosos, e os ossos de animais dizimados pela seca espalhados pelo chão rachado; e do nordestino como indivíduo miserável, atrasado e jocoso.

Em referência as obras produzidas pelos principais literatos regionalistas, temos a narração dos principais elementos e características que constituem a região nordestina. Essa constatação pode ser observada em *A Bagaceira*⁸³, texto literário produzido em 1928 sob autoria de José Américo de Almeida. Considerada pelos estudiosos do tema como marco inicial da abordagem regionalista na literatura, tal obra privilegia o tratamentos de questões que permeiam o Nordeste, como a da seca, coronelismo e economia açucareira. Nesse sentido, segundo o escritor, o sertão se configuraria como o ambiente que melhor representaria a sociedade nordestina.

No entanto, ressaltando que a ruptura e o estabelecimento de um paradigma nunca são dados numa cronologia exata, os romances de José Américo de Almeida revelam traços das concepções naturalistas e eugenistas que marcaram o regionalismo na passagem do século XIX para XX. Em outras palavras, influenciado pelo mito do sertão de Euclides da Cunha, é possível verificar nas obras de José Américo de Almeida passagens que associam a imagem do típico sertanejo como tipo regional superior por não possuir sangue negro. Essa tipologia

⁸² Sobretudo com a chegada da editora José Olympio ao Rio de Janeiro em meados da década de 1930.

⁸³ ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ideal garantida ao sertanejo atribuía ao mesmo a capacidade de dar fim ao maior problema que atrapalhava a afirmação da sociedade sertaneja no Nordeste: a seca.⁸⁴

Nas principais obras produzidas por Rachel de Queiroz, tais quais *O Quinze*⁸⁵ e *Caminho das Pedras*⁸⁶, temos uma abordagem caracterizada por um maior toque político e crítico. Em sua literatura regionalista, como destaca Almir Andrade, é enfocada a rebeldia do homem nordestino com a introdução de técnicas modernizadoras no Nordeste, sendo tal colocada como representação de um suposto progresso e civilização.⁸⁷ Nesse sentido, a escritora abarca esse processo como responsável pela decomposição de uma ordem idealizada antes estabelecida. De forma geral, suas obras reproduzem a sociedade nordestina como baseada nos valores patriarcais, sendo constituída de homens fortes e viris. A partir desse tratamento podemos verificar similaridades na abordagem dada pelos romances regionalistas e na reproduzida nos cordéis que narram as personalidades dos cangaceiros em suas aventuras e façanhas.

Em Graciliano Ramos a questão da seca se configura como principal temática, sobretudo em *Vidas Secas*⁸⁸, onde as famílias nordestinas se vêem forçadas a se deslocarem na região em busca de condições menos insalubres. Contudo, é em *Infância*⁸⁹ que verificamos uma posição mais crítica do escritor com a gradativa descaracterização da sociedade tradicional nordestina.

A grande família patriarcal estava morta, esfacelada, deixando sem proteção os filhos pobres. A honra tradicional sertaneja foi reduzida a cacos pela nova sociabilidade. (...) O fim da escravidão trouxera pobreza, devastação, indícios de miséria, desalentos, rugas e cabelos grisalhos para muitos senhores.⁹⁰

Por fim, os romances literários de José Lins do Rego nos oferecem uma ampla contribuição para pensarmos a representação da decadência da sociedade tradicional, e no mesmo plano a introdução de um processo de modernização responsável pela decomposição

⁸⁴ MORAES, Mária Célia de. Antes que me falem d'A Bagaceira. In: *O Estado de São Paulo*. 17 de Setembro, 1978, p.23, apud ALBUQUERQUE, Durval Muniz, 2011, p.156.

⁸⁵ QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

⁸⁶ Idem. *Caminho Das Pedras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

⁸⁷ ANDRADE, Almir. *Aspectos da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1939.

⁸⁸ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 55. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

⁸⁹ Idem. *Infância*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

⁹⁰ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.261.

das relações estabelecidas no passado próximo. Assim como a predominância dos romancistas regionalistas, José Lins do Rego produz suas obras a partir de uma influência direta das suas memórias da infância. Herdeiro da vanguarda regionalista tradicionalista dirigida pelo seu amigo Gilberto Freyre, é José Lins do Rego que vai tratar mais abertamente sua crítica às transformações ocorridas nos modos de produção, nas relações sociais, e na paisagem tradicionalmente nordestina. A partir de um levantamento do que há de mais relevante em seus romances para pensarmos a construção de uma faceta tradicionalista do Nordeste e dos seus conterrâneos, podemos destacar as seguintes obras de José Lins do Rego: *Menino de Engenho*⁹¹, *Doidinho*⁹², *Banguê*⁹³ e *Usina*⁹⁴. Constituindo-se como quatro dos cinco romances da série *Ciclo da Cana-de-Açúcar*⁹⁵, tais publicações se configuram como imprescindíveis para pensarmos a relação entre tradição e nostalgia.

De forma geral, José Lins do Rego destaca em suas obras um valor saudosista acerca da sociedade açucareira em que ele vivera sua infância. Em seus romances, recorrendo à criação do personagem Carlinhos, o escritor releva aspectos que constituem sua memória, a exemplo da relação do seu avô com os senhores de engenho, sua relação com as afetuosas negras cozinheiras, perpassando pelo seu ingresso no colégio⁹⁶, e o retorno ao engenho do seu avô quando se depara com a decadência de uma idealizada sociedade tradicional.

Analisando em conjunto as obras regionalistas tratadas aqui em seus aspectos tradicionais, temos como elemento-chave o argumento denunciativo acerca do caráter devastador nas transformações modernas no Nordeste, sobretudo no sertão onde a ordem tradicional se coloca como mais enraizada. Isto é, a partir da fusão entre ficção e realidade, os

⁹¹ REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 84. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

⁹² Idem. *Doidinho*. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

⁹³ Idem. *Banguê*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

⁹⁴ Idem. *Usina*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

⁹⁵ Designação realizada pelo próprio José Lins do Rego na referência ao auge, decadência e crise do engenho açucareiro no Nordeste. No prefácio de *Usina*, o literário trata a produção dessa série de livro a partir da seguinte maneira: “A história desses livros é bem simples – comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida que eu queria contar”. Cf. REGO, op cit, nota 94, p. 20.

⁹⁶ No que concerne ao ingresso do personagem Carlinhos na escola, José Lins do Rego apresenta em *Doidinho* o conflito do protagonista do romance com uma sociedade marcada por novos hábitos e costumes. Sobre esse aspecto, Marguerita Russoto estabelece duas direções no respectivo romance: uma de desdobramento espacial, com a mudança do protagonista do romance para o colégio interno em Itabaiana; e outra de caráter temporal, representada na presença das lembranças da sua infância simultaneamente a formação da sua maturidade. Cf. RUSSOTO, Margherita. *Arcaísmo e Modernidade em José Lins do Rego: Uma Leitura de Doidinho*. 1987. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987, p. 61-63.

romances de trinta apresentam explicitamente a pressão exercida pela urbanização e modernização como maior responsável pela decomposição e descaracterização de uma sociedade hegemônica e gloriosa em sua memória, resultando na orfandade dos herdeiros dessa geração passada. É no seio dessa proposta crítica, onde os efeitos da modernidade se colocam como assombrações, que se constrói a imagem estereotipada do nordestino como sujeito forte por resistir à seca; hábil por saber lidar com as características, por muitas vezes, hostis do sertão; tradicional na tentativa preservação dos hábitos e costumes; e saudosistas por buscarem manter vivam possíveis elementos do passado.

Com efeito, a partir dos discursos desenvolvidos no desenrolar deste capítulo, destacamos como a identidade dos nordestinos é forjada na modernidade, definindo assim a constituição do nordestino como um homem forte e que afirma seu papel como um indivíduo fiel às suas raízes regionais. Recorrendo a esses discursos regionalistas, concebidos como formadores identitários, buscaremos apresentar no decorrer deste trabalho dissertativo de que maneira os variados gêneros artísticos, a exemplo do forró de Luiz Gonzaga e sobretudo a literatura de cordel, incorporam essas locuções.

Através da apresentação desses dados no decorrer do capítulo esperamos ter contribuído na compreensão da construção da imagem do conterrâneo do Nordeste a partir das características que lhes são atribuídas. Isto não nos deve fazer creditar todo nordestino como retirante, forte, saudosista e tradicional, mas nos fazer compreender que, como objeto desse discurso, muito dessas características passam a ser apreendidas e aceitas por uma parcela considerável de nordestinos, e é através dessa consideração que esta pesquisa é delineada. Com efeito, o enfoque a esses discursos construtores de identidade se configura como relevante para pensarmos como a ligação do migrante nordestino com os elementos típicos da sua região se constitui, sobretudo a partir da leitura de um tema estritamente regional e tradicional no cordel: o cangaço.

2 A LITERATURA DE CORDEL EM SUAS TRAJETÓRIAS E DESLOCAMENTOS

Dou neste livro aos leitores
Algumas informações
Sobre o autentico cordel
E as suas inzenções
Como chegou no Brasil
E como se traduzil
E se feis comunicações⁹⁷

A partir da citação conferida ao cordelista popular Jota Rodrigues apresentaremos os principais dados acerca da literatura de cordel. Para uma compreensão abrangente de como os cordéis se configuram como narrativa que se caracteriza pelo cruzamento de temas tradicionais e modernos, discutiremos os aspectos da sua origem na Espanha e em Portugal, perpassando pela sua chegada ao Brasil, até sua percepção como instrumento literário que se coloca como difusor de narrativas que misturam realidade e ficção nas suas estórias. Através da exposição dessas questões, enfocaremos como a literatura de cordel se coloca como poesia estritamente popular, e como se dá as principais transformações em sua forma e conteúdo em meio ao seu deslocamento do Nordeste para as principais metrópoles nacionais situadas no Sudeste.

Partindo do pressuposto que os cordéis tiveram sua origem no Brasil em terra nordestina, enfocaremos a mesma como um recorte espacial singular para a produção e difusão desses versos, e isso pode ser explicado pelo fato do Nordeste contar com uma grande variedade de elementos passíveis de serem narrados de forma irreverente e folclórica, a exemplo das façanhas dos seus cangaceiros, os milagres de Padre Cícero, a resistência da sua população aos longos períodos de seca, a migração dos seus conterrâneos para outras regiões nacionais, etc. No entanto, evitando o risco de generalizações e determinismos, nos apoiaremos nessa compreensão da literatura de cordel como instrumento literário estritamente nordestino somente até a década de 1950, visto que a partir deste período ocorrem consideráveis transformações nos cordéis que nos permitem atribuir sua função também no tratamento de assuntos e temas de cunho nacional. Essa questão pode ser retificada a partir

⁹⁷ RODRIGUES, Jota. *Cordel Vivo Puro e Sem Enganos*. Nova Iguaçu: [s.n.], [19--], p. 1.

das variadas abordagens contidas nesses folhetos que perpassam as fronteiras do Nordeste, a exemplo da nova realidade enfrentada pelos migrantes nordestinos, utilizados como mão-de-obra trabalhadora no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Deslocando nossa análise da literatura de cordel para a questão migratória, esta se coloca como elemento imprescindível para pensarmos o objeto de pesquisa deste trabalho. Desse modo, antes de enfatizarmos a recepção do tema do cangaço no cordel pelo migrante nordestino residido no Sudeste, será focado neste capítulo como se dá esse deslocamento inter-regional. Nesse sentido, essa análise englobará também os cordelistas que produzem seus versos distantes da sua região natal, favorecendo a construção de uma abordagem romântica e saudosista acerca das principais características do Nordeste. Na ênfase à questão da memória na sua relação com a formação de identidades, Michael Pollak faz a seguinte afirmação:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (...) A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.⁹⁸

Contudo, é oportuno ressaltar que nem todos os cordelistas são afetados pela migração, visto que muitas editoras são responsáveis pela publicação, no Rio de Janeiro e em São Paulo, dos versos ainda produzidos na região nordestina. Essas questões apresentadas de maneira introdutória revelam a complexidade e a variedade dos elementos que serão discutidos no decorrer do capítulo, e por esta razão buscaremos situar cronologicamente a trajetória do cordel e suas ressignificações, e o deslocamento dos nordestinos (poetas populares e leitores) inseridos diretamente nessa trama.

2.1 O Cordel e suas Origens

Apesar dos poucos indícios da existência dessa base da literatura popular nos povos conquistadores Greco-Romanos, Fenícios, Cartagineses, Saxões e outros, é inquestionável que seu maior valor foi conquistado na Península Ibérica. Dessa forma, as origens da literatura de cordel podem ser datadas em Portugal e na Espanha do século XVI, associados

⁹⁸ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 209, 1992.

estritamente com a difusão de histórias tradicionais; tais como os romances, proezas de navegadores e viajantes, e novelas de cavalaria; que conservadas pelos mais velhos eram transmitidas para as outras gerações. Concomitantemente, esse instrumento popular passou a se tornar meio de comunicação, sendo responsável pela divulgação de fatos e acontecimentos recentes que prendiam a atenção de grande parte da população. Sobre esse papel na comunicação, Teófilo Braga assinalou que somente após a estabilização do jornal em Portugal começou a decair a literatura de cordel⁹⁹, o que comprova a importância desse instrumento popular na divulgação de notícias cotidianas que muito interessavam à camada popular na sociedade.

Com menos destaque e recorrência, temos indícios também das origens da literatura de cordel na França e na Inglaterra. No caso francês, esse mesmo tipo de literatura popular era dirigido aos habitantes do meio rural como *littérature de colportage*, enquanto nas cidades prevalecia a difusão do *canard*. Na Inglaterra, a literatura popular era designada diretamente a partir da abordagem real ou fictícia da sua narrativa. A denominação *cocks* ou *catchpennies* era dada aos romances e histórias imaginárias, enquanto os folhetos sobre fatos históricos concretos eram chamados de *broadsides*.¹⁰⁰ Apesar das poucas referências, Marion Ehrardt chama a atenção para o fato dos cordéis terem surgido ainda na Alemanha dos séculos XV e XVI, e na Holanda do século XVII.¹⁰¹ Essas perspectivas, apesar do pouco destaque, se configuram como responsável pelo questionamento da corrente explicativa hegemônica que atribui aos países ibéricos a notoriedade de ter dado origem a literatura de cordel.

No que concerne ao nome “Literatura de Cordel”, este vem de Portugal pelo fato dos folhetos serem vendidos nas exposições em feiras e praças, presos em pequenas cordas ou barbantes.¹⁰² Comercializados especialmente para deficientes visuais, esses folhetos eram conhecidos em terras lusitanas como *folhas volantes* ou *folhas soltas*, onde nelas eram divulgadas narrativas tradicionais, como a Imperatriz Porcina, Princesa Magalona e Carlos Magno. Trazidos pelos colonizadores ao Brasil, sua forma de distribuição, seus temas e

⁹⁹ BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Lisboa: Liv. Ferreira Ed., 1885, p. 451.

¹⁰⁰ AZEVEDO, Adriana Cordeiro. *Cordel, Lampião e Cinema na Terra do Sol*. Rio de Janeiro: Ferreira Studio, 2004, p. 15.

¹⁰¹ EHRARDT, Marion. Notícias Alemãs do Século XVI sobre Portugal. *Humboldt*. Hamburgo, n. 14, 1966, apud. AZEVEDO, Adriana Cordeiro, 2004, p. 15.

¹⁰² No Brasil, o vocábulo “cordel” foi duramente criticado por uma reduzida parcela de poetas populares. Como apresenta Gonçalo Ferreira da Silva, esses autores preferiam a designação de “literatura popular” ou “poesia nordestina”. Cf. SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Milart, 2001, p. 16.

conteúdos, e propriamente sua denominação como cordel, foram influências fundamentais para o seu sucesso, principalmente no Nordeste brasileiro. Essa constatação é explicada diretamente pelo êxito inicial dessas narrativas novelescas em terras nordestinas. Entretanto, antes de adentrarmos no desenvolvimento da literatura popular na região nordestina, para situarmos que a circulação desses folhetos não se restringe à Europa e ao Brasil, é indispensável a compreensão de como ocorreu o desenvolvimento dessa poesia em outros países da América.

Partindo do pressuposto de que esses romancistas não eram exclusivamente portugueses, mas sim peninsulares ou ibéricos, é necessário ressaltar a contribuição dos colonizadores espanhóis na divulgação dessa literatura em seus países recém conquistados. A partir da influência dos *Pliegos Suelos*, designação dos folhetos em terras espanholas, tornou-se presente nos países hispano-americanos os traços das mesmas narrativas difundidas na Europa, sobretudo as novelas tradicionais, onde foram adaptadas pelos vários países latino-americanos, a partir de suas particularidades e singularidades; mas mantendo ainda a ideia original vinda da península. A partir desse intercâmbio colônia-metrópole, onde adaptação e manutenção se misturavam, Manuel Diégues Júnior argumenta:

Se de um lado, isso comprova a origem ibérica da nossa poesia popular, sem prejuízo de outras influências não ibéricas, de outra parte comprova a presença, em toda a América, de um mesmo espírito, de um mesmo sentimento, de um mesmo valor.¹⁰³

Conhecidos nos países da América Espanhola (México, Venezuela, Argentina e Peru) como *Corridos* ou *Compuestos*, assim como no Brasil, a poesia popular foi levada pelos colonizadores, nesse caso os espanhóis. Escrito em versos, nos *Corridos* não eram só narradas histórias tradicionais, como também fatos circunstanciais, ou seja, episódios de momento que variavam de conquistas políticas a ocorrências de assassinatos de grande repercussão internacional. Vale ressaltar que essas designações eram dadas aos poemas escritos, e sua produção era atribuída ao *versejador*, indivíduo que corresponde ao nosso cordelista. Uma função diferente era conferida aos *payadores*, que seriam equivalentes aos nossos cantadores, homens que, em dupla, representavam oralmente o conteúdo dos poemas escritos. A diferença do *payador* e o repentista brasileiro está no fato de que o primeiro movimenta-se

¹⁰³ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Literatura de Cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 2.

constantemente na tentativa de receber aplausos dos seus expectadores, e o segundo tem como característica permanecer estático diante de uma platéia silenciosa.¹⁰⁴

Na investigação dos países latino-americanos onde é possível constatar a presença desses poemas, infelizmente, a ausência de estudos especializados a respeito desse instrumento popular dificulta o trabalho em compreender a sua forma de comercialização e os temas tratados nesses folhetos. No entanto, na Nicarágua é possível um maior aprofundamento acerca da constituição dos *Corridos* graças aos estudos de Ernesto Mejia, onde fica constatada a classificação desses poemas em duas categorias: a dos romances tradicionais (temas universais do amor e da morte, classificados em profanos, religiosos ou infantis) e a dos *corridos* nacionais (assuntos amorosos, patrióticos e políticos).¹⁰⁵

Tratada as principais origens da literatura de cordel na Península Ibérica e sua difusão na América Latina, configura-se como oportuno ressaltar como se dá a chegada desses folhetos no Brasil, sobretudo no Nordeste brasileiro. Para isso, apresentaremos posteriormente as principais questões relativas à fácil adaptação desses folhetos tradicionalmente lusitanos no Nordeste, recriando uma nova faceta do cordel como um instrumento literário voltado para a distração e entretenimento dos seus conterrâneos.

2.2 A Literatura de Cordel Nordestina

Para concebermos a literatura de cordel como ela nos é oferecida nos dias atuais, se configura como necessário atentarmos para o fato de que, por ter sido trazida por colonizadores portugueses, ela deve ser compreendida como produto de sucessivas transformações em um novo ambiente de adaptação. Isto é, em terras nordestinas, o cordel passou a trazer em seu seio estórias e histórias que interessavam ao seu povo. Dessa maneira passou a ser constituída a relação entre nordestino e cordel, em sua forma falada e escrita. No tratamento dos resquícios lusitanos presentes inicialmente na poesia nordestina, Ronald Daus estabelece a seguinte relação:

¹⁰⁴ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Milart, 2001, p. 18.

¹⁰⁵ MEJIA, Ernesto Sanchez. *Romances y Corridos Nicaragüenses*. Anuário de La Sociedad Folklórica de México, n.5, 1944-1945, apud DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura de Cordel*. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 2.

A estreita relação com a poesia popular europeia torna-se evidente através da retomada desses assuntos, e reforça-se ainda mais com a entrada, nas correntes que influenciaram sobretudo a poesia dos romancieiros em Espanha e Portugal no século XVI, de temas pastorais e cavaleiresco-amorosos. Ambas as tendências são até hoje fortemente representadas na poesia épica popular nordestina.¹⁰⁶

Já tendo sido citado que os folhetos de cordel foram trazidos pelos colonizadores portugueses ao Brasil, é preciso entender o motivo de sua chegada e sua singular difusão no Nordeste. De maneira objetiva, Gonçalo Ferreira da Silva destaca o fato de ser Salvador a primeira capital da nação, espaço de convergência natural de todas as culturas, o que torna compreensível a aceitação desses poemas no Nordeste.¹⁰⁷ Com efeito, o poeta popular releva a notoriedade de Salvador como cidade responsável pela difusão da literatura de cordel para os demais estados nordestinos.

Recorrendo a uma explicação mais ordenada, Manuel Diégues Júnior enfatiza duas condições que tornaram o Nordeste uma ambiente ideal para o sucesso da literatura de cordel: a étnica e a social. A condição étnica é apresentada, sobretudo, pelo prisma que abrange a região nordestina como espaço de fusão e absorção de influências, sendo essa assimilação passível de exemplificação pela estável e contínua relação entre o português e o africano escravo. Dessa forma, a suposta facilidade da região consentir influências externas foi um fator preponderante para a aceitação de uma ideia lusitana, nesse caso o cordel, pelo povo nordestino.¹⁰⁸ Deslocando-se para a condição social, o próprio ambiente tornava propícia a difusão da poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita. Em síntese, as peculiaridades da região; exemplificadas pela organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros, as lutas entre as famílias, e as secas periódicas; constituem-se como fatores favoráveis para o “surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular”.¹⁰⁹

O tratamento da chegada do cordel de Portugal para a cidade de Salvador nos oferece considerável embasamento para direcionarmos nossa ênfase ao desenvolvimento dessa manifestação literária no Nordeste brasileiro. Somente no enfoque a esse aspecto se torna

¹⁰⁶ DAUS, Ronald. *O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982, p. 12.

¹⁰⁷ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Milart, 2001, p. 19.

¹⁰⁸ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel Diégues. Literatura de Cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 3-4.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 4.

possível compreender como a região nordestina e seus poetas populares recriam o cordel a partir de características próprias, evidenciando um gradual afastamento com a tradição portuguesa. Nesse processo de reformulação, o ambiente social e cultural do Nordeste exerce uma notável influência na maneira em que a literatura de cordel passa a ser produzida, visto que seus escritores e cantadores são produtos de uma mesma realidade vivenciada.

Em referência a literatura de cordel já estabelecida no Brasil, sobretudo no Nordeste, é necessário relevar a gradual transformação dessa manifestação literária. Como enfatizado anteriormente, temos a partir da chegada do cordel um distanciamento da tradição lusitana, o que constata um esforço de elaboração de características compatíveis a uma nova realidade social. Contudo, é necessário destacar que essa transformação se dá gradualmente, isto é, a tradição lusitana pode ser encontrada em várias estórias, mas cada vez menos frequente. Com isso, podemos considerar que as narrativas tradicionais de cavalaria dão lugar gradativamente às estórias da população nordestina e da sua respectiva região.

Através do tratamento desse aspecto, este item tem como foco apresentar a nova faceta da literatura de cordel que traz como característica principal a difusão de novos elementos identificados a um novo contexto político, social e cultural. Com isso, a partir da substituição da tradição oral pela escrita, os cordéis passam a privilegiar estórias que exercem alguma atração sobre a população do Nordeste, região onde a poesia popular se estabelece inicialmente.

Imatura em terras nordestinas, por volta de 1750 ainda não existia literatura de cordel escrita, o que pode se explicar pelo alto nível de analfabetismo que restringia a um pequeno grupo de letrados a responsabilidade de fazer literatura. Restava aos nordestinos, principalmente os sertanejos, declamar oralmente versos que falavam dos acontecimentos recorrentes na região e das epopéias de grandes cavaleiros e navegadores.¹¹⁰ Desse modo, ainda é possível observar a característica portuguesa na narração de estórias dos heróis colonizadores. Vale ressaltar, a capacidade de improvisação e memorização desses indivíduos, constatando o enraizamento da tradição oral entre os nordestinos. Referente à classificação dessa literatura oral no Nordeste, Manuel Diégues Júnior destaca:

¹¹⁰ Segundo R. Rowland, a literatura oral nordestina se configura como uma forma de reação a uma crise social, sintetizada na desorganização e fragmentação da sociedade sertaneja. Nesse sentido, as cantorias e as demais formas de manifestações orais exerceriam função imprescindível na recriação e fortalecimento dos valores e laços de sociabilidade/solidariedade próprias da população sertaneja. Cf. ROWLAND, R. Society, Communication and Popular Culture in a Traditional Society: The Cantadores of Northeast Brazil. In: *Transactions of the Sixty World Congress of Sociology*, v. IV, 1970.

Nas cantorias da literatura oral do Nordeste, encontramos dois tipos de poesia; um, tradicional que está sempre na memória dos cantadores, e que serve justamente para encher o tempo, e é chamado de “obra feita”; outro é o improvisado, é o repente, o verso do momento, dito à face de um fato momentâneo, ou a propósito de uma pessoa presente; este último é o autêntico improviso, muito comum sobretudo no desafio.¹¹¹

No final do século XIX temos na emergência da literatura escrita um importante elemento para pensarmos as sucessivas transformações na poesia popular nordestina. Enfocando esse aspecto devemos nos apegar a figura singular de Leandro Gomes de Barros e ao contexto do período. Nesse mesmo período, segundo Daus, a influência portuguesa sobre a literatura nordestina diminui consideravelmente. Segundo o autor, o processo de independência que se deu na primeira metade do século XIX se configura como fator relevante para o distanciamento entre Brasil e Portugal.¹¹²

Após ter passado por várias cidades nordestinas exercendo a função de cantador, o paraibano Leandro Gomes de Barros tomou a decisão de escrever seus versos, e posteriormente imprimi-los e vendê-los para contribuir no sustento de sua família. A determinação do precursor da literatura de cordel é registrada pelos principais estudiosos do tema como primeiro esforço de impressão e comercialização da literatura nordestina em sua forma escrita. Relacionando a iniciativa do precursor da poesia popular escrita com as inovações das gráficas e tipografias recorrentes no final do século XIX, Bráulio Tavares ressalta:

Leandro provavelmente aproveitou-se de uma época em que os jornais, as tipografias profissionais e as gráficas em geral estavam fazendo uma revolução em seus equipamentos. As máquinas de imprimir usadas até então eram antigas, em que a composição era manual, ou seja, cada palavra a ser impressa na página era formada letra por letra, a partir de uma coleção de “tipos” minúsculos guardados em gavetinhas, por ordem alfabética. No século XIX, esse sistema foi substituído no mundo inteiro pelas máquinas de linotipo, que fundiam em chumbo linhas inteiras de uma só vez, simplificando e acelerando o processo. As máquinas velhas tornaram-se obsoletas, e muitas vezes passaram a ser vendidas por uma ninharia ou encostadas no ferro-velho.¹¹³

Na consideração da emergência da tradição escrita da literatura nordestina é imprescindível enfatizar que a oralidade não se torna extinta, mas perde seu status de

¹¹¹ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel Diégues. Literatura de Cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 5.

¹¹² DAUS, Ronald. *O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982, p. 13.

¹¹³ TAVARES, Bráulio. *Contando Histórias em Versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 124.

exclusividade. A discussão em torno das divergências existentes entre esses dois tipos de tradições traz consigo, o já mencionado no decorrer deste trabalho, conflito entre o antigo e o moderno. Isso porque os cantadores tradicionais buscam manter a recorrência a oralidade, reconhecendo a manifestação escrita uma conotação negativa, voltada para uma suposta descaracterização de uma cultura tradicional antes estabelecida.

Com o estabelecimento da tradição escrita na literatura nordestina se configura como recorrente o mesmo imbróglio existente desde as cantorias: o problema da autoria. Se na transmissão da poesia oral se perdia quase sempre a autoria, já que os versos se tornavam repetidos por vários cantadores, na produção de cordéis escritos o mesmo problema persiste pelo fato de que era comum a reedição de estórias antigas. Em síntese, uma mesma obra escrita pelo cordelista A, era reeditada pelo poeta B, dando sequência a um impasse dificilmente solucionável.

Se a solução para o problema da autoria era difícil, não era impossível. Buscando amenizar os efeitos desse imbróglio, os poetas recorriam à utilização de acrósticos. Existiam duas diferentes maneiras de usar esse artifício, uma era a inclusão do próprio nome completo no último verso da estrofe final da sua poesia, outra era utilizando todas as letras do seu primeiro nome nas letras iniciais de cada verso da última estrofe. No entanto, esta identificação através do acróstico não se configurou como completamente eficaz, visto que alguns autores passaram a suprimir sua recorrência com a intenção de que a obra fosse publicada como de sua autoria. Essa denúncia foi feita por Sebastião Nunes Batista em artigo para um jornal especializado de folclore, onde afirmou explicitamente que o poeta Chagas Batista registrava a existência de cópias de estórias célebres que não seriam autênticas, ou seja, tratavam-se de versos produzidos por alguns autores, e erroneamente atribuído a outros.¹¹⁴ As informações contidas neste artigo referido, no que concerne a imprecisão das autorias desses poemas, relatam uma das várias complexidades existentes no tratamento dos cordéis, utilizados neste trabalho como fontes históricas.

No item seguinte, na tentativa de compreender como são formuladas as concepções em torno da literatura de cordel como instrumento literário popular, buscaremos atentar para as seguintes indagações: onde, por quem, e como os cordéis são comercializados no Nordeste? A resposta a essas perguntas, além do foco no tratamento dos principais conteúdos inseridos no cordel, se configura como importante caminho para pensarmos como esses folhetos são contemplados como categoria essencialmente popular.

¹¹⁴ BATISTA, Sebastião Nunes. O Seu a Seu Dono... *Encontro com o Folclore*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 5, p. 1, 1965.

2.3 O Cordel Como Literatura Popular

A ênfase a essa questão nos propicia relevar a notória discussão acerca da categoria popular e erudita. Para isso, mesmo considerando que “todos os materiais portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições, cultura letrada e base folclórica”¹¹⁵, é possível conceber o cordel como categoria popular pelo fato dos seus autores, predominantemente, não serem constituintes dos principais círculos elitistas da literatura nacional. Da mesma maneira, a forma que esses cordéis são produzidos e comercializados são, tradicionalmente, distinta de como ocorre com as demais obras literárias. Até mesmo a partir da segunda metade do século XX, período em que esses versos passam a sofrer influência direta de editoras e passam a ser difundidos também além das fronteiras nordestinas, a literatura de cordel mantém, parcialmente, suas principais características tradicionais.

No entanto, apesar das sucessivas transformações que se dão nos cordéis desde a sua origem na Península Ibérica, é necessário considerarmos a influência dessa tradição na forma que esses folhetos são recriados no Brasil, sobretudo no Nordeste. Nesse sentido, mesmo concebendo o cordel como categoria popular, é imprescindível admitir uma possível “circularidade” entre a cultura popular e a hegemônica, considerando que ambas podem coexistir sem que haja uma descaracterização de uma categoria em detrimento a outra.¹¹⁶

No tratamento dos principais elementos que nos permitem conceber a literatura de cordel como instrumento literário popular, devemos considerar, sobretudo, a posição social dos cordelistas e do seu público leitor (considerando a relação entre os mesmos), e a maneira que esses versos são escritos e comercializados. A partir do foco a esses aspectos se torna possível abarcar como se deu o êxito dos cordéis em terras nordestinas.

No que concerne a estrutura da literatura de cordel no Nordeste, o mesmo é construído, em sua predominância, a partir da recorrência a quadras (estrofe de quatro versos de sete sílabas), sextilhas (estrofe de seis versos de sete sílabas) e setilhas (estrofe de sete versos de sete sílabas). A utilização desses versos rimados pode ser enfatizada por sua função didática, contribuindo para a gradual redução do analfabetismo da população. No enfoque a essa característica didática do cordel, Ana Maria Galvão discorre:

¹¹⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 134.

¹¹⁶ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 13.

Os depoimentos parecem indicar que a alfabetização por meio do cordel dava-se de maneira autodidata: através da memorização dos poemas, lidos ou recitados por outras pessoas, o “alfabetizando”, em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, procedia, ele mesmo, à aprendizagem inicial da escrita. Em outros casos, o folheto aparece como principal motivador para que os meios formais de aprendizado da leitura e da escrita fossem procurados.¹¹⁷

Ainda sobre a estrutura da literatura de cordel, é possível destacar a linguagem utilizada pelos cordelistas. Funcionando como estratégia de atração sobre o leitor, era comum a recorrência a sotaques nos próprios versos escritos, constituindo uma narração similar a um “falar nordestino”¹¹⁸. Através dessa constatação podemos retificar o valor tradicionalmente nordestino da literatura de cordel, visto que “esse ‘falar nordestino’ se constitui, na elaboração paulatina de uma língua imaginária, um sotaque imaginário que abarcaria o todo regional”.¹¹⁹

Deslocando nossa análise das principais características do cordel da forma para o conteúdo, é possível estabelecer a identificação do leitor aos principais temas tratados nesses folhetos. Isto é, como veículo de produção e comercialização em território nordestino, e voltado para os seus conterrâneos, o cordel tem como principal temática em seus versos as principais características da própria região, tais quais: o cangaço, o messianismo, a religiosidade, a seca, o poder dos coronéis, etc. Desse modo, estabelecendo a íntima afinidade entre os nordestinos e os temas difundidos no cordel, Renato Campos destaca:

São estórias que quebram a solidão do trabalhador rural, ajudando-o, ao mesmo tempo, a suportar a miséria atual, por um mecanismo de projeção que o identifica com os heróis da narrativa. Costumam ser lidos e relidos nos momentos de folga do trabalhador, por algum membro da família, por um amigo, ou qualquer pessoa da localidade que saiba ler. Na verdade, constituem esses livrinhos vendidos nas “feiras” do Nordeste brasileiro, verdadeiros documentário de costumes de nossa gente rural. Neles estão registradas as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no Estado, em todo país. É a maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos, da gente rude do interior nordestino, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamentos.¹²⁰

Com efeito, a partir da afirmação de Campos podemos constatar a notoriedade do cordel como instrumento que, a partir da fusão entre elementos da realidade e da ficção, difundem uma parte da cultura nordestina, essa assentada sobre os principais hábitos,

¹¹⁷ GALVÃO, Ana Maria. *Cordel: Leitores e Ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.1 86.

¹¹⁸ MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

¹¹⁹ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 135-136.

¹²⁰ CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: MEC, 1977, p. 10.

costumes e tradições do seu povo. Por esta razão, considerando o interesse direto do nordestino ao que é transmitido nos folhetos, “durante quase um século, essas estórias foram a principal matéria de leitura das classes mais modestas do Nordeste brasileiro”.¹²¹ Ou ainda, como apresenta Joseph Maria Luyten: “a literatura de cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. E quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular”.¹²²

O modo de vida tradicional dos seus leitores pode ser identificado, da mesma maneira, no conteúdo transmitido nos versos do cordel. Essa constatação pode ser exemplificada na recorrência aos assuntos religiosos, e que são assimilados com facilidade pelos nordestinos que lêem essas estórias. Esse aspecto é tratado por Gomes, que subestimando o caráter denunciativo desses cordéis, e os diferenciando da literatura regionalista apresentado no capítulo anterior, destaca o interesse principal de entreter seu leitor a partir da recorrência aos temas que são parte do seu cotidiano de vida. Nesse sentido, a questão religiosa, prezada por uma parcela considerável de nordestinos, se coloca como um dos vários elementos empregados nas páginas do cordel:

As representações sociais e as produções simbólicas formulados pelos sertanejos expressam significações predominantemente de cunho mágico-religioso, as quais indicam a valorização da seca e de suas conseqüências como coisa justificadamente natural-religiosa, minimizando o papel das injunções políticas, econômicas e sociais.¹²³

Em virtude da grande variedade de temas tratados na literatura de cordel é comum, por parte de cordeltecas, pesquisadores e órgãos responsáveis pela preservação dos folhetos, a recorrência a uma classificação temática dos cordéis coletados. Constituindo-se como objeto de recorrente discussão entre os principais estudiosos da literatura popular¹²⁴, essas variadas classificações adotadas pelos pesquisadores revelam a heterogeneidade e diversidade dos

¹²¹ SLATER, Candace. *A Vida no Barbante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 13.

¹²² LUYTEN, Joseph Maria. *O que é Literatura Popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 43.

¹²³ GOMES, Alfredo Macedo. *Imaginário Social das Secas: Suas Implicações para a Mudança Social*. Recife: Massangana, 1998, p. 211.

¹²⁴ A classificação temática dos principais assuntos inseridos nos folhetos de cordel se coloca como objeto de recorrente divergência entre os principais pesquisadores e estudiosos sobre a literatura popular. Questionando a necessidade dessa classificação, Luyten denuncia a importância excessiva dada a essa divisão temática e o conseqüente desprezo dado aos seus autores: “Muitos estudiosos da literatura popular já se preocuparam com o assunto. Já houve até livro escrito a respeito, com inúmeras divisões e exemplificações. Na realidade isso é absurdo. Seria a mesma coisa que dividíssemos a literatura brasileira em heróica, obscena, de banditismo, religiosidade e temas medievais. E os autores, onde é que ficam? E como iríamos classificar os escritores pelo país afora?!”. Cf. LUYTEN, Joseph Maria. *O que é Literatura Popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 41-42.

temas recorrentes nos cordéis que tratam de questões voltadas ao interesse dos grupos menos abastados da região nordestina.¹²⁵ A multiplicidade temática contida nesses folhetos pode ser constatada na classificação elaborada por Cavalcanti Proença, que posteriormente foi adotada pela Fundação Casa de Rui Barbosa¹²⁶, onde esses respectivos objetos são divididos da seguinte maneira:

Herói Humano (herói singular, herói casal, reportagens e política); Herói Animal; Herói Sobrenatural; Herói Metamorfosado; Natureza (regiões e fenômenos); Religião; Ética (sátira social, sátira econômica, exaltação, moralizante); Pelejas; Ciclos (Lampião, Antônio Silvino, Padre Cícero, boi e cavalo, e valentes); e Miscelânea (lírica, guerra e crônicas).¹²⁷

Do mesmo modo, temos na literatura de cordel nordestina uma característica marcante: as xilogravuras. Utilizada como meio de ilustrar os principais temas tratados no cordel, as xilogravuras são imagens que tem como matriz a madeira, e se constituem como importante elemento de exportação brasileira. Produzidos inicialmente por artesãos, em sua predominância, e contando com recursos tipográficos simples, as xilogravuras são objetos de gradual desenvolvimento com o passar dos anos, isto é, sua construção passou a contar com instrumentos mais sofisticados, o que contribuiu diretamente para sua popularização. Tratando esse aperfeiçoamento na produção das xilogravuras, assim como sua conseqüente popularização, e atribuindo notoriedade a iniciativa de Mestre Noza, Luyten apresenta a seguinte síntese:

Tudo começou com o agora famoso Mestre Noza, em Juazeiro do Norte. Ele sempre foi santeiro conhecido (entalhador de estátuas) e resolveu cortar uma tabuinha para servir de capa a um folheto. A coisa deu certo e a aceitação foi imediata. Alguns anos depois, já havia diversos gravadores, e muitos estudiosos achavam que a xilogravura era a forma mais original de se ilustrar um folheto de cordel. Hoje em dia, boa parte dos livretos apresenta gravuras na capa e criou-se, assim, uma nova e muito forte modalidade artística popular.¹²⁸

¹²⁵ Em referência as demais classificações adotadas pelos estudiosos sobre o cordel destacam-se as divisões temáticas realizadas por Orígenes Lessa, Ariano Suassuna e Roberto Câmara Benjamin. Cf. LESSA, Orígenes. *Literatura Popular em Versos*. *Anhembi*, São Paulo, ano 6, v.21, n.61, p.60-87, dez. 1955. SUASSUNA, Ariano. Nota sobre a Poesia Popular em Versos. *DECA*, Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística, Recife, ano 4, n. 5, 1962. BENJAMIN, Roberto Câmara. *A Religião nos Folhetos Populares*. *Vozes*, Revista de Cultura, Petrópolis, ano 64, n.8, p. 609, out. 1970.

¹²⁶ Patrimônio cultural, localizado na cidade do Rio de Janeiro, voltado para a formação, preservação e difusão dos principais elementos da cultura popular, dentre tais a literatura de cordel.

¹²⁷ *Literatura Popular em Verso*. Catálogo, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1961, t. I, Coleção de Textos da Língua Portuguesa Moderna, 4, 1961, p. 394.

¹²⁸ LUYTEN, Joseph Maria. *O que é Literatura Popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 50.

Ainda no tratamento das xilogravuras nos cordéis, vale ressaltar que sua utilização se configura como objeto de retificação de um valor regional e popular. Isto porque seus leitores passaram a identificar sua “invenção” como uma iniciativa do seu próprio povo, isto é, como produto da habilidade dos populares nordestinos, que a partir de então exerceriam a função de difundirem uma cultura tradicionalmente nordestina. Somente com a “migração” do cordel para o Sudeste a partir da década de 1950, e com a intervenção editorial nesses folhetos, que essa modalidade de ilustração passou a ser extinta das suas páginas. Contudo, os cordéis impressos e difundidos no Nordeste, em sua predominância, ainda preservam o uso das xilogravuras atribuindo sua recorrência um status de originalidade. Desse modo, com raríssimas exceções, os cordéis comercializados em terras nordestinas contam com seu modelo tradicionalmente xilogravado. Vale ressaltar que, apesar da predominância de folhetos xilogravados, com o avanço da modernidade e do mercado editorial, temos um progressivo número de cordéis com outras formas de incorporação de imagens. Essa constatação nos oferece a concepção que abarca esses folhetos de cordel como literatura que não é estática, mas que é popular e moderna.

Buscando entender a aplicação da categoria de popular aos folhetos de cordel, a ênfase na forma em que o mesmo é comercializado se configura como aspecto relevante. Nesse sentido, a relação estabelecida deixa de ser aquela entre autor e leitor, para ser a negociação entre folheteiro e leitor. Ao tratar esse intercâmbio realizado em locais públicos, o antropólogo Antônio Augusto Arantes descreve o ritual, estabelecido no ato de compra e venda, onde o folheteiro é encarregado de, através da sua capacidade de persuasão e criatividade, comercializar o maior número possível de folhetos:

Os folheteiros geralmente chegam cedo à feira. Procuram um lugar adequado e montam sua “banca”. Em geral têm uma maleta onde carregam os folhetos, colocando-a aberta em cima de uma armação de madeira. Abrem um guarda-sol, levantam o tripé do alto-falante (no caso de o possuírem) e começam a trabalhar. Para chamar a atenção dos compradores, tocam discos, exibem algum animal pouco comum ou simplesmente começam a cantar assim que três ou quatro pessoas se juntam à volta da banca. Iniciada a leitura, em geral outras pessoas se aproximam, sendo bem frequente encontrarem-se por volta de 50 pessoas numa “rodada” (como é chamado o grupo de pessoas agrupadas em redor do folheteiro).¹²⁹

Por fim, no intento em compreender a literatura de cordel como categoria popular, se configura como necessário o enfoque nos autores responsáveis pela produção desses folhetos. Nesse sentido, devemos considerar que além de escrever para alguém, o cordelista produz

¹²⁹ ARANTES, Antônio Augusto. *O Trabalho e a Fala: Estudos Antropológicos sobre os Folhetos de Cordel*. Campinas: Kairós, 1982, p. 32-33.

seus versos a partir das suas próprias experiências, isto é, constrói sua narrativa baseada no contexto político, cultural e social onde o mesmo se insere. Em suma, podemos perceber esses versos populares como “uma elaboração social da realidade, que varia de cultura para cultura. Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, expressando a base comum de uma determinada ordem social”.¹³⁰ A partir do enfoque a esse aspecto podemos atentar para a notoriedade do cordelista que, misturando realidade e ficção, traz em seus versos uma tradução simbólica dos principais elementos que constituem sua trajetória e experiências vivenciadas. Considerando esse argumento que considera a pressão do contexto social sobre a produção narrativa dos autores individuais, conferido em sua função como mediador, Arantes ressalta que “os textos dos folhetos são vistos como sendo construídos a partir de ações e categorias que apontam claramente para vários domínios da vida social”¹³¹, e explica detalhadamente:

Os poetas escolhem acontecimentos considerados de interesse do público e os transpõe para a vida do “matuto”. Assim, o poeta poderia ser considerado, em termos do seu grupo, como um mediador entre os acontecimentos do âmbito da vida prática e a sua reconstrução significativa.¹³²

A partir da exposição desses dados é oportuno ressaltar que como constituinte do mesmo grupo social do seu leitor, o cordelista estabelece, a partir dos seus versos, um maior estreitamento com o seu público. Com efeito, a vivência de uma realidade comum é responsável pela identificação com os temas tratados nesses folhetos, tanto por parte de quem o lê, tanto por parte do poeta popular que o produz. Dessa relação de aproximação com o conteúdo contido nos cordéis podemos extrair uma das várias razões para o êxito mercadológico desses folhetos no Nordeste.

Com base na apresentação das informações até aqui apresentadas, que perpassam desde as origens da literatura de cordel, sua chegada e adaptação a região Nordeste, até seu reconhecimento como manifestação literária popular, trataremos nos próximos itens a questão migratória. O enfoque nesse objeto se configura como indispensável para pensarmos as principais razões para o deslocamento do nordestino (cordelista e leitor do cordel), e como se dá a relação entre o migrante residido no Sudeste e o conteúdo transmitido nos folhetos.

¹³⁰ DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural da França*. 4. ed. São Paulo: Graal, 1986, p. 39.

¹³¹ ARANTES, Antônio Augusto. *O Trabalho e a Fala: Estudos Antropológicos sobre os Folhetos de Cordel*. Campinas: Kairós, 1982, p. 65.

¹³² *Ibidem*, p. 39.

Nesse sentido, a questão da distância da região natal passa a ser colocada como questão central para compreendermos o interesse desse “novo” leitor a uma “nova” leitura, essa última influenciada diretamente pelas sensíveis transformações que ocorrem nos cordéis publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo a partir da década de 1950.

2.4 A Migração do Nordeste para o Sudeste

Antes de compreender como os migrantes nordestinos instalados em São Paulo e no Rio de Janeiro recebem a leitura dos cordéis publicados nos estados onde eles residem, é fundamental atentar para as principais razões que possibilitam o seu deslocamento para uma região que não é a sua de origem. Para isso, evitando conferir exclusividade a corrente interpretativa que atribui às mazelas sociais do Nordeste o título de única responsável para a corrente migratória do nordestino para as principais metrópoles nacionais, buscaremos apresentar alguns argumentos que ampliam nosso conhecimento acerca da migração inter-regional no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Nesse sentido, para abarcar esse deslocamento do nordestino para o Sudeste é propício o enfoque nas complexidades do contexto deste respectivo período histórico.

A partir de uma concepção objetiva e coerente, o historiador Paulo Fontes busca refutar a ótica exclusivista que atribui o ato de migrar do nordestino para o Sudeste em meados do século XX como ação inconsciente pela busca de melhores condições de salário. Em sua produção, onde investiga o caso específico da migração dos nordestinos para o bairro São Miguel Paulista, Fontes constrói um modelo explicativo que destaca este deslocamento migratório como ação consciente e planejada na busca por um maior alargamento dos seus direitos trabalhistas, sintetizado na formalização dos seus vínculos de trabalho e maior acesso a serviços de educação e saúde.¹³³ Com efeito, reconhecendo que nem sempre essas expectativas são atendidas, o autor oferece uma concepção que ao mesmo tempo se distancia e complementa o paradigma determinista que abarca a migração do nordestino para o Sudeste como uma fuga da fome e da seca no sertão.

Com o enfoque no aspecto contextual, sobretudo pelo ângulo da economia, Fausto Brito opta pela concepção mais recorrente entre os pesquisadores que tratam este objeto

¹³³ FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

específico. Em seu trabalho onde estuda as migrações internas no Brasil, o autor confere maior importância ao contexto econômico e justifica esses deslocamentos inter-regionais pelo ângulo da urbanização e industrialização que se concentrava no Sudeste brasileiro. Em suma, segundo Brito, a prosperidade econômica das cidades na segunda metade do século XX se configura como aspecto indispensável, senão singular, para o deslocamento interno crescente do nordestino para as principais capitais do Brasil. Tratando o contexto econômico, que reflete diretamente em consideráveis mudanças nos padrões de sociabilidade, responsável pelo círculo migratório do Nordeste para o Sudeste entre as décadas de 1950 e 1980, o demógrafo descreve:

Esse acelerado processo de urbanização era parte das profundas transformações estruturais pelos quais passava a sociedade e a economia brasileira. De fato, era a própria sociedade brasileira que se transformava cada vez mais em urbana, tornando irreversível a hegemonia das cidades, não só como o *locus* privilegiado das atividades econômicas e da residência da população, mas, também como centro de difusão dos novos padrões sociais – inclusive as relações de produção – e de estilos de vida.¹³⁴

Desse modo, temos nesses estudos demográficos sobre os deslocamentos migratórios para as principais metrópoles econômicas, a persistência daquele paradigma hegemônico que atribui ao Nordeste a imagem de uma região marcada pelo atraso e pela ineficiência econômica. A partir dessa visão, Brito apresenta os anseios e a avidez dos retirantes por mobilidade social:

Com o desenvolvimento acelerado da economia, os empregos e as ocupações se multiplicavam e a esperança dos migrantes podia, muitas vezes, se transformar em realidade. (...) Os caminhos percorridos pelos migrantes, através das grandes trajetórias migratórias, traziam a esperança, nem sempre efetivada, de uma melhoria das suas condições de vida. (...) Essa era a grande característica do padrão migratório que prevaleceu até os anos oitenta: o desenvolvimento da economia e da sociedade abria caminhos para a articulação da mobilidade, ou da migração, com a mobilidade social.¹³⁵

Considerando essa abordagem que privilegia o intento dos nordestinos por melhores condições de vida numa outra região, o recente manual sobre imigração e migração produzido por Odair da Cruz Paiva retifica a visão difundida por Fausto Brito:

No Brasil, as migrações internas são um fenômeno bastante comum e a maioria de nós tem exemplos em nossas próprias famílias. Migrar do campo para a cidade,

¹³⁴ BRITO, Fausto. *As Migrações Internas no Brasil: Um Ensaio Sobre os Desafios Teóricos Recentes*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009, p. 12.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 13.

deslocar-se do Nordeste ou de outras regiões para São Paulo, são ou foram alternativas encontradas por nossos pais, avós, familiares e amigos para superar as limitações econômicas que o lugar de origem possuía.¹³⁶

O tratamento do deslocamento dos nordestinos para o Sudeste entre as décadas de 1950 e 1980, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, não pode ser realizado a partir da percepção de uma determinada corrente explicativa. Nesse sentido, evitando se apoiar numa única e exclusiva concepção, devemos considerar a complexidade de elementos que constituem as motivações dessas famílias se direcionarem para as principais capitais nacionais nesse determinado período histórico. Isto é, somente a busca por uma melhor condição de vida, ou até mesmo a fuga dos longos períodos de seca no sertão nordestino, não se configura como única razão que motivou todas as famílias a se deslocarem para o Rio de Janeiro e para São Paulo. Por isso, ao apresentar a questão migratória inter-regional dos nordestinos para o Sudeste, e como maneira de abranger a complexidade do tema, recorreremos a essas duas interpretações coerentes e complementares.

Apesar dos poucos indícios quantitativos acerca de migração inter-regional (Nordeste-Sudeste), temos no número dos baianos que se deslocaram para São Paulo no início da década de 1950 um considerável dado para termos a real dimensão da chegada dos migrantes para as principais cidades do Sudeste brasileiro nesse período. No enfoque a essas estatísticas podemos verificar que no decênio dos anos 1940 migraram 104.606 baianos para a capital paulista, e nos anos 1950-51 esse número saltou para 109.917.¹³⁷ No ano seguinte temos o maior número da história da migração para São Paulo, com o êxodo de 113 mil baianos.¹³⁸ Atentando para a importância de não cairmos no equívoco de não considerarmos as especificidades próprias dos habitantes de cada estado nordestino, na abordagem dos migrantes baianos para o Rio de Janeiro, podemos constatar uma característica singular dessas famílias oriundas da Bahia:

Os baianos, uma vez emigrados, raramente regressaram a seu estado natal, ao contrário do que sucede com os naturais de outras unidades do Polígono das Secas. Assim, a taxa de retorno dos baianos é de apenas 8% contra 70% dos pernambucanos, 60% dos cearenses, paraibanos, sergipanos, e rio-grandenses-do-norte e 44% dos alagoanos.¹³⁹

¹³⁶ PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o Final do Século XIX e o Início do Século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013, p. 16.

¹³⁷ *Diário de São Paulo*. 18 de Março, 1952.

¹³⁸ *Conjuntura Econômica*. Ano VIII. N. 7. Julho de 1954, p. 76.

¹³⁹ CAPES. *Estudos de Desenvolvimento Regional*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1958, p. 38.

Ainda sobre essa condição itinerante dos migrantes, Helenilda Cavalcanti destaca em seu trabalho sobre a migração em São Paulo a tensão estabelecida entre a preservação das suas tradições regionais e a aquisição de novos costumes e hábitos, essa última relacionada diretamente ao lugar que o indivíduo está inserido:

Sob sua forma mais plena, essa condição de indivíduos itinerantes, indo buscar sobrevivência em lugares múltiplos, exprime uma situação na sociedade e contém um esforço para superá-la. (...) O migrante sai de um universo cultural recebido por herança ao nascer em direção a outro em que é confrontado com o que lhe foi dado a priori. Entre o sair e o chegar, ocorre um processo duplo que vai falar da ilusão dos emigrantes ao sofrimento do imigrante que atravessa a fronteira do estabelecido e do desconhecido.¹⁴⁰

Mesmo que não haja neste trabalho dissertativo a intenção de perceber os nordestinos pela ótica da vitimização, se configura como necessário relevar a questão do preconceito que os mesmos eram alvos numa região que não eram a sua de origem. Se no capítulo anterior abordamos a gênese do preconceito do sulista para com o nortista difundido pelo regionalismo naturalista, trataremos a seguir a visão pejorativa direcionada ao nordestino residido no Sudeste. A partir do enfoque a essa questão é possível promover uma ampliação cognitiva acerca de como os migrantes nordestinos, isto é, nossos autores e leitores dos cordéis, reagem ao preconceito a partir da preservação dos seus elementos culturais e tradicionais de origem. Com efeito, podemos observar nessa manutenção de seus hábitos e costumes uma reação aos preconceitos e, sobretudo, uma explícita e consciente afirmação de suas identidades regionais.

2.4.1 Orgulho e Preconceito: A Relação do Migrante Nordestino com o Outro

Partindo do pressuposto que os meios de comunicação são responsáveis pela formação de opinião por parte do seu leitor, podemos verificar a partir do enfoque em jornais publicados na década de 1950, período em que se dá um considerável deslocamento dos nordestinos para as principais cidades do Sudeste, a difusão de um discurso marcado explicitamente pelo repúdio e rejeição a esses “órfãos” do Nordeste. Perpassando pelas edições do *Estado de São Paulo* podemos constatar o descontentamento do respectivo periódico com a chegada dessas famílias a uma cidade relativamente hostil. No editorial do

¹⁴⁰ CAVALCANTI, Helenilda. O Desencontro do Ser e do Lugar: A Migração para São Paulo. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 148.

dia 24 de Fevereiro é tratada a necessidade de limitar o transporte dos migrantes, visto que no mês anterior tinham entrado 23 mil nordestinos em São Paulo.¹⁴¹ Dois dias depois, o mesmo periódico exige providências para “mantê-los na terra natal, pois havia o receio do ‘despovoamento do Nordeste’ e de ‘revoltas no Sul’”.¹⁴² No mês de Março, o *Estado de São Paulo* reproduz a visão preconceituosa acerca do risco de uma possível epidemia trazida por esses migrantes “portadores de doenças contagiosas”,¹⁴³ reforçando então a necessidade do presidente “interromper o êxodo imediatamente”.¹⁴⁴

Considerando a relação de alteridade que se dá entre o migrante recém-chegado do Nordeste e os habitantes locais resididos nas grandes metrópoles nacionais, refletimos sobre a questão cultural do estranhamento como fator necessário para a construção e difusão de uma visão preconceituosa por aqueles concebidos historicamente como civilizados, na comparação com os atrasados naturais do Nordeste brasileiro. O enfoque a esse aspecto construído historicamente se configura como indispensável para pensarmos como esses migrantes se relacionam com uma nova região que o recebe, e com seus respectivos conterrâneos. No que concerne a essa tensa coexistência, os trabalhos de Durval Muniz de Albuquerque se impõem como importantes referências para pensarmos o preconceito com que o nordestino é tratado pelos habitantes de outras regiões do país. Na compreensão de como essa visão pejorativa é construída devemos, em primeiro lugar, atentar para o preconceito contra a origem geográfica sugerida por Albuquerque, sendo tal genitor responsável pela reprodução de outras variadas formas de desqualificação e de estigmatização direcionada aos oriundos do Nordeste.

No estabelecimento de um mapeamento das condições enfrentadas pelos migrantes nordestinos no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas que pode se encaixar a migração dos mesmos para outros estados do país, devemos ressaltar inicialmente o reduzido grau de escolaridade dos membros dessas famílias itinerantes. O fato desses “novos habitantes” serem, em sua predominância, menos letrados e analfabetos já os situam num grau de inferioridade que os acompanhará até seu retorno a região natal ou a sua morte, visto que essa condição os colocam como aptos a exercerem as funções menos qualificadas no mercado de trabalho. A partir deste momento os nordestinos são percebidos como aptos aos trabalhos mais pesados e menos remunerados. Com a crescente demanda de renda as mulheres

¹⁴¹ *O Estado de São Paulo*, 24 de Fevereiro, 1952.

¹⁴² *O Estado de São Paulo*, 26 de Fevereiro, 1952.

¹⁴³ *O Estado de São Paulo*, 1 de Março, 1952.

¹⁴⁴ *O Estado de São Paulo*, 6 de Março, 1952.

nordestinas também passam a ajudar a família exercendo a função de empregadas domésticas, vendedoras autônomas e babás. No que se refere à suposta aptidão dos nordestinos aos trabalhos mais exaustivos, sua imagem passa a ser identificada diretamente àquela de masculinidade e virilidade:

O migrante nordestino das camadas populares, quase sempre colocado em posição de inferioridade e subordinação no mercado de trabalho e nas relações sociais que estabelece nas grandes cidades, inclusive da própria região, lança mão, muitas vezes, deste mito do cabra-macho para responder a esta situação de subordinação ou mesmo afrontar uma situação de humilhação insuportável.¹⁴⁵

Em outro trabalho, Durval Muniz de Albuquerque busca, a partir de uma concepção abrangente e objetiva, compreender as principais razões que contribuíram para o reconhecimento desses migrantes como indivíduos identificados aos trabalhos classificados erroneamente como subalternos:

Os camponeses nordestinos chegam a São Paulo e ao Rio de Janeiro trazendo uma cultura tradicional extremamente forte, com modos de vida totalmente estranhos para os nacionais e estrangeiros que ali viviam. Cultura marcadamente pré-industrial, pouco afeita às pressões em favor da disciplina e da ordem que partiam das fábricas, estendendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta. Por isso se dedicam predominantemente às ocupações manuais mais pesadas na base da sociedade industrial que exigem um enorme dispêndio de pura energia física num ritmo de vida típico da fase pré-industrial.¹⁴⁶

No que concernem as várias designações casuais direcionadas aos indivíduos vindos do Nordeste brasileiro podemos, da mesma maneira, através das palavras de Albuquerque, identificar enunciados pejorativos que revelam a hostilidade existente na relação social entre os habitantes das grandes cidades nacionais e os migrantes nordestinos:

A chegada dos migrantes nordestinos vai gerar tensões com as populações locais e vai dar à figura do arigó, que no próprio Nordeste passou a significar aquele que é bobo, que é tolo. No Sul, a disputa por mercado de trabalho, por moradia, por um melhor padrão de vida que faz com que os nordestinos sejam estigmatizados em São Paulo, através da figura do “baiano”, ou no Rio de Janeiro, através da figura do “paraíba”.¹⁴⁷

¹⁴⁵ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 114.

¹⁴⁶ Idem. *Paraibas e Bahianos: Órfãos do Campo, Filhos Legítimos da Cidade. Travessia – Revista do Migrante*. Ano III, n. 8, p. 30, 1990.

¹⁴⁷ ALBUQUERQUE, op. cit., nota 145, p. 128.

No mesmo sentido direcionado por Albuquerque, em seu trabalho sobre as imagens do migrante nordestino em São Paulo, Germano Leóstenes Alves de Sobral comenta sobre a utilização de termos genéricos e pejorativos na referência ao grande número de indivíduos vindos do Nordeste:

A incorporação ao seu vocabulário, de termos como “baiano” e “baianada”, o primeiro operando como designação genérica de todos os nordestinos, e o segundo como sinônimo de estupidez ou sujeira, expressa a interiorização pelo migrante de imagens pejorativas, forjadas no âmbito das lutas entre diferentes sujeitos pela imposição de significados dominantes. A própria recusa a ser classificado como “baiano” – e a reserva desta nomenclatura aos outros – subsume um complexo de reavaliação de valores e de manipulação de imagens que objetivam uma maior aceitação na sociedade mais ampla.¹⁴⁸

Com base nesses dados apresentamos, podemos refletir sobre a importância da difusão dessa visão determinista e preconceituosa acerca da imagem dos migrantes nordestinos; pelos meios de comunicação do Rio e de São Paulo, e assimilados por suas respectivas populações; no despertar de um sentimento de pertença a região natal, pelo grande número de famílias vindas do Nordeste. Com efeito, não podemos ignorar o papel determinante dos laços de solidariedade estabelecidos entre os mesmos, assim como a possibilidade de rememorarem em conjunto seus antigos hábitos, costumes e tradições. É dentro desse contexto, que envolve saudosismo e preservação de identidades regionais, que investigaremos a produção e recepção dos cordéis nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro por esses migrantes. Considerando a emergência da literatura de cordel para além dos limites da região nordestina, Joseph Maria Luyten argumenta:

Nos anos 50, houve um fenômeno que determinou, em parte, o prestígio do cordel fora do Nordeste propriamente dito. Foi a grande incidência de migrações para o meio urbano, sobretudo para as cidades do Centro-Sul. Como causas temos a edificação de estradas, o “boom” industrial do eixo Rio - São Paulo e a grande demanda de mão-de-obra na construção de Brasília.¹⁴⁹

O enfoque a esse objeto analítico se configura como ponto de partida para uma maior compreensão de como os nordestinos resididos nessas metrópoles reconhecem os cangaceiros do cordel como símbolos regionais que possibilitam a constituição de uma identidade regionalista, isto é, protagonistas que despertam no seu leitor o sentimento de pertença a sua região de origem.

¹⁴⁸ SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. *Imagens do Migrante Nordestino em São Paulo. Travessia – Revista do Migrante*. Ano VI, n. 7, p.20, 1993.

¹⁴⁹ LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 24.

2.4.2 A Leitura do Cordel pelos Migrantes Nordestinos

A percepção de como a literatura de cordel é produzida e lida pelos migrantes nordestinos resididos no Sudeste, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, nos oferece um quadro analítico fundamental para pensarmos e questionarmos o conceito de *desenraizamento*¹⁵⁰ proposto por Ecléa Bosi. Isso porque, a partir do que se pretende argumentar neste trabalho, ao migrar para uma região estranha a eles, os nordestinos preservam e recriam suas próprias tradições. Desse modo, podemos verificar que, por um lado, a produção e a recepção dos versos difundidos no cordel, se configuram como uma possibilidade de aproximação com os principais valores característicos da sua região de origem. Por outro lado, esses migrantes nordestinos são impelidos a recriarem suas identidades na tentativa de se sentirem aceitos e acolhidos pela população do Sudeste.¹⁵¹ Em suma, mesmo no contato com uma cultura “estranha” a eles, esses sujeitos não abrem mão de preservarem parte de seus costumes e hábitos, o que inviabiliza o reconhecimento dos mesmos como “desenraizados”. Esse argumento desenvolvido por Bosi, que é questionado explicitamente nessa pesquisa, pode ser constatado no seguinte trecho:

Como pensar em cultura popular em um país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem. (...) Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas buscar o que se pode renascer nessa terra de erosão.¹⁵²

Contudo, podemos extrair dessa corrente interpretativa proposta por Bosi a possibilidade, pelos migrantes nordestinos, de reconstrução, senão adequação a um novo lugar, das suas identidades culturais. É inserido nesse contexto que, através da recorrência a um suposto saudosismo geográfico, podemos verificar as transformações nas maneiras que os cordéis são produzidos, lidos e difundidos nas grandes metrópoles nacionais.

¹⁵⁰ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

¹⁵¹ Para pensarmos as inter-relações entre diferentes costumes sociais propiciadas pelos deslocamentos migratórios, Stuart Hall desenvolve o conceito de *sociedades multiculturais*, sendo tais concebidas como maneira de compreender como “diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade ‘original’”. Cf. HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Notas Sobre a Desconstrução do “Popular”*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 50.

¹⁵² BOSI, op. cit., nota 150, p. 176-177.

No tratamento de como os migrantes nordestinos contemplam a leitura contida na literatura de cordel é fundamental direcionarmos nosso enfoque ao valor sentimental difundido nesses versos. Isto é, o cordel transmite ao seu leitor uma aproximação com os principais elementos característicos do Nordeste, emergindo um valor saudosista acerca das suas tradições regionais. Nesse sentido, até mesmo a recriação do cordel como literatura nacional, a partir da década de 1950, é colocada em segundo plano em detrimento aos anseios do resgate parcial de um passado estritamente tradicional. A presença maciça dos principais temas e características da região Nordeste no cordel, que se configura como objeto de interesse dos migrantes nordestinos, é apresentada por Luyten:

(...) Boa parte dos assuntos de que tratam os livretos do cordel são, também, pertinentes a essa área (Nordeste). Mesmo a poesia popular feita nas grandes cidades do Centro-Sul (Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo) tem, em grande proporção, motivações originárias da região sertaneja do Nordeste. (...) A influência sertaneja nas cidades acima citadas, notadamente São Paulo, se dá justamente por serem elementos do interior nordestino os que mais migraram para o Sul, implantando, aqui, suas manifestações culturais.¹⁵³

Exemplificando esses temas presentes no cordel podemos verificar a recorrência aos mesmos objetos tratados na literatura regionalista que emergiu nas décadas de 1920 e 1930, tais quais: o messianismo, o fanatismo religioso, o fenômeno da seca, a migração dos nordestinos para as grandes metrópoles nacionais, o cangaço, etc. Apresentando esses temas fundadores de uma identidade regional nordestina, a autora Nara Maria de Maia Antunes releva a importância desses elementos simbólicos na revelação do que é “ser nordestino”¹⁵⁴, e é nessa direção que o migrante vindo do Nordeste busca reatar os laços com as principais características da sua região natal. Nesse sentido, deve ser considerado também o processo de seleção e esquematização realizado pelo poeta popular, explicitando a ação consciente do mesmo na recorrência a símbolos constituintes de uma identidade nordestina, esses responsáveis pela aproximação do leitor com as histórias, senão estórias, do seu passado. Em síntese, enfatizando a importância dessas representações simbólicas presentes na literatura de cordel, podemos recorrer à concepção desenvolvida por Ricoeur onde o mesmo afirma que “é impossível atingir um real social anterior à simbolização”¹⁵⁵, ou ainda na afirmação de Geertz

¹⁵³ LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 18-19.

¹⁵⁴ ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no Espelho: Identidade Nordestina Através da Literatura. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 125.

¹⁵⁵ RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 84.

em que os sistemas de símbolos são “construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente”.¹⁵⁶

Antes de adentrarmos nosso foco na figura do cordelista vindo do Nordeste para as grandes metrópoles do Sudeste, se coloca como oportuno, considerando o estabelecimento de uma relação de identificação e assimilação entre os migrantes nordestinos e os conteúdos difundidos no cordel, apresentarmos como a temática da migração é tratada nesses versos populares. Para isso, recorreremos ao texto produzido pelo poeta popular Apolônio Alves dos Santos no estado do Rio de Janeiro, onde o mesmo apresenta a difícil decisão de um nordestino de deixar a sua “terra” para buscar melhores condições de vida numa região desconhecida por ele:

Na zona do Cariri
No Nordeste brasileiro
Morava um agricultor
Chamado Pedro Granjeiro
Que veio cavar a vida
No grande Rio de Janeiro

Porém ele nunca tinha
Trabalhado em construção
Mas a seca archoou tanto
No seu amado torrão
Que ele foi obrigado
A abandonar o sertão

Primeiro disse a esposa:
Estamos em sofrimentos
Tenho que ir para o Rio
Vou já vender meus jumentos
Para comprar a passagem
E tirar os documentos

A mulher disse: Você
Não vai se acostumar
Quem nasceu e se criou
Sem sair deste lugar
Ele disse: Não tem nada
Eu tenho que enfrentar.¹⁵⁷

Nesses versos, assim como nos demais cordéis que tratam a temática da migração interna, a região deixada para trás é concebida como um lugar idealizado, como a representação de um passado romântico que não satisfaz mais as necessidades econômicas dos seus conterrâneos, e por esta razão deve ser fisicamente abandonada. Com efeito, a cidade

¹⁵⁶ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 228-229.

¹⁵⁷ SANTOS, Apolônio Alves dos. *O Agricultor Nordestino que veio trabalhar no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982, p. 1.

“grande”, nesse caso o Rio de Janeiro, é abordada pelo viés que a encara como o espaço onde se estabelece a saudade, como o lugar de uma ilusão que revela uma quase inalterada realidade dura e sofrida. Ou ainda, como discorre a pesquisadora Sylvia Nemer:

No cordel praticado no Rio de Janeiro, o tema do combate gira em torno do próprio migrante que assume o papel de valente em sua luta para sobreviver no novo ambiente físico e social. Jogando com o real e o imaginário, o combate travado pelo migrante na cidade grande tem como objetivo único a salvação: salvação utópica inscrita no plano da narrativa que traz como personagens, os nordestinos, moradores dos morros e das periferias do Rio de Janeiro, viajantes nos trens urbanos, operários nas obras, em suma, uma galeria de tipos que busca, com humor e coragem, vencer as dificuldades do dia a dia na cidade.¹⁵⁸

A identificação dos migrantes nordestinos aos personagens apresentados nessas histórias constata o sucesso dos cordéis no Sudeste, assim como a importância da figura do cordelista, que muitas vezes como produto desse deslocamento migratório, produz conscientemente seus versos para uma parcela considerável de migrantes nordestinos resididos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

2.4.3 O Migrante - Cordelista e a Produção dos Cordéis no Sudeste

No tratamento de como os cordéis são produzidos no Sudeste, voltamos a atentar para a complexidade dos caminhos e trajetórias da literatura de cordel e dos seus poetas populares. Com efeito, essa pesquisa confronta com dificuldades que impedem uma análise generalizante acerca dos objetos tratados. Esse impasse se explica pelo fato de que nem todos os cordéis difundidos no Sudeste foram editados na respectiva região, ou seja, nem todos os cordelistas aqui tratados foram afetados pela crescente onda migratória inter-regional que se deu na segunda metade do século XX. Contudo, devemos ressaltar que apesar dos raros casos onde os cordéis foram ainda produzidos no Nordeste e publicados por editoras, a partir da década de 1950, nas principais cidades do Sudeste, temos uma predominância de poetas populares oriundos do Nordeste que construíram seus versos no Rio e em São Paulo. É baseado nessa predominância, e considerando as exceções, que tratarei a notoriedade da figura do cordelista como sujeito responsável, a partir das suas histórias, pela aproximação entre os migrantes nordestinos e os conteúdos difundidos nos cordéis.

¹⁵⁸ NEMER, Sylvia Regina Bastos. *Feira de São Cristovão: Contando Histórias, Tecendo Memórias*. 2012. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, p. 15.

No que se refere à maneira que o poeta popular nordestino se situa no Sudeste, sobretudo no Rio e em São Paulo, devemos ressaltar sua importância como porta-voz dos temas ligados ao Nordeste para uma população receptora mista, constituída de nordestinos e habitantes do próprio Sudeste. Desse modo, ao contrário de como se dava em sua região natal, onde o conteúdo do cordel se voltava exclusivamente para a alfabetização e entretenimento dos trabalhadores rurais, essas estórias passam a exercer uma nova função de aproximar afetivamente o migrante nordestino à sua região, e também de apresentar ao seu novo público uma parte da cultura nordestina.

Considerando a leitura desses versos pelos habitantes nascidos no Centro-Sul, podemos ratificar o crescente interesse de pesquisadores situados para além das fronteiras do Nordeste, aos principais elementos da região transmitidos nos cordéis. Ao passo que, com o apoio de companhias editoriais, esses autores difundem suas estórias, aumenta consideravelmente a aceitação dos mesmos por essas populações receptoras. Com efeito, é estabelecida uma relativa diferenciação social entre esses cordelistas e os demais migrantes que enfileiravam a massa de trabalhadores urbanos. No entanto, devemos perceber essa distinção como aspecto reproduzido exclusivamente pelos habitantes do Sudeste, e que consequentemente possibilitava uma maior representação por parte desses poetas na transmissão das principais características regionais e populares. No que se refere ao relativo desprezo dos cordelistas nordestinos, resididos em São Paulo, a uma suposta superioridade em relação aos seus leitores, Joseph Maria Luyten argumenta:

Por outro lado, o poeta popular, também aqui em São Paulo, cumpre o seu papel de líder de opinião para com as classes subalternas às quais nunca deixa de pertencer. Mesmo, em alguns casos, quando porta títulos universitários ou posições de destaque na sociedade sulina, ele, quando autor de poemas populares, sempre se coloca como alguém integralmente nordestino ou sertanejo. (Ou, no mínimo, se ele pertence à segunda geração de migrantes e/ou outros, como alguém pertencente ao povo.)¹⁵⁹

No enfoque à forma que esses poetas populares vindos do Nordeste se situam nas principais metrópoles do Centro-Sul, vale atentar para a construção de laços de solidariedade entre os mesmos, possibilitando, da mesma forma, o estabelecimento de centros de preservação de memórias. Com isso, a cultura popular nordestina passa a figurar crescentemente para além das suas fronteiras regionais. Esses mesmos “lugares de

¹⁵⁹ LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 30.

memória”¹⁶⁰, além de difundirem os vários elementos identitários do Nordeste (artesanato, culinária, vestuário, música, e outros), se configuram como espaços culturais onde os cordelistas podem divulgar e comercializar seus cordéis na cooperação com outros autores. Em outras palavras, podemos conceber essas comunidades como possibilidade de intercâmbio entre os nordestinos e as sociedades receptoras, assim como meio de troca de experiências em comum entre os migrantes vindos do Nordeste. O reconhecimento desses centros como ambiente de preservação e afirmação identitária pode ser assimilada através do conceito de “território da migração”:

Os territórios da migração se constituem enquanto ação-reação na constante disputa por inserção, pertencimento e visibilidade nos contextos urbanos ou rurais. São totalidades complexas que se constroem sobrepondo-se e ocultando outros sujeitos, outras sociabilidades, outros territórios. Por vezes são compreendidos como “intrusos” pela sociedade de recepção, dado que adensam e materializam a presença do outro, do estrangeiro, do invasor, daqueles que portam costumes, hábitos e culturas singulares, incômodas ou “perigosas”.¹⁶¹

No que concerne ao tratamento objetivo desses centros, onde os cordelistas compartilham o elemento estritamente nordestino das suas obras, temos como principal expoente o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestina, espaço marcado por uma história de preconceito e resistência.

Conhecida popularmente como Feira de São Cristovão, esse local de afirmação, preservação e difusão da cultura nordestina, surgiu no ano de 1945, período em que a cidade do Rio de Janeiro já contava com a presença considerável de contingentes de migrantes vindos do Nordeste na busca por emprego e melhores condições de vida. Nesse sentido, impulsionados pela esperança de dias melhores fomentada pela mídia e sua propaganda do Rio de Janeiro como capital do progresso e do futuro, os nordestinos recorriam ao Campo de São Cristovão como ponto de encontro com aqueles que já estavam situados na cidade há mais tempo. Apresentando o ambiente acolhedor da Feira, que a partir do seu caráter nordestino possibilita um maior estreitamento de laços entre seus frequentadores, Morales discorre:

É esta área periférica – ponto de recepção de quem chega à Feira pela Rua Campo de São Cristovão – que dá o tom, o caráter, a qualidade do que é imediatamente

¹⁶⁰ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares*. Projeto História. São Paulo, 1993.

¹⁶¹ PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o Final do Século XIX e o Início do Século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013, p. 23.

identificado como nordestino, pois é nela onde se celebra a culinária, a música e a arte popular desta região do país.¹⁶²

Vale ressaltar que com a crescente ocupação desse espaço, mais constante se tornou a repressão e a marginalização dos seus novos habitantes, dando origem a um jogo de ação e reação envolvendo os órgãos de fiscalização e aqueles que dependiam das atividades comerciais estabelecidas na feira (artesãos, feirantes e cordelistas). Na década de 1950, com a presença cada vez mais constante de migrantes nordestinos, acentuavam-se a frequência de emissão de ações de remoção, e somado a isso era crescente o estranhamento e conseqüente reprovação dos meios de comunicação responsáveis pela descrição do ambiente onde se davam as relações horizontais entre os frequentadores da feira. Esse aspecto pode ser exemplificado na reportagem intitulada *Jogo de Caipira na Feira dos Nordestinos*, do jornal *Tribuna da Imprensa*, em que são relatados os costumes peculiares dos nordestinos sob a visão dos repórteres cariocas:

Num caixote alto e forte, com um dado e uma caneca na mão, era o banqueiro. A cada rodada sucediam-se as apostas. Jogo franco e descoberto. A banca, que estava rodeada de jogadores, era o ponto máximo de atração para os que ali se concentravam. (...) Não temem a presença de policiais. Para burlar qualquer investida da polícia, o papel que serve de pano com os quadros e números desenhados, fica solto sobre a improvisada mesa. Qualquer sinal suspeito eles escondem logo o papel e nada deixa transparecer que era jogo.¹⁶³

Somente na década de 1960, com a criação de aparelhos voltados para a proteção dos migrantes nordestinos, que a Feira de São Cristovão alcançou um período de relativa paz, culminando numa maior organização das suas atividades comerciais e culturais. Perpassando pela ameaça da construção de um Shopping Center na área onde está estabelecida essa comunidade nordestina, na década de 1990, e por sua transferência para o Pavilhão de São Cristovão, no ano de 2003, é notável a importância desses cordelistas vindos do Nordeste na preservação da identidade regional nordestina, seja na preservação dos centros de memória em que são constituintes, ou na difusão das principais características do Nordeste nas páginas dos cordéis. No reconhecimento do elemento estritamente nordestino nessa Feira, Barbosa destaca:

¹⁶² MORALES, Lúcia Arrais. *A Feira de São Cristovão: Um Estudo de Identidade Regional*. 1993. Dissertação (Mestrado) - Museu Nacional, PPGAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 1993, p. 47.

¹⁶³ Jogo de Caipira na Feira dos Nordestinos. In: *Tribuna da Imprensa*. 31 de Julho, 1956, apud NEMER, Sylvia Regina Bastos, 2012, p. 35.

Com o passar do tempo, esse espaço foi se transformando numa feira semelhante às existentes no interior do Nordeste. Apesar da singularidade da Feira dos Paraíbas, a similaridade desta com as feiras nordestinas aparece de forma recorrente nas falas dos frequentadores e dos feirantes, tornando-se, inclusive, inspiração para músicas, cordéis e repentes.¹⁶⁴

Após essa breve apresentação acerca da importância dos cordelistas na produção dos seus cordéis, que serviam à aproximação entre os migrantes nordestinos e os conteúdos transmitidos nesses versos, se configura como viável apresentar a trajetória desses poetas populares. Com efeito, podemos observar na trajetória desses sujeitos sociais um caminho similar ao trilhado pelos seus leitores. É esse passado em comum que garantiu o êxito da relação entre autor e leitor, mediado pela difusão dos elementos nordestinos nos versos do cordel sob um viés saudosista.

2.4.4 Um Estudo de Caso: A Trajetória Singular dos Migrantes – Cordelistas

Considerando as similaridades, mas sem ignorar as especificidades na trajetória desses sujeitos sociais, temos no enfoque ao deslocamento desses cordelistas um elemento indispensável para pensarmos a importância do respectivo contexto, onde cada um se insere, na elaboração e produção dos versos difundidos por eles na literatura de cordel. Para isso, nos apoiaremos brevemente na história de vida dos poetas populares Gonçalo Ferreira da Silva e Franklin de Cerqueira Machado, o vulgo “Maxado Nordestino”, ressaltando os dados mais significantes que possibilitam uma compreensão ampla de como esses poetas se colocam numa conjuntura análoga aos leitores dos seus cordéis resididos no Sudeste.

No que se refere ao cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, temos um cearense de Ipu nascido no ano de 1937, que no início da década de 1950 migra para o Rio de Janeiro em busca de uma maior qualidade de vida. Em 1963, o poeta passa a se dedicar a produção de pequenas coletâneas de fábulas sobre sua região natal, evidenciando a preservação de uma relação afetiva com os valores regionais do Nordeste. Somente no ano de 1978, graças à influência do pesquisador Sebastião Nunes Batista e de outros especialistas em cultura popular, Gonçalo Ferreira da Silva inicia suas produções na literatura de cordel na Fundação

¹⁶⁴ BARBOSA, F. C. A Transmutação da “Feira dos Paraíbas” em Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. In: SEYFERTH, G. et al. *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, p. 359.

Casa de Rui Barbosa. No que concerne a essa carreira inicial como cordelista, ignorando seus trabalhos realizados na década de 1960, Gonçalo comenta em entrevista a pesquisadora Adriana Cordeiro Azevedo:

Em 1978 me lancei na literatura de cordel, embora já escrevesse outros gêneros. Como profissional comecei em 72, mas como cordelista comecei em 78. Portanto, sou um cordelista muito novo, apenas com 24 anos de atividade. Tem muitos autores por aí com meio século de atividade. É o que eu já podia ter feito também, mas eu comecei muito tarde. Coisas da vida, não é?¹⁶⁵

Como resultado da popularidade dos seus cordéis, já na década de 1980, precisamente no ano de 1988, Gonçalo Ferreira da Silva se coloca como principal fundador da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, tendo como colaboradores o então vice-presidente da ABLC, e também cordelista, Apolônio Alves dos Santos; e o diretor cultural Hélio Dutra. Atualmente, como patrimônio responsável pela conservação, produção e difusão da literatura de cordel, a ABLC se destaca pela realização de eventos que prezam pela valorização da cultura popular, e por esta razão é objeto de interesse de apreciadores e pesquisadores sobre o tema.

Trazendo à tona a questão do apego aos elementos regionais do Nordeste por seus migrantes, quando perguntado pela entrevistadora Dani Maciel sobre a razão de ter fundado a sede da Academia Brasileira de Literatura de Cordel no Rio de Janeiro, Gonçalo responde reconhecendo os valores da sua cidade de origem, e compara suas características com as do Rio. A partir dessa locução ressaltamos o perfil predominante dos migrantes nordestinos, indivíduos que enraizados no Sudeste mantêm laços com sua região natal, o que sustenta seus projetos realizados na cidade onde ele está inserido:

(...) A sede é onde eu estava. A sede da academia fica no Rio de Janeiro, o coração fica no Ipu. Eu amo a minha cidade. Ipu no Ceará é uma miniatura do Rio. Situada entre a serra e o mar como o Rio. O padroeiro é São Sebastião como o Rio. O monumento não é uma cruz, é um Cristo como no Rio, só que com as proporções necessárias. Mas é uma miniatura do Rio de Janeiro. Eu amo o Ipu de uma tal maneira que uma vez eu fiz um discurso lá e disse para o prefeito: vocês são PMDB, aquele outro é PSDB, o outro é PSD, eu sou Ipu. Eu sou o que for bom pra minha cidade.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Entrevista concedida à Adriana Cordeiro Azevedo no dia 5 de Novembro de 2002. Cf. AZEVEDO, Adriana Cordeiro. *Cordel, Lampion e Cinema na Terra do Sol*. Rio de Janeiro: Ferreira Studio, 2004, p. 103.

¹⁶⁶ Gonçalo Ferreira da Silva: O presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel fala sobre a instituição. *Revista Biblioo*. Ano 1, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://biblioo.info/goncalo-ferreira-da-silva-presidente-da-ablc-fala-sobre-a-instituicao/>>

No tratamento da trajetória do poeta popular Franklin Machado, temos um caminho parecido ao trilhado por Gonçalo Ferreira da Silva, visto que ambos são homens egressos do Nordeste e estabelecidos nas duas principais metrópoles nacionais: Rio de Janeiro e São Paulo. Possuindo vários pseudônimos; tais quais Maxado Nordestino, Franklin Maxado, e Franque Maxado; Franklin de Cerqueira Machado é um baiano, de Feira de Santana, nascido na década de 1940. Contudo, diferente do nosso cordelista tratado anteriormente, temos na sua figura um homem que “fez sua vida” no Nordeste antes de migrar para São Paulo. Isso porque no ano de 1966 formou-se em Direito pela Universidade Católica da Bahia e no anterior graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Graças a essa formação profissional Franklin pôde praticar advocacia e trabalhar em importantes periódicos do estado (*Folha do Norte, Feira Hoje, Diários Associados e A Tarde*) como jornalista. Vale ressaltar que antes de exercer essas ocupações na Bahia, ainda quando moço em 1961, o mesmo teve uma breve passagem no Rio de Janeiro.

Somente no ano de 1972, com o convite do também jornalista Juarez Bahia, Franklin Machado vai para cidade, onde inicia suas atividades como colaborador no *Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo, Diário Popular e Tribuna de Santos*. Apesar da suposta prosperidade profissional, esse foi um período difícil na vida do nosso poeta apresentado, visto as dificuldades de adaptação e os preconceitos que lhe eram direcionados por ser nordestino. Por conta da sua decepção no ambiente jornalístico e pela admiração para com a literatura, no ano de 1975, Franklin opta por se dedicar exclusivamente à poesia popular, iniciando uma nova fase da sua vida profissional. Porém, não é em sua empreitada como cordelista que o mesmo vai se livrar das críticas, visto que o mesmo passa a ser visto com preconceito pelos outros poetas pelo fato de ser formado em faculdades, evidenciando a faceta tradicionalista de uma parcela considerável do povo nordestino.

Nesse mesmo sentido, Franklin Machado se destaca por introduzir em seus temas do cordel o ambiente de São Paulo, cidade onde estava radicado. Com efeito, podemos destacar uma característica relevante desses cordéis entre as décadas de 1950 e 1980: a inserção de novos assuntos acerca das grandes cidades do Sudeste onde os migrantes - cordelistas produzem suas obras. Em suma, é indispensável ressaltar que os temas nordestinos não deixam de ser tratados pelos autores do cordel, mas passam a dividir espaço com os assuntos referentes ao novo contexto onde se inserem os migrantes nordestinos, leitores desses versos populares. O enfoque a essas novas abordagens narradas nos folhetos nos permite reafirmar que apesar do resgate do passado estar presente, o cordelista vindo do Nordeste revela em suas obras suas experiências e desafios como migrante.

O tratamento dessa questão é o ponto de partida para o próximo item, onde serão ressaltadas as principais transformações pelas quais passam a literatura de cordel, constatando que esses folhetos não são estáticos, são narrativas que se configuram como produto do universo que seus poetas populares e leitores são constituintes. Em suma, a literatura de cordel produzida no Sudeste é resultado da possível coexistência entre o antigo e o novo, o passado e o presente.

2.5 Os “Novos Cordéis” no Sudeste

Na análise de como se estabelecem os “novos cordéis”, difundidos a partir da década de 1950 no Sudeste, podemos nos apoiar sobre uma série de fatores que contribuem para a ocorrência de sensíveis transformações nas formas de produção e difusão desses folhetos. Com isso, podemos perceber a presença de novos temas, dentre tais aqueles condizentes com a realidade vivenciada pelos migrantes nordestinos nos principais centros comerciais do Centro-Sul, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesse sentido, podemos ressaltar a concepção desenvolvida por Puntel. Segundo a autora, no que diz respeito às transformações encaradas pelos cordéis em sua migração, sua instituição como literatura nacional ameaça diretamente seu caráter de produção estritamente popular.¹⁶⁷ Contudo, reconhecendo a difusão dos cordéis para além das fronteiras nordestinas, não podemos ignorar a origem popular que acompanha os cordéis até mesmo nesse período de transformações. Sobre essa questão, confrontando o ponto de vista de Puntel, devemos enfatizar a dinamicidade da literatura de cordel, característica essa que permite, por exemplo, a assimilação do letramento na sua composição, sem que essa mudança ameace seu status de literatura popular.

No que concerne a incorporação de novos temas na literatura de cordel, Luyten destaca a reprodução de uma temática política e sindical nessas obras no Rio e em São Paulo. Nesse sentido, a partir do tratamento de um ambiente urbano, passam a serem relevados os elementos da marginalização dos nordestinos, suas dificuldades de adaptação nas fábricas, as

¹⁶⁷ PUNTEL, Joana T. Cordel, a Literatura que já foi do Povo. *Revista Família Cristã*. São Paulo, 1980.

revoltas sindicais do período, as políticas estudantis, as campanhas da UNE, etc.¹⁶⁸ Em suma, destacando a inserção desses novos conteúdos nos folhetos de cordel, Luyten afirma:

Antigamente, ela era portadora de anseios e paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora, entre outras coisas, de reivindicação de cunho social e político. Não somente para os nordestinos e descendentes, mas para todos os habitantes do Brasil. Por isso ela continua importante, pois os poetas populares, através dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo.¹⁶⁹

Tratando, da mesma maneira, essas transformações pelas quais passaram os cordéis a partir da segunda metade do século XX, Souto Maior delinea um quadro de transformações em detrimento ao temor de uma possível extinção da literatura de cordel:

Os poetas populares estão enveredando por outros caminhos, uma vez que não são tão semi-analfabetos como eram há algumas décadas passadas e estão participando da região e, através dos seus folhetos, eles enviam suas mensagens, instruindo o povo que assim toma conhecimento dos problemas nacionais. Este novo impulso que está tomando a literatura popular em verso constitui, evidentemente, uma prova de que o folheto não está morrendo mas sofrendo modificações em seu conteúdo e atualização em sua temática.¹⁷⁰

Considerando essa ampliação temática nos cordéis podemos realçar a apreensão de novas experiências por parte dos seus poetas. Com efeito, constituindo-se como uma das várias condições possíveis para a aquisição de novos conhecimentos, podemos realçar o crescente grau de escolaridade dos cordelistas. Temos na modificação do perfil desses autores um objeto de divergência num campo marcado pelo conservadorismo, e isso é transmitido por Joseph Maria Luyten no tratamento do caso do cordelista Franklin Machado:

O fato de ser formado em duas faculdades motivou muita crítica, tanto por parte dos próprios poetas populares que temem sua voz poderosa e seu status de “doutor”, como dos pesquisadores conservadores que vêem com bons olhos o fato de alguém das camadas elitista dedicar-se a uma atividade considerada de competência exclusivamente popular.¹⁷¹

No entanto, verificando o fragmento dessa respectiva obra, que pretende apresentar o estabelecimento da literatura de cordel em São Paulo, podemos ressaltar o equívoco

¹⁶⁸ LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 166-189.

¹⁶⁹ LUYTEN, Joseph Maria. *O que é Literatura Popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 64.

¹⁷⁰ SOUTO MAIOR, Mário. *Painel Folclórico do Nordeste*. Recife: Editora da UFPE / Fundação Joaquim Nabuco, 1981, p. 14.

¹⁷¹ LUYTEN, op. cit., nota 168, p. 66.

reproduzido pelo pesquisador ao situar como constituinte da elite todo cordelista que se dedica a elevar seu nível de escolaridade.

No que se refere ao preconceito direcionado aos cordelistas ditos letrados, em entrevista cedida à pesquisadora Viviane de Melo Resende, é nítida a aversão do poeta e xilogravurista José Francisco Borges aos caprichos gramaticais reproduzidos pelos seus “companheiros de ofício” com grau de escolaridade mais elevado, sendo esses responsáveis diretamente por uma suposta descaracterização do cordel em sua forma tradicional de produção:

No tempo que o povo era analfabeto, mas conhecia o cordel e conhecia a rima, quando a pessoa lia um cordel que a rima quebrava, o cara analfabeto já dizia logo: “êpa, aí tá errado”. Agora não, agora o povo todo sabe ler, mas não entende, passa por cima da rima errada. Aí aquilo ofende muito o cordel. Eu gostaria que esse povo, esses professores, doutores, esse povo ficasse só lendo o cordel e não metesse a escrever porque está esculhambando o ambiente. E tem uns professores que inventam de escrever cordel, faz até graça. Porque aí eles se agarram com a gramática e se esquecem que cordel não existe gramática para um cordel. A gramática de cordel é a rima positiva e as sílabas medidas. Aí dá o tempero da poesia.¹⁷²

Por outro lado, temos aqueles que reconhecem essa mudança paulatina no perfil dos cordelistas como produto de novos tempos. Essa concepção pode ser observada em Gonçalo Ferreira da Silva, poeta popular que vê nesse quadro de transformações uma possibilidade de enriquecimento das abordagens transmitidas nos versos do cordel. Para isso, cita os trabalhos de outros cordelistas, que recorrendo a uma singular obediência à gramática, não promovem alguma descaracterização em seus folhetos:

Muitos dos nossos intelectuais acham que com a escolaridade dos nossos atuais e principais poetas a literatura de cordel corre o risco de descaracterizar-se. Puro engano. Paulo Nunes Batista, bacharel em Direito, Pedro Bandeira, Ivanildo Vila Nova e tantos outros, com produção cada vez melhor e mais autêntica. A polidez e obediência à gramática não tiram a autenticidade da obra. [...] Os futuros autores cultos manterão a autenticidade da literatura de cordel e esta alcançará a perfeição.¹⁷³

Situando esses “novos cordéis” no recorte cronológico dessa pesquisa, isto é, ao período em que os migrantes nordestinos lêem esses versos no intento em manter uma maior aproximação com sua região natal, devemos ratificar que essas obras não abandonam a temática que trata os elementos estritamente nordestinos. Com efeito, vale ressaltar que essas

¹⁷² RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de Cordel: Uma Aproximação Etnográfica ao Gênero*. In: Anais do IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Tubarão: UNISUL, 2007, p. 413.

¹⁷³ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Milart, 2001, p. 17.

transformações na literatura de cordel são, de certa forma, ignoradas por seus leitores, visto a grande circulação dos folhetos nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Portanto, podemos afirmar que sua ampliação temática é concebida positivamente pelos migrantes nordestinos, já que os aspectos característicos dos centros urbanos onde os mesmos se inserem se constituem como representação do contexto presente em que essas estórias são lidas.

O tratamento desses novos conteúdos desenvolvidos na literatura de cordel nos faz afirmar o caráter dinâmico e móvel desses folhetos. Nesse sentido, a atualização nos cordéis revela os signos da modernidade, a exemplo do letramento dos cordelistas e da expansão do mercado editorial no Sudeste. Com efeito, apesar de não ignorar os elementos do passado, esses folhetos têm em sua composição as temáticas referentes ao contexto presente em que os cordelistas produzem seus versos rimados. É essa conciliação entre passado e presente que permite a identificação dos migrantes ao que é tratado nessa literatura que ainda mantém seu status como popular.

No que se refere aos desafios enfrentados por esses cordéis entre as décadas de 1950 e 1980, destacamos a possível concorrência com os meios de comunicação de massa. Assim como o embate entre aqueles que defendem uma suposta mudança no perfil dos cordelistas, a influência da grande difusão do rádio e da televisão é objeto de recorrente divergência entre os pesquisadores do tema. Com efeito, temos aqueles que subestimam e superestimam a concorrência desses meios de comunicação emergentes com a literatura de cordel.

Em sua predominância, aqueles que destacam a influência direta da difusão do rádio e da TV como responsável por uma possível extinção do cordel ressaltam uma concorrência desleal, onde os veículos de comunicação de massa possuem certa vantagem sobre os cordéis por seu status de novidade, por seu poder de circulação mais eficaz. Considerando que a emergência das mídias foi sentido mais profundamente pela literatura de cordel no Nordeste, onde a mesma tem sua função como difusor de informações, podemos ampliar igualmente nossa abrangência aos “novos cordéis” do Sudeste. A partir do tratamento a essa questão, podemos apresentar a entrevista concedida por Manoel Monteiro, onde o poeta popular chama a atenção para o impacto da difusão dos meios de comunicação de massa e sua consequência sobre a comercialização dos cordéis: “A literatura de cordel foi afogada por um período, por

um determinado período com a evolução da informação. Afogada pela invasão da informação, o imediatismo da informação. E, veja bem, como entretenimento muito mais ainda”.¹⁷⁴

Por outro lado, temos na entrevista concedida por Gonçalo Ferreira da Silva uma detalhada argumentação que refuta uma possível extinção do cordel em detrimento ao sucesso do rádio e da TV na segunda metade do século XX. Segundo o cordelista, tal impacto da mídia sobre a literatura popular é incabível, visto que há uma relação de cooperação do cordel a essas mídias, possibilitando assim uma adequação da temática difundida nos folhetos aos novos tempos do som e da imagem:

(...) Se a literatura de cordel tivesse os avanços como adversários, e não como aliados, teria se dado mal. Mas a literatura de cordel, quando chegou o rádio, a literatura de cordel teve o rádio como aliado; chegou o rádio de pilha, a literatura de cordel fez o mesmo, cavalgou sobre as ondas eletromagnéticas do rádio de pilha. Chegou a televisão, ora! Vamos nos associar a um invento que leva a imagem e som ao mundo todo, e foi para a televisão. (...) Quer dizer então que a literatura de cordel teve o trabalho... Não, o trabalho não; o cuidado ao aliar-se ao progresso e não tornar-se adversário dele. É lógico que depois do rádio de pilha, depois desses avanços, a gente caminha junto nesses avanços; só que a literatura de cordel alcançou, porque alcançou com qualidade.¹⁷⁵

Em outra entrevista concedida precedente a essa, podemos observar, de maneira mais explícita a opinião de Gonçalo Ferreira da Silva acerca de um suposto conflito entre a tradição e o progresso, onde as partes envolvidas são irreconciliáveis. Na visão do cordelista de Ipu, é possível uma coexistência entre as variadas formas de transmitir algo ao seu leitor e telespectador, sem que haja algum prejuízo de uma em detrimento a outra: “A televisão foi uma ameaça. Mas não adianta, se a televisão fosse uma ameaça mesmo, acabava o jornal. Se vai ver tudo na televisão, porque vai fazer jornal?! Então é um argumento muito pobre”.¹⁷⁶

Ainda sobre essa possibilidade de conciliação entre a tradição e o progresso, traduzido pelo cordel e pela crescente difusão dos meios de comunicação de massa, podemos considerar a concepção de John B. Thompson, onde o mesmo afirma que “a tradição não foi destruída pela mídia, mas antes transformada ou ‘desalojada’ por ela”.¹⁷⁷ Portanto, partindo do pressuposto que “o desenraizamento e a nova ancoragem das tradições não as tornam

¹⁷⁴ RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de Cordel: Uma Aproximação Etnográfica ao Gênero*. In: Anais do IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Tubarão: UNISUL, 2007, p. 415.

¹⁷⁵ Gonçalo Ferreira da Silva: O presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel fala sobre a instituição. *Revista Biblio*. Ano 1, n. 2, 2011.

¹⁷⁶ AZEVEDO, Adriana Cordeiro. *Cordel, Lampião e Cinema na Terra do Sol*. Rio de Janeiro: Ferreira Studio, 2004, p. 95.

¹⁷⁷ THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 160.

necessariamente inautênticas, nem as condenam à extinção”¹⁷⁸, podemos notar as possibilidades de práticas tradicionais se reformularem e reinventarem em diferentes contextos.

No que concerne ao tratamento dessas questões condizentes às transformações pelas quais passam a literatura de cordel, é viável ressaltarmos a recepção desses novos temas pelos migrantes nordestinos. Nesse sentido, da mesma maneira que os cordéis conciliam a abordagem de temas tradicionais e temas atuais referentes ao universo em que esses poemas são produzidos, esses migrantes vindos do Nordeste constituem uma identidade regionalista na relação com o contexto onde estão inseridos. Em suma, reafirmamos a incessante relação entre o antigo e o novo.

Por fim, apresentando esse quadro analítico acerca dos desafios enfrentados pela literatura de cordel no Rio de Janeiro e em São Paulo, se configura como indispensável tratar a intervenção editorial nesses folhetos. Constituindo-se, igualmente, como objeto de divergências entre os que acatam possíveis transformações no cordel e aqueles que percebem tais modificações como uma suposta descaracterização de sua forma tradicional, a discussão em torno da editoração dos cordéis no Sudeste traz consigo a questão mercadológica na difusão dessas obras e o preconceito dos estudiosos e cordelistas mais conservadores.

2.5.1 A Editoração dos “Novos Cordéis” no Sudeste

O enfoque na editoração dos “novos cordéis” comercializados no Sudeste, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, se coloca como direção necessária para abarcarmos as transformações pelas quais essas obras passaram a partir da década de 1950. Por conta dessas mudanças, podemos atentar para diferentes opiniões, constatando um conflito ideológico entre os cordelistas e pesquisadores mais ortodoxos, e aqueles que reduzem a importância dessas modificações como condições imprescindíveis para uma adequação da literatura de cordel em novos espaços de difusão e em novos tempos.

No que concerne a essa crescente intervenção editorial nos folhetos de cordel, podemos ressaltar a notoriedade das editoras Prelúdio/Luzeiro na maior profissionalização e organização nos processos de impressão e comercialização dessas obras. Contudo, não

¹⁷⁸ THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 178.

abandonaremos nossa atribuição do cordel como categoria popular. Isso porque a inspiração para a produção dessas obras parte, predominantemente, da figura do cordelista vindo do Nordeste e do resgate dos elementos do seu passado, assim como na percepção do contexto do ambiente onde ele se insere como migrante. Por essa razão, acreditamos que a escolarização dos poetas populares e a ampliação temática dos cordéis não ameaçam seu reconhecimento como uma literatura popular que não é estática, mas se atualiza incessantemente a partir das influências do presente.

A apresentação dos aspectos históricos da Prelúdio/Luzeiro se confunde diretamente com a trajetória do seu primeiro proprietário, o português José Pinto de Souza. Recém-chegado ao Brasil no ano de 1895, o mesmo passou a trabalhar como tipógrafo em São Paulo, atividade que já exercia em terras lusitanas com o apoio de mais cinco sócios. Foi esse conhecimento prévio que possibilitou a fundação da Typographia Souza na década de 1910, onde começou editando histórias tradicionalmente portuguesas. A partir da década de 1930, José Pinto de Souza já publicava obras no Brasil, essas predominantemente produzidas por poetas nordestinos.

Com a morte do pioneiro da literatura de cordel em São Paulo, as atividades da tipografia passaram a ser dominadas pelo seu filho Arlindo Pinto de Souza, e por seu enteado Armando Augusto Lopes. Nesse momento, com a crescente publicação de poesia popular brasileira, é fundada no ano de 1952 a Editora Prelúdio LTDA.

Já com o nome de Prelúdio ocorre uma maior preocupação com a uniformização das publicações desses “novos cordéis”, sendo esses constituídos, a partir de então, com 32 páginas, e contando com o tamanho aproximado de 13,5 x 18,5 cm. Nesse sentido, o material para a confecção da capa dos folhetos passa a ser o mesmo utilizado para a produção de revistas, conhecidos popularmente como papel fotográfico; as xilogravuras não são mais utilizadas, sendo substituídas por ilustrações impressas; ocorre uma ampliação do número de páginas na comparação com os cordéis produzidos no Nordeste, tradicionalmente de oito laudas. Graças a essas transformações e por sua perfeição técnica, os folhetos da Prelúdio sempre se destacaram do resto da publicação da literatura de cordel no Brasil, onde as obras continuaram a ser impressas de acordo com o modelo tradicional.

Em 1973, devido a uma série de fatores burocráticos, a Prelúdio passou a ser chamada de Editora Luzeiro LTDA. Por motivos financeiros, muitas atividades ainda continuam dependentes das disposições físicas da editora anterior. Nesse período, as ações do grupo se limitam a reedição das obras da Prelúdio, sendo alterados detalhes como a capa e a ficha bibliográfica do autor, e suprimidos as ilustrações internas. Essa nova fase da editora reflete

um possível declínio na produção de cordéis, e a consequente dependência da atuação de novos poetas atuantes no Nordeste, ou daqueles migrados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No que se refere à presença de outras editoras voltadas para a publicação de cordéis no Sudeste, esta pesquisa revela uma grande carência de companhias editoriais preocupadas com a difusão e comercialização da literatura de cordel para além das fronteiras nordestinas. Como exceção, temos a Editora da RALP localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, na Rua Senador Dantas. No entanto, não há referências documentais dos seus aspectos históricos e da sua notoriedade como editorial de cordéis. Desse modo, evidenciamos uma suposta monopolização da comercialização dos folhetos de cordel no Sudeste nas mãos da editora Prelúdio/Luzeiro, e até mesmo uma recorrência de produções independentes de cordéis por parte de alguns cordelistas. Ressaltando a abrangência comercial da editora paulista aqui tratada e a predileção dos nordestinos, o pesquisador Joseph Maria Luyten faz a seguinte descrição:

Não há dúvida de que os folhetos da Luzeiro Editora LTDA., são vendidos em todos os recantos do país. Fomos encontrá-los em Rondônia e Rio Grande do Sul e, no Nordeste, são vendidos, lado a lado, com folhetos convencionais. A editora paulista pode se orgulhar de ser, hoje, a maior produtora de folhetos de cordel do país. Pudemos verificar, pessoalmente, sua grande aceitação e preferência em relação aos folhetos mais rústicos, locais. Em 1976, a Luzeiro tinha 600 revendedores, espalhados por todo o território brasileiro. Sempre, a maior venda tem sido alcançada nos lugares onde se concentram os nordestinos.¹⁷⁹

É no seio desse sucesso mercadológico da Prelúdio/Luzeiro que se deu o embate entre os cordelistas e pesquisadores tradicionalistas e os mais modernos, sendo esses últimos geralmente contemplados com a comercialização das suas obras pelas companhias editoriais. Contudo, vale ressaltar que o baixo retorno financeiro da editora ao poeta era um argumento utilizado recorrentemente por aqueles que criticavam as transformações editoriais pelas quais passavam os folhetos. Esse conflito, que revela o choque entre o antigo e o moderno, ganhou ressonância até mesmo na imprensa escrita, onde podemos observar a defesa dos modelos tradicionais de produção e comercialização da literatura de cordel:

O nordestino está sofrendo um novo assalto do lazer industrial paulista: cantadores, trovadores, repentistas das feiras tradicionais, que tiveram suas produções impressas nas velhas e precárias folheterias, agora são editados em gráficas, com capas coloridas, “offset”, e outros “melhoramentos”. E suas obras registradas na Biblioteca Nacional, conforme a lei. Mas, sob outros nomes. Manoel Diegues Junior, o erudito pesquisador das raízes populares de nossa cultura, é quem denuncia o roubo. (...)

¹⁷⁹ LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 127.

As edições são péssimas, com as capas coloridas do pior gosto substituindo as ingênuas gravuras de tanta beleza, uma cafonice industrial da pior qualidade que chega a ser caso de polícia.¹⁸⁰

Da mesma maneira, utilizando a imprensa como porta-voz das suas críticas à editora Prelúdio/Luzeiro, o pesquisador de literatura de cordel Raymond Cantel declara seu descontentamento:

Uma editora paulista está imprimindo os livros em papel de melhor qualidade, sofisticando as capas que são impressas em policromia e, o que é mais grave, corrigindo os erros próprios do linguajar popular. Estão, enfim, transformando essas publicações em coisas acadêmicas o que é uma violenta descaracterização.¹⁸¹

Por outro lado, situando-se abertamente em favor de mudanças na literatura de cordel, Luyten reconhece o empenho dos poetas e pesquisadores mais conservadores na preservação dos elementos tradicionais das suas manifestações culturais, mas também abarca essas transformações como produto de novas possibilidades e técnicas de produção desses folhetos:

A exigência de pesquisadores e jornalistas, embora bem-intencionados em seu zelo pela autenticidade de manifestações populares, é, ao mesmo tempo, uma imposição das elites, das classes dominantes, para uma manutenção do *status quo*, da pobreza incipiente em que se encontra o artista popular. Por mais simpáticas que nos pareçam as capas xilogravadas, elas foram feitas desta maneira por não se dispor de material gráfico mais adequado e não por herança medieval do tipo Dührer, como alguns supõem. Se os folhetos são apresentados em oito páginas ou em múltiplos deste, o são por medida de economia, assim como tipo de papel e outros aspectos gráficos.¹⁸²

Na mesma direção apontada por Luyten, o próprio diretor da editora Luzeiro, o senhor Arlindo Pinto de Souza, e os cordelistas Rodolfo Coelho Cavalcante e Manoel D'Almeida Filho, contra-atacam o discurso ortodoxo que critica o suposto progresso da literatura popular brasileira. Nas locuções dessas influentes figuras da cultural popular nacional é ressaltada a importância do editorial paulista na maior profissionalização dessa categoria literária, na difusão de conteúdos que interessam diretamente ao seu leitor e, sobretudo, na possibilidade dos grandes poetas populares publicarem seus cordéis e sobreviverem da poesia. Em suma, as transformações ocorridas nos folhetos de cordel pela Prelúdio/Luzeiro são vistas com bons

¹⁸⁰ COUTINHO, Edilberto. No Assalto ao Menestrel, o Fim do Cordel. *Correio da Manhã*. 3 de Março, 1970, apud LUYTEN, Joseph Maria, 1981, p. 123.

¹⁸¹ Declaração de Raymond Cantel. *O Estado de São Paulo*. 8 de Setembro, 1978, apud LUYTEN, Joseph Maria, 1981, p. 123.

¹⁸² LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 134-135.

olhos pelo fato de promoverem um maior aperfeiçoamento e organização na comercialização dessas obras:

Acontece que eu tenho um produto de que o público gosta, só isto. Não vejo nada de criticável nisso. Compramos os direitos autorais das estórias preferidas pelo público e damos uma boa apresentação ao folheto. No Nordeste, somos os preferidos por causa deste fator. Eles preferem pagar o dobro do preço que pagam costumeiramente pelos cordéis produzidos no Nordeste só por causa da apresentação dos nossos folhetos. Por que manter o aspecto de sub-literatura?¹⁸³

Não sabemos porque certos jornalistas e folcloristas do Sul do país atacam sistematicamente a Editora Luzeiro LTDA., nas suas transações comerciais com os trovadores de literatura de cordel, no Nordeste, ou as suas próprias edições, assunto este que só interessa aos próprios trovadores. Pensam os senhores folcloristas que os poetas populares ainda são aqueles bardos ingênuos ou analfabetos que não saibam raciocinar ou resolver os seus próprios negócios? Enganam-se. (...) Se eles continuam vendendo (para a Luzeiro) porque acham que é um bom negócio e vão negociando... Se os escritores e os poetas nacionais tem suas editoras porque não devemos os trovadores populares ter a sua? Temos recebido cartas de vários colegas dizendo que graças à Luzeiro Editora LTDA., ainda podem viver da poesia. Que os senhores folcloristas ou jornalistas façam as suas pesquisas e reportagens em torno das estórias romanceadas mas não intervenham nas bases comerciais entre os trovadores e sua editora que somente a eles interessa sua comercialização.¹⁸⁴

(...) Não entendo a razão de alguns pesquisadores atuais, inclusive estrangeiros, afirmarem que os livros de literatura de cordel (título dado não sei por quem), só é autêntico com clichê da madeira, erros gráficos e ortográficos. Ora, esquecem esses senhores que João Martins de Athayde, no seu tempo, já primava pela perfeição da escrita, do trabalho gráfico e da roupagem que vestia o folheto. Será que os livros editados por Athayde com clichês zincografados e zincogravurados não são autênticos? Pelo exposto, não vejo o motivo das críticas propositalmente dirigidas à Luzeiro Editora LTDA., de São Paulo, pela população bem cuidada, correta e com capas coloridas, de livros de versos populares. Será que esses pesquisadores são contra o progresso? Será que não vêem que todas as publicações progrediram? Por que não a poesia popular brasileira? Ou esses senhores acham que os poetas populares devem ser analfabetos e ignorantes para satisfazê-los?¹⁸⁵

O enfoque a essa relação entre o antigo e o moderno, que permeia nossa compreensão da produção e circulação da literatura de cordel no Sudeste, nos possibilita um tratamento mais analítico. É a partir da consideração desse aspecto como relevante para compreendermos como os migrantes nordestinos constituem uma identidade regionalista, que no item posterior faremos uma breve discussão acerca do entendimento do cordel como narrativa que funde os elementos do passado e do presente na sua abordagem.

¹⁸³ ALMEIDA, Ricardo de. Cordel, Presa Fácil Para a Grande Indústria. *O Estado de São Paulo*. 3 de Dezembro, 1978, p.44, apud LUYTEN, Joseph Maria, 1981, p. 126.

¹⁸⁴ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Luzeiro Editora Ltda., e os Trovadores da Literatura de Cordel. *Brasil Poético*. 1976, apud LUYTEN, Joseph Maria, 1981, p. 125.

¹⁸⁵ D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A Verdade Sobre a Literatura de Cordel*. [S.l.: s.n.,198-].

2.6 O Cordel no Sudeste Como Signo da Modernidade

Partindo do pressuposto que os conteúdos abordados nos cordéis são produtos da articulação entre o tradicional e o moderno, destacamos o caráter móvel e dinâmico dessa modalidade de literatura popular. Essa questão é colocada por Idelette Muzart Fonseca dos Santos, quando a mesma considera a capacidade do povo brasileiro, compreendido neste trabalho como os cordelistas e os leitores dos folhetos, de se manterem abertos a possíveis adaptações:

A literatura de cordel ultrapassou várias maneiras suas limitações de literatura de mascate, atingindo no Brasil originalidade e uma amplitude tais que a qualificam como uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras. Traduz a capacidade do povo brasileiro de se adaptar à novidade e integrá-las no seu cotidiano.¹⁸⁶

A partir dessa consideração afirmamos que, apesar de terem nos elementos do passado as principais inspirações para a produção dos seus versos nos cordéis, esses cordelistas interagem incessantemente com as influências vigentes na modernidade em que essas obras são construídas. Com efeito, podemos introduzir nessa discussão o tratamento do cangaço nesses folhetos. Se os cangaceiros são revelados em versos como símbolos regionais, que caracterizam o passado nordestino dos seus migrantes, temos na construção consciente desses personagens a intenção do poeta popular dar um novo significado ao cangaço. Esse intento está ligado diretamente com o compromisso colocado no presente, o de promover uma aceitação, por parte dos migrantes nordestinos que lêem esses versos, desses novos protagonistas como meios de estreitamento afetivo com sua região natal. Em suma, a combinação entre presente e passado é a principal receita do cordel conquistar o interesse dos leitores, esses inseridos na modernidade e possivelmente curiosos em contemplarem os aspectos que caracterizam sua região.

No seio dessa discussão que mistura o antigo e o moderno temos a presença da questão referente à cultura popular. Nesse sentido, como informado no decorrer desta pesquisa dissertativa, não consideramos essa atualização dos cordéis como suposta descaracterização da sua configuração como categoria popular. Portanto, é indispensável

¹⁸⁶ SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Narrativa e Imaginário na Literatura de Cordel Brasileira: O Cruzamento das Linguagens e das Modernidades. In: NEMER, Sylvia (Org.). *Recortes Contemporâneos Sobre o Cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 18.

reafirmar que o cordel é popular na sua natureza, nas suas origens baseadas na oralidade, e no seu desenvolvimento inicial quando sua narrativa servia ao sertanejo nordestino.

Todavia, engana-se quem acredita que a dinamicidade dos folhetos de cordel se restringe aos conteúdos abordados e à região onde essas narrativas são produzidas e difundidas. Desse modo, podemos trazer o trabalho desenvolvido por Everardo Ramos, que no tratamento da inserção do cordel na modernidade, enfatiza a relação por vezes conflituosa entre xilógrafos tradicionais e ilustradores modernos. Apreendendo o que nos interesse neste presente item, destacamos o seguinte trecho:

Para apreender verdadeiramente essa cultura, é preciso considerar, também, sua extraordinária capacidade de se abrir ao novo, de improvisar meios para incorporar técnicas e formas oriundas da cultura “oficial”, provando, assim, que é perfeitamente compatível com a ideia de modernidade.¹⁸⁷

Para embasarmos nosso argumento, recorreremos ao ponto de vista colocado por Hobsbawm em *A Invenção das Tradições*, referência em que o historiador discorre que a invenção de tradições remete-se diretamente ao forjamento da relação com o passado, sendo ela necessária para a constituição de um status de legitimidade no presente.¹⁸⁸ Nesse sentido, atribuímos à literatura de cordel inserida na modernidade a responsabilidade de recriar tradições existentes, adaptando tais aos novos desafios, experiências, poetas e leitores colocados no presente.

Com base nos dados apresentados no decorrer deste capítulo podemos acompanhar toda a trajetória da literatura de cordel, desde sua origem na Península Ibérica, perpassando por sua chegada ao Nordeste brasileiro, seu estabelecimento como verso popular nordestino, e sua migração para as demais regiões do Brasil, sobretudo no Sudeste. Entretanto, qual foi o legado deixado por esses folhetos de cordel no tempo presente? A resposta para essa indagação é objeto do item final deste capítulo.

¹⁸⁷ RAMOS, Everardo. Ilustração de Folhetos de Cordel: O Romance dos Esquecidos ou a Peleja do Popular com o Moderno. In: NEMER, Sylvia (Org.). *Recortes Contemporâneos Sobre o Cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 223.

¹⁸⁸ HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

2.7 A Herança da Literatura de Cordel no Tempo Presente

Mesmo que o termo “herança” possa sugerir o legado de algo que já está extinto ou abolido, não é partindo desse sentido que almejamos desenvolver nossos argumentos neste presente item. Por mais que seus principais leitores não sejam os nordestinos sertanejos, nem mesmo os migrantes nordestinos em seu intento de se manter próximo aos elementos que constituem seu passado, os cordéis ainda podem ser adquiridos por seus pesquisadores e admiradores de variadas maneiras, desde sua compra em feiras regionais de preservação da identidade nordestina, e até mesmo pela aquisição por *download* via Internet. Atualmente, graças a uma maior circulação dessas obras no cenário nacional, se vê ampliada as possibilidades de leitura e contemplação das principais histórias, acontecimentos, aventuras e façanhas que tem como principal protagonista o povo brasileiro.

Nesse sentido, por meio do sucesso dessa manifestação literária que se recria incessantemente, mais comum tem sido o interesse acadêmico nos folhetos de cordel, a partir das suas possibilidades no ensino de História.¹⁸⁹ Contribuindo efetivamente nesse processo didático, já podemos nos deparar com cordéis em quadrinhos, permitindo um maior estreitamento da relação entre ensino e aprendizagem. Nem mesmo a recorrência aos aspectos folclóricos e fictícios, característicos dos conteúdos transmitidos nesses folhetos, reduz sua notoriedade como recurso didático, visto que seus versos têm como essência a narração de uma realidade social e dos indivíduos que a compõem. Com efeito, como assinala Maria Grillo: “inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam o cotidiano da nossa História e nos quais são dadas representações diversas das contidas nos livros didáticos”¹⁹⁰, ou ainda como aponta o pesquisador norte-americano Mark Curran: “os poemas de acontecido do cordel existem como crônica poética popular que engloba cem anos da realidade brasileira”.¹⁹¹

Por fim, ressaltamos a importância dos folhetos de cordel como instrumento literário que possibilita a constituição de uma identidade. Desse modo, recuperando parte dos dados apresentados no decorrer deste capítulo, destacaremos no próximo capítulo como a

¹⁸⁹ A Literatura de Cordel tem sido objeto de pesquisa privilegiado da História Pública em seu objetivo de tornar o conhecimento histórico mais acessível ao público.

¹⁹⁰ GRILLO, Maria. História em Verso e Reverso. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 2, n. 13, p. 83, out. 2006.

¹⁹¹ CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 27.

representação do cangaço pela literatura de cordel estimula, e até mesmo resgata, o sentimento de pertença do migrante nordestino aos elementos característicos da sua região. Para isso, a percepção do cangaceiro na literatura popular como símbolo regional se configura como elemento indispensável para a aproximação do migrante nordestino, fixado no Rio e em São Paulo, aos principais personagens, costumes, valores e características típicas do Nordeste brasileiro.

3 OS CANGACEIROS COMO SÍMBOLOS REGIONAIS NOS CORDÉIS

Foi Lampião que lutou
Por mais fortes ideais
Contra todas injustiças
Só para os bens sociais,
O Nordeste agradecido
Não mais chama ele bandido
Conhecendo o seu cartaz.¹⁹²

Para o último capítulo deste trabalho temos como objetivo principal apresentar de que maneira os cangaceiros, que atuaram nas décadas de 1920 e 1930 no Nordeste brasileiro, foram abordados pela literatura de cordel na segunda metade do século XX. A partir do tratamento desse objeto específico ressaltaremos como a representação de Lampião, Corisco, Maria Bonita, e dos demais personagens cangaceirísticos, contribui para a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos que lêem esses versos rimados nos folhetos. Nesse sentido, é imprescindível enfocarmos, a partir dos argumentos desenvolvidos no decorrer deste trabalho que abarca o Nordeste e seus elementos característicos como construções, a figura desses cangaceiros como símbolos constituintes de um discurso que representa a região nordestina.

No enfoque a essa abordagem dos mais populares representantes do cangaço como símbolos regionais, isto é, como reprodução das experiências e expectativas da população nordestina, é fundamental atentarmos para a personalidade ambígua desses personagens. Em suma, esses cangaceiros deixam de ser tratados como simples bandidos, da forma que cobriam os periódicos, para serem apresentados como heróis-vilões, ou seja, como bandidos que optaram pela vida de perigos pelos motivos mais diversos que vão desde a insatisfação com a pobreza até uma possível vingança contra um grupo ou indivíduo em particular. Seguindo essa perspectiva nos apoiaremos sobre o conceito de *representação* para apresentar a exposição desses cangaceiros nos folhetos da literatura de cordel, estabelecendo um contraponto com a trajetória desses sujeitos históricos difundida nos periódicos que circulavam nas décadas referentes às suas atuações em terras nordestinas. Essa última versão,

¹⁹² CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Lampião não era tão cão como se pinta. [S.l.: s.n.], 1982, p. 8.

por sua vez, principal fonte documental utilizada pelos historiadores que tratam em seus trabalhos a temática do cangaceirismo.

Perpassando por uma análise documental sobre os cordéis que circularam no Rio de Janeiro e São Paulo entre as décadas de 1950 e 1980, enfocaremos essa abordagem ambígua acerca da figura dos cangaceiros como espécie de justiceiros que tem neles a fusão entre o real e o fictício. Isto é, como indivíduos que, por um lado são capazes de encontrar Deus e o Diabo, e por outro, de maneira satírica recorrem à prática de violência e tortura para com aqueles que se colocassem contra seus interesses. Nesse mesmo sentido, será ressaltada a característica da macheza dos cangaceiros, que podem ser estendidos até mesmo as mulheres do bando. Vale ressaltar que essa ideia de macheza, articulada ao atributo de coragem e valentia, é atribuída até hoje aos conterrâneos do Nordeste brasileiro.

Não obstante, recuperando parte do conteúdo reproduzido no capítulo anterior, não será ignorada a trajetória individual dos principais cordelistas que escrevem seus versos tendo o cangaço como tema principal. A partir deste enfoque, buscaremos entender a ligação desses escritores populares aos valores e características do Nordeste, para que dessa forma seja possível situarmos a afinidade dos leitores nordestinos do cordel situados no Sudeste com o tratamento dos cangaceiros nos versos rimados da literatura de cordel.

Desse modo, a partir da apresentação desses dados, ressaltaremos como a representação romântica desses personagens controversos da nossa história contribuiu para a identificação dos seus leitores nordestinos, que situados no Rio de Janeiro e em São Paulo, atribuem aos cangaceiros um papel de heroísmo, fibra e coragem. São esses atributos que, ligados intrinsecamente a trajetória dos leitores desses cordéis onde os cangaceiros se configuram como principais protagonistas, os construtos responsáveis pelo recrudescimento de um sentimento de pertença ao Nordeste e aos seus principais elementos que o constitui, isto é, a emergência de um sentimento regionalista que aproxima o migrante nordestino da sua região natal.

3.1 A “Verdadeira” Faceta do Cangaço

Sem adentrarmos na polêmica sobre a existência, ou não, de uma suposta “verdade histórica”, temos através da recorrência aos registros documentais (periódicos e cartas) e

registros orais de testemunhos que vivenciarem o período de vigência do cangaço no Nordeste, os elementos que possibilitam a versão da historiografia sobre o fenômeno do cangaço. A partir da disposição dessas fontes históricas se configurou concreta a possibilidade; pelos historiadores e demais pesquisadores do cangaceirismo no Nordeste, de serem contadas as ações empreendidas por Lampião, Corisco, Maria Bonita, Dadá, e demais representantes do banditismo que assolou a região nas primeiras décadas do século XX.

A partir do tratamento da versão histórica acerca do cangaço ressaltamos que, baseada em registros históricos referentes ao banditismo no Nordeste, a historiografia se coloca como uma versão distinta da produzida pela literatura popular. Por essa razão, é destacável a impossibilidade de situarmos tal versão com mais legítima do que a verificada nos cordéis. Em suma, este trabalho abarca o cangaço “histórico”, a partir do seu compromisso com os dados compatíveis com a realidade, como uma abordagem apenas diferente na comparação com as estórias difundida nos folhetos, essa última amparada por recursos fictícios.

No que concerne a essa combinação entre o “real” e a “ficção” podemos destacar os argumentos desenvolvidos por John Lewis Gaddis, que colocando a História entre a ciência e a arte, atenta para a possibilidade de apelação a uma imaginação histórica disciplinada pelas informações contidas em cartilhas confiáveis (fontes).¹⁹³ Nesse sentido, podemos ressaltar o conteúdo do cordel, produzido pelo poeta popular, como um processo apoiado numa compatibilidade com a realidade, mesmo que constituído de recursos lúdicos em sua narrativa. Em outras palavras, assim como ocorre na construção da narrativa histórica, existe na ficção literária um anseio de aproximação com os elementos do mundo real, visto a necessidade do conteúdo estar informado ao contexto sócio-cultural do seu leitor.

Retomando nosso objetivo de apresentarmos como o cangaço é abordado pela historiografia em suas várias versões da temática, devemos atentar para o fato de que o fenômeno, apesar de ter tido seu auge nas décadas de 1920 e 1930, teve origem ainda no século XVIII com José Gomes, vulgo Cabeleira. Devido à ausência de dados sobre sua atuação, suas maiores façanhas na zona da mata pernambucana se restringem a literatura popular. Perpassando pela primeira metade do século XIX, temos a figura de Lucas Evangelista, também conhecido como Lucas da Feira, que como líder de um bando de aproximadamente 30 homens era responsável por estupros e saques na cidade baiana de Feira de Santana. No mesmo recorte cronológico destaca-se a figura do cangaceiro Jesuíno Brilhante, sujeito conhecido por suas ações na Paraíba e no Rio Grande do Norte. A partir da

¹⁹³ GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História: Como os Historiadores Mapeiam o Passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

sua figura singular é inaugurada a imagem do bandido justo e nobre, muito por suas atitudes em prol dos humildes e desvalidos. Como destacado pelo pesquisador Frederico Pernambucano de Mello: “Seus principais biógrafos são unânimes em reconhecer-lhe seu caráter reto e justiceiro.”¹⁹⁴

Já na passagem do século XIX para o XX temos o primeiro representante do banditismo com o perfil semelhante aos dos cangaceiros do período de Lampião, o pernambucano Antônio Silvino. Também conhecido como Batistinha ou Nezinho, Silvino se coloca como precursor do cangaceirismo carismático. Famoso popularmente por se opor às modernizações recorrentes na região nordestina, a exemplo do sequestro dos engenheiros da Great Western¹⁹⁵ e da retirada de trilhos ferroviários, Antônio Silvino é o primeiro cangaceiro a ter sua imagem efetivamente romantizada pela literatura de cordel, visto que suas ações se limitavam mais às façanhas e menos à imposição da violência. Ou ainda, como apresenta o pesquisador Ronald Daus:

Antônio Silvino foi o primeiro cangaceiro cuja fama pessoal chegou até o último rincão do Brasil. Histórias sobre ele encheram várias colunas na imprensa do Rio e São Paulo. No Nordeste, conseguiu mesmo, por ocasião de seu processo, desviar a atenção da perigosa situação política mundial na Europa. O cangaceiro Antônio Silvino tornou-se para toda a nação um mito.¹⁹⁶

Por fim, temos na “geração” de cangaceiros das décadas de 1920 e 1930 o maior objeto de interesse desta apreciação. Isso porque temos nesse recorte cronológico a emergência da figura do cangaceiro Lampião, conhecido popularmente como o “Rei do Cangaço”. Marcado pelo desejo de vingança após o assassinio do seu pai por uma família rival, Virgulino Ferreira da Silva passa a utilizar trajes de couro, chapéu, botas e cintos de munição, iniciando sua vida no cangaço e lutando a cada dia pela sobrevivência num ambiente hostil, caracterizado pelo clima seco e pela vegetação caatinga.

Graças a sua capacidade de liderança, passa a dirigir bandos constituídos de indivíduos com trajetória de vida similar, empreendendo saques em armazéns, roubos de gado, torturas e assassinatos a qualquer um que se colocasse em seu caminho. No entanto, devemos atentar

¹⁹⁴ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004, p. 163.

¹⁹⁵ Empresa ferroviária inglesa que construiu e explorou ferrovias no Nordeste do Brasil. Após a autorização do seu funcionamento em 1873, a empresa foi responsável pela construção de inúmeras ferrovias no estado de Pernambuco, sobretudo nas cidades de Recife, Paudalho e Caruaru.

¹⁹⁶ DAUS, Ronald. *O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982, p. 35.

para a existência de supostos códigos de condutas entre os membros dos bandos, tais quais aquelas que puniam a ocorrência de possíveis traições dentro do grupo e a prática de estupros. Essa advertência passa a ser mais rígida a partir da integração de mulheres aos bandos de cangaceiros, a exemplo de Maria Bonita, Dadá, Sila e Durvinha. A forma que os cangaceiros tratavam a mulheres, antes da incorporação das mesmas no grupo, é tratada por Oliveira da seguinte maneira:

Antes de o bando contar com a presença das mulheres, os cangaceiros desonravam as moças e frequentavam as casas de prostituição, nas portas das ruas. A sífilis e doenças venéreas constituíam para eles uma séria ameaça. As mulheres saíam aterrorizadas, com medo. Eram agarradas à força.¹⁹⁷

Em meados da década de 1920, como meio de sobrevivência ou busca por status, o cangaço passa a receber um número cada vez maior de integrantes. Com isso, se acentua os atentados aos membros do exército e os latifundiários que recusavam se alinhar aos interesses dos cangaceiros. Em resposta, o Estado passa a aumentar a repressão ao cangaço, sobretudo através da formação de forças volantes¹⁹⁸ com o objetivo de “caçar” esses cangaceiros que ameaçavam a integridade dos governos locais. Com efeito, se intensificavam os embates entre os grupos responsáveis pela repressão e os cangaceiros. Esses últimos já compostos pelos homens mais conhecidos e procurados pelas autoridades políticas, dentre tais Zé Baiano, Labareda, Corisco, Jararaca, e Vinte e Cinco.

No ano de 1929, Lampião conhece Maria Déa, a Maria Bonita, acontecimento que para muitos pesquisadores marca um suposto início do declínio do cangaço. Isso porque Virgulino e os demais cangaceiros que integraram suas respectivas mulheres aos bandos passaram a ser mais descuidados e menos aguerridos, isto é, a convivência com as companheiras tornaram os homens mais dóceis e mais propícios aos ataques das incessantes caravanas das volantes. Ou ainda, como apresenta Ilsa Fernandes Queiróz:

Havia, sim, uma re-significação de papéis sociais. Podemos pensar que a chegada das mulheres no bandos tornou os cangaceiros mais humanizados e sensíveis ao universo tradicionalmente feminino, e tornou as mulheres mais viris, re-significando normas cangaceiras e também sertanejas.¹⁹⁹

¹⁹⁷ OLIVEIRA, Aglae Lima de. *Lampião, Cangaço e Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1970, p. 267.

¹⁹⁸ Os membros das forças volantes eram chamados pejorativamente de “macacos”. Apesar de alguns pesquisadores atribuírem essa denominação a uma conotação de sentido racial, a versão mais aceita na historiografia gira em torno dos pulos dados por esses integrantes ao fugirem dos tiros dados pelos cangaceiros.

¹⁹⁹ QUEIRÓZ, Ilsa Fernandes. *Mulheres no Cangaço: Amantes e Guerreiras*. Mossoró: Idéa Editora, 2005, p. 52.

Na década seguinte, as mudanças nas condições sociais enfrentadas na região e no país como um todo se configuram como principais responsáveis para a extinção do cangaço como fenômeno social. Em suma, a partir da década de 1930 se intensificam os processos de modernização no Nordeste, tais quais as maiores facilidades de comunicação e de transportes, e se dá o início de um processo migratório para as fazendas de café em São Paulo. No mesmo sentido, as ações do Estado no governo Getúlio Vargas marcam a primeira iniciativa política organizada de repressão a qualquer foco de desordem social, a exemplo do cangaço. A principal consequência dessa ação repressiva foi a onda de rendições por parte dos cangaceiros, o que rendeu uma série de informações valiosas para as autoridades policiais. A partir dessas “entregas” muitos cangaceiros foram dizimados, a exemplo do maior precursor do banditismo nordestino.

No dia 28 de Julho de 1938 chegava ao fim a trajetória do líder cangaceiro mais controverso e polêmico. Apesar das inúmeras versões, tais quais a de envenenamento e suicídio, a mais aceita pelos historiadores explica que Lampião e a maior parte do seu grupo se encontravam acampados na Grotta de Angicos, quando inesperadamente foram surpreendidos pelas forças volantes alagoanas. No total foram assassinados 11 cangaceiros, dentre eles o “casal 20” do cangaço. Após o reconhecimento dos corpos, um por um foi saqueado e decapitado, e posteriormente tiveram suas cabeças expostas como prêmio na escadaria da prefeitura de Piranhas, em Alagoas. Com esse episódio, conhecido como o Massacre de Angicos, estava sacramentada a “morte cerebral” do cangaço no Nordeste.

Marcado pelo desejo de vingança pelo assassinio do seu líder e amigo Lampião, Corisco busca dar continuidade as ações do cangaço. Acompanhado de sua escudeira mulher, a Dadá, o Diabo Loiro tem como primeira atitude vingativa o assassinato do fazendeiro acusado de delatar seus companheiros em Angicos. Contudo, a incessante repressão do governo Vargas não permitiu maior sucesso nas suas ações. Em maio de 1940, após anos se escondendo junto a Dadá, Corisco recusa-se a se entregar e é assassinado por uma patrulha volante na cidade baiana de Barra do Mendes. Sua mulher, conhecida como “suquarana do cangaço”, foi ferida por arma de fogo na perna direita. Esse acontecimento marca o fim do cangaceirismo no Nordeste brasileiro.

A partir dessas breves informações, coletadas pelos historiadores como resultado dos testemunhos orais de ex-cangaceiros e dos seus familiares, se dá como consolidada a versão oficial do cangaço. Da mesma maneira, não podemos ignorar a contribuição das autoridades oficiais, que empreenderam campanhas para a extinção do cangaço, para a construção dessa

mesma versão. Abordagem essa que caracterizam os cangaceiros como inimigos em potencial que deveriam ser assassinados ou presos para que fosse restabelecida uma ordem na região.

Marcada por seus mitos e controvérsias, a temática do cangaceirismo passou a ser objeto de interesse para além dos seus pesquisadores e estudiosos, tornando-se elemento constituinte no imaginário dos brasileiros. Com efeito, as trajetórias e façanhas dos principais representantes do banditismo tornam-se componentes das estórias contadas nos folhetos de cordel pelos poetas populares. Nesse sentido, esses personagens históricos passam a ser contemplados nesses versos como símbolos regionais construídos conscientemente pelos cordelistas para alcançarem o público-leitor, sobretudo o nordestino, que passa a ter na figura dos cangaceiros os mais famigerados representantes da sua região.

3.2 Os Poetas do Cangaço

No desenvolvimento acerca dos principais cordelistas que trataram a temática do cangaço, não temos como objetivo realizar um levantamento amplo das suas respectivas histórias de vida. Mas sim, ressaltar os aspectos que mais nos interessam sobre o prisma da ligação dos mesmos com centros de memória e cultura do Nordeste. A partir desse indício buscaremos atentar para a heterogeneidade e complexidade da pesquisa sobre a literatura de cordel e seus escritores, assim como destacar um ponto que nos faça refletir sobre a constituição de uma maior afinidade entre o leitor nordestino residido no Sudeste com os principais valores estritamente nordestinos.

Tendo como referência o enfoque nas figuras dos cordelistas Manoel D’Almeida Filho e Gonçalo Ferreira da Silva é possível estabelecer consideráveis peculiaridades que impedem uma conclusão homogênea acerca do levantamento realizado. Com efeito, podemos perceber que, diferente da condição do nordestino radicado no Rio de Janeiro e São Paulo como migrante, nem todos os cordelistas tratados aqui pela produção de cordéis sobre o cangaço foram afetados pelo fenômeno da migração. Por essa razão, se torna inviável compreender a produção dos versos sobre os cangaceiros atuantes nas décadas de 1920 e 1930 pela ótica exclusiva de uma tentativa de se manter ligado às tradições regionais do Nordeste, na qual o cangaço é constituinte. Contudo, esse é o argumento defendido no que concerne à relação entre o leitor vindo do Nordeste e as estórias dos cangaceiros reproduzidos no cordel. Em suma, nos itens seguintes apresentaremos sinteticamente a relação dos poetas populares

Manoel D’Almeida Filho e Gonçalo Ferreira da Silva com suas respectivas produções sobre o cangaço dentro do recorte cronológico estabelecido para essa pesquisa dissertativa.

3.2.1 Manoel D’Almeida Filho: O Cangaço na Editora Prelúdio/Luzeiro

Numa breve apreciação sobre a relação do poeta Manoel D’Almeida Filho com a produção dos folhetos de cordel sobre o cangaço, temos um paraibano nascido no pequeno município de Alagoa Grande no ano de 1914. Se temos na migração para o Sudeste o sucesso na literatura popular para alguns cordelistas, no caso de Manoel temos o interesse pelo gênero no contato direto com o meio urbano da própria Paraíba, marcando um momento crucial para a formação do poeta a partir da leitura de outras obras que circulavam na década de 1930, e produção do seu primeiro folheto em 1936.

Após tornar-se autor-proprietário e folheteiro nas feiras da Paraíba e Pernambuco, e fixar residência em Aracaju já como cordelista renomado do Nordeste, é no ano de 1955 que se iniciam as negociações do poeta com a Prelúdio, editora que exportaria suas obras para outras regiões, tornando-o popular nacionalmente. O escritor viria se dedicar nas colaborações da companhia editorial até poucos anos antecedentes a sua morte em 1995.

Na breve apresentação acerca da figura de Manoel D’Almeida Filho temos um exemplo de cordelista que a partir da intervenção editorial da Prelúdio/Luzeiro pôde difundir suas obras para além das fronteiras nordestinas, sem que fosse necessário migrar para as principais metrópoles nacionais. Apesar das poucas informações acerca do poeta, temos registros da dedicação do mesmo em manter a literatura de cordel atual e influente no meio literário popular em meados do século XX, a exemplo da sua notoriedade na organização do Primeiro Congresso de Trovadores e Violeiros, em Salvador, e do seu ofício como selecionador de folhetos na Editora Luzeiro; o que lhe rendeu no ano da sua morte o ingresso na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no Rio de Janeiro. Vale ressaltar que essa última informação é o único registro da migração de Manoel para o Sudeste, contudo, sua estadia no Rio de Janeiro conta mais como homenagem do que uma tentativa do cordelista e cantador se fixar distante da sua região natal.

No que concerne à relação do poeta popular com suas produções que tem como temática o cangaço, temos a especificidade do mesmo em tratar vários representantes do banditismo no Nordeste, não se prendendo exclusivamente a abordagem do seu principal

precursor, o cangaceiro Lampião. Esse aspecto pode ser evidenciado no tratamento de cangaceiros menos utilizados na literatura de cordel, a exemplo de Corisco e Zé Baiano. Dentre suas obras editoradas pela Luzeiro/Prelúdio em que o cangaceirismo é objeto principal, destacam-se os seguintes folhetos: *Os Cabras de Lampião*²⁰⁰; *Vida, Vingança e Morte de Corisco*²⁰¹; e *Zé Baiano, Vida e Morte*²⁰².

Concluindo, se evidencia a figura de um baluarte da literatura de cordel que tem suas obras difundidas do Nordeste para o Sudeste, sobretudo São Paulo, a partir da participação editorial. Na ênfase ao fato de não ter migrado para o Sudeste, temos um modelo de produção textual do autor que não é resultado de um processo de saudosismo em relação aos elementos regionais nordestinos, mas que exerce fascínio ao leitor migrante que busca reatar os laços com sua região de origem. Nesse sentido, voltamos a atentar para a construção simbólica dos cangaceiros, possibilitando sua compreensão como símbolos regionais, ou seja, como elementos de vinculação entre os leitores que acompanham suas aventuras e façanhas; e os costumes, características e valores nordestinos retratados nesses folhetos.

3.2.2 Gonçalo Ferreira da Silva: O Cangaço no Cordel Acadêmico

Antes de adentrarmos na trajetória do poeta Gonçalo Ferreira da Silva como renomado cordelista de inúmeros temas, dentre tais o do cangaço, é imprescindível justificarmos o emprego do “cordel acadêmico” no título do subitem. É importante ressaltarmos que referimos a um cordelista dito “letrado”, que ao migrar para o Rio de Janeiro inicia e conclui sua graduação em Letras pela PUC, além de ser membro de várias academias de Letras estaduais, entre elas a do Rio de Janeiro. Por essa razão, devemos atentar para a apresentação de outro cordelista com características peculiares. Entretanto, constatando os “empréstimos” entre o erudito e o popular, o mesmo se intitula como um literário fiel às características tradicionais, como pode ser observado na apresentação de uma das suas obras: “Embora tenha

²⁰⁰ D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *Os Cabras de Lampião*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1966.

²⁰¹ Idem. *Vida, Vingança e Morte de Corisco*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986.

²⁰² Idem. *Zé Baiano, Vida e Morte*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1988.

um estilo inconfundivelmente próprio, ama a escola tradicionalista. É um dos grandes clássicos da literatura popular e letras vernáculas”.²⁰³

Contudo, como na predominância dos poetas populares que escrevem para o Sudeste, podemos salientar para o papel do poeta de Ipú na colaboração de projetos e centros de memória que valorizam a cultura nordestina. No caso do Gonçalves, esse aspecto fica evidenciado nas suas pesquisas desenvolvidas na Fundação Casa de Rui Barbosa, e no seu trabalho à frente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Com efeito, se tratando de um indivíduo influenciado pelo processo migratório que se deu para o Sudeste a partir da década de 1950, podemos verificar com sua chegada ao Rio o intento em tornar intensa a presença da cultura nordestina para além das suas fronteiras, através dos seus estudos e escritos no qual o cangaço é elemento constituinte.

No que concerne à sua produção de folhetos de cordel que tem o cangaço como temática principal dentro do recorte cronológico estabelecido nessa pesquisa, destaca-se os folhetos intitulados *Lampião: O Capitão do Cangaço*²⁰⁴ e *Corisco: O Sucessor de Lampião*²⁰⁵. Como tratamos de um poeta de uma geração recente de cordelistas, e que não cessa de escrever seus folhetos, muitas de suas obras com igual notoriedade não serão abarcadas nesse trabalho por exceder nossa delimitação temporal. Da mesma maneira, é fundamental enfatizar a presença editorial nas suas obras, que apesar de não ser uma condição necessária para a produção de cordéis no Rio de Janeiro e em São Paulo, são uma constante entre as décadas de 1950 e 1980. No caso desses dois folhetos produzidos por Gonçalves temos a presença editorial da RALP, uma extinta editora radicada no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Através dessa breve apresentação, na qual se evidencia a pretensão em relacionar a trajetória desses poetas com suas colaborações e participações efetivas em projetos voltados para a preservação dos elementos da cultura regional nordestina, destacamos a intenção dos mesmos em reproduzir, através dos seus versos, alguns dos aspectos e características que constituem o Nordeste brasileiro. Com efeito, a construção simbólica da figura do cangaço tem sua função imprescindível de cativar o migrante nordestino, possibilitando a efervescência, senão manutenção, dos laços afetivos entre esses leitores e uma parte da sua região retratada na literatura de cordel. Em outras palavras, a partir da representação dos

²⁰³ SILVA, Gonçalves Ferreira da. *Corisco: O Sucessor de Lampião*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1984, p. 3.

²⁰⁴ Idem. *Lampião: O Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1983.

²⁰⁵ SILVA, op.cit., nota 203.

cangaceiros no cordel como símbolos regionais, esses personagens se configuram como meio para a constituição de uma identidade regionalista pelo nordestino residente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

3.3 O Cangaceiro no Cordel em Suas Formas

Antes de adentrarmos nos principais conteúdos difundidos nos folhetos de cordel em que os cangaceiros são os principais protagonistas, se coloca como oportuno situarmos como esses cordéis são produzidos. Nesse mesmo sentido, devemos notar as principais características observadas nos folhetos coletados e utilizados nesse trabalho dissertativo como fontes históricas. A partir da atenção a esses aspectos se torna possível uma maior compreensão de como o seu leitor abarca essa leitura, aceitando-a como meio que reduz a distância afetiva entre o migrante vindo do Nordeste e sua região de origem.

Em referência a produção desses textos, vale ressaltar a presença de folhetos “independentes”, isto é, sem intervenção editorial na sua edição e difusão. Contudo, mesmo sem a presença das editoras, é comum verificar nos cordéis que se encaixam nessa classificação a participação de grupos e companhias gráficas para a impressão. É o caso de dois cordéis colhidos de autoria do poeta popular Elias A. de Carvalho, em que se vê presente a colaboração da Gráfica Dantas Ltda²⁰⁶. Em suma, apesar da inquestionável importância da criação de editoriais, sobretudo a Prelúdio/Luzeiro, na maior circulação de cordéis no Sudeste, a produção “independente” se vê presente sob a notoriedade dos cordelistas que, por opção ou falta de oportunidade, produzem suas obras sem qualquer interferência de editoras.

Perpassando pelos cordéis “independentes”, dentre tais os dos cordelistas Raimundo Santa Helena, Franklin Maxado, Raimundo Silva, Apolônio Alves dos Santos e Expedito Ferreira da Silva, podemos verificar uma explícita unanimidade na produção de cordéis não-editorados. Em outras palavras, analisando todos os cordéis coletados é possível perceber que nenhum desses poetas produziu folhetos subsidiados por companhias editoriais, evidenciando assim uma divisão entre os escritores mais tradicionais e aqueles que se encaixam no perfil das principais editoras em funcionamento entre as décadas de 1950 e 1980 no Rio de Janeiro e São Paulo. Vale ressaltar que, em sua predominância, temos nesses poetas um perfil mais

²⁰⁶ Não foram encontradas maiores informações acerca da companhia gráfica mencionada.

tradicional na forma de produção dos folhetos, onde são mantidos parcialmente os hábitos adquiridos no Nordeste, o de publicarem suas obras sem a intervenção de editoras.

Analisando esses cordéis “independentes” podemos verificar que tais são xilogravados ou compostos de fotografias copiadas como ilustração. O reduzido número de páginas (entre 5 e 8 páginas) em grande parte desses cordéis, e o papel reciclável que tais eram produzidas revelam o baixo investimento na produção dos folhetos desses poetas populares que não tem suas obras editoradas.

Figura 1 – No cordel “independente” de autoria de Raimundo Santa Helena



Nota: Publicado no Rio de Janeiro, observamos a recorrência a fotografias copiadas como ilustração de capa.²⁰⁷

²⁰⁷ Fonte: Acervo Digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

Figura 2 – No cordel “independente” de autoria de Franklin Maxado



Nota: Publicado em São Paulo, observamos a recorrência a xilogravuras.²⁰⁸

Se por um lado temos os cordelistas que produzem suas obras sem contar com qualquer tipo de intervenção editorial, temos também aqueles contemplados com o apoio de companhias privadas voltadas para a edição e difusão dos seus cordéis. Esses últimos, por sua vez, têm em seus folhetos uma aparência mais sofisticada, contando com um maior número de páginas e com a presença de ilustrações gráficas na capa do folheto e no corpo do texto. No que concerne às edições da RALP e da Prelúdio/Luzeiro, as capas e contracapas dos folhetos eram produzidos com papel fotográfico, material similar ao utilizado em revistas.

Da mesma maneira, a partir da verificação de todos os cordéis coletados para este trabalho, todos os cordelistas que possuem obras editoradas não possuem alguma referência de folhetos “independentes” em seu acervo. Dentre os poetas que têm nas suas produções a

²⁰⁸ Fonte: Acervo Digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.
Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

presença de editoras, destacam-se os importantes nomes da literatura popular: Rodolfo Coelho Cavalcante, Manoel D’Almeida Filho, José Pacheco, Antônio Teodoro dos Santos, Gonçalo Ferreira da Silva, etc. Vale ressaltar que, muitas obras editoradas foram produzidas ainda no Nordeste, e nem todos os poetas populares precisaram se fixar no Sudeste para que seu cordel fosse objeto de intervenção das editoras voltadas para a literatura popular que se estabeleceram em São Paulo e no Rio de Janeiro entre as décadas de 1950 e 1980.

Figura 3 – No cordel editorado de autoria de Antônio Teodoro dos Santos



Nota: Publicado em São Paulo pela Editora Luzeiro, observamos a recorrência a ilustrações na capa do folheto.²⁰⁹

²⁰⁹ Fonte: Acervo Digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

Figura 4 – No cordel editorado de autoria de Manoel D’Almeida Filho

V da, Vingança e Morte de Corisco 21

*Noutra ocasião Corisco
Com a sua tirania
Abriu um soldado com
A faca que possuía,
Da forma que Nero fez...
Só para ver de uma vez
Como o coração batia.*

*Porém na sociedade
De Corisco e Lampião
Houve um desentendimento
Com uma grande questão
Na partilha de um dinheiro
Que só teve um paradeiro:
Dos dois a separação.*

*Dessa maneira Corisco
Tave plena liberdade
Para fazer todas os
Tipos de perversidade;
Assim foi para Alagoas
Atenazar as pessoas
Sem a menor piedade.*



Nota: Publicado em São Paulo pela Editora Luzeiro, observamos a recorrência a ilustrações junto aos versos do folheto.²¹⁰

Direcionando nosso enfoque para os elementos textuais dos cordéis coletados em que os cangaceiros se configuram como protagonistas das suas histórias, podemos evidenciar conformidade com os demais folhetos que tem como abordagem os mais variados temas. Entretanto, voltando nossa atenção para os objetivos traçados para essa pesquisa, destacamos a importância dos elementos da literatura de cordel para o exercício de um fascínio do migrante com o que está sendo lido por ele. Nesse sentido, é viável retomarmos o valor da utilização de rimas e de uma linguagem próxima ao “falar nordestino” nos versos, aspectos responsáveis diretamente pela promoção do interesse do leitor nordestino aos objetos reproduzidos nos folhetos. Tais características podem ser constatadas no emprego de um vocabulário próprio que difere da linguagem culta, recorrendo ao uso de gírias e neologismos:

²¹⁰ Fonte: Acervo Digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

Veio uma diaba moça
 Que se chamava lasqueira
 Lampião mandou-lhe braza
 Que pegou pela trazeira
 Ela caiu n'um buraco
 Ficou catando cavaco
 Mostrando a caranguejeira.²¹¹

Essa característica também pode ser percebida no folheto de autoria do cordelista Franklin Maxado. Nos versos seguintes, o poeta popular apresenta sem formalidades os costumes do cangaceiro Lampião:

Vira homem as mulheres
 Como uma na Paraíba
 Que briga até com cem machos
 Metendo-lhes a manáiba
 Disputando moças fêmeas
 Derruba e cai por riba

 Gosta dum forrobodó
 Como aquele de “seo” Zé
 Onde mandou tudo xaxar
 Num grosso arrasta-pé
 Todos nus dando umbigada
 Até mulé com mulé.²¹²

A partir desses dados que oferecem informações acerca dos principais poetas populares que escrevem seus cordéis tendo os cangaceiros como principais protagonistas das suas histórias, e ainda utilizam uma linguagem rimada de fácil compreensão, em seus versos, pensando no seu leitor, passaremos a nos dedicarmos ao conteúdo desses cordéis. Com base nesse enfoque destacaremos como a figura do cangaceiro é construída nos folhetos da literatura popular. Nesse seguinte, através da narração de homens caracterizados pela macheza, valentia e fibra, a abordagem do cangaço no cordel fornece importante contribuição para a promoção de uma empatia entre os migrantes nordestinos (leitores) e os principais ícones do cangaceirismo nordestino, representados como símbolos regionais do Nordeste.

²¹¹ SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Luta de Lampião Para Entrar no Inferno*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984, p. 5.

²¹² MAXADO, Franklin. *A Alma de Lampião Faz Misérias no Nordeste*. São Paulo: [s.n.], 1976, p. 3-4.

3.4 O Cangaço no Cordel em Seus Conteúdos

No que se refere aos conteúdos abordados nos cordéis sobre o cangaço temos uma série de fatores que devem ser destacados. Para a devida apresentação de como os cangaceiros eram representados nos folhetos da literatura de cordel trataremos detalhadamente os aspectos que norteiam esses símbolos regionais como indivíduos ambíguos, isto é, como heróis errantes. Enfocando esse perfil contraditório dos cangaceiros na literatura de cordel, Sylvia Nemer reforça:

Anjo e Diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser escrita, sua imagem de ser reelaborada.²¹³

O mesmo argumento é apresentado pelo historiador britânico Eric J. Hobsbawm, que se apoiando na corrente teórica do *Banditismo Social* descreve o conflito de personalidades na abordagem do cangaceiro mais conhecido do Nordeste brasileiro, o Lampião: “Lampião foi e ainda é um herói para sua gente, mas um herói ambíguo. (...) Não obstante, apesar de herói, Lampião não era um herói bom.”²¹⁴ Ainda nesse enfoque, os cangaceiros do Nordeste, classificados por Hobsbawm como constituintes da categoria de bandidos *vingadores*, são descritos com as seguintes palavras:

Isso porque o fato crucial na situação social do bandido é sua ambiguidade. Ele é um marginal e um rebelde; um homem pobre que se recusa a aceitar os papéis normais da pobreza e que firma sua liberdade através dos únicos recursos ao alcance dos pobres – a força, a bravura, a astúcia e a determinação. Isto o aproxima dos pobres: ele é um deles também.²¹⁵

A personalidade controversa dos cangaceiros, sobretudo a de Lampião, também é apresentada por Ana Cláudia Marques. Atribuindo a sua figura sentimentos antagônicos por parte daqueles que o conheciam, de um lado aqueles que admiravam sua bravura como líder do cangaço, e por outro lado aqueles que repudiavam suas ações de barbaridade como temido vingador, Marques argumenta:

²¹³ NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A Função Intertextual do Cordel no Cinema de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p. 11-12.

²¹⁴ HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 88.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 117-118.

Em Lampião reúnem-se predicados que justificam um estranhamento e ao mesmo tempo permitem o reconhecimento de sua condição: ele é um outro, mas não um outro qualquer, e sim um outro dominante. Essa condição só parece concebível na medida em que resulta de uma meticulosa combinação de elementos semelhantes e diferentes, de modo a serem favoravelmente assimilados, por um lado, e de elementos positivos que compensem aqueles tidos como negativos, por outro.²¹⁶

Por fim, antes de adentrarmos pontualmente nos principais conteúdos abordados nos cordéis sobre o cangaço que circularam no Rio de Janeiro e em São Paulo entre as décadas de 1950 e 1980, é viável realçarmos a quase unanimidade da figura do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, na comparação com outros representantes do banditismo no Nordeste. Esta constatação se evidencia nos cordéis coletados na página virtual do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, onde foram encontrados 35 folhetos da temática do cangaço que respeitassem às normas de recorte cronológico e temporal estabelecido para este trabalho dissertativo. Dos 35 cordéis coletados temos 24 folhetos em que Lampião se coloca como principal protagonista, o que não exclui necessariamente a participação de outros cangaceiros do bando no desenrolar das histórias. A partir do destaque a este elemento podemos destacar a singularidade da figura de Lampião, que a partir da segunda metade do século XX, passa a ser tratado popularmente como o “Rei do Cangaço” na literatura, pinturas e filmes nacionais.

É no seio dessa parcial heroização deste personagem da História do Brasil que os cordéis se revelam como um dos principais meios responsáveis pela romantização do cangaço e dos seus principais protagonistas. Com efeito, tratando o contexto em que entram em vigor as múltiplas estratégias de romantização de personagens nordestinos, dentre tais os cangaceiros, como símbolos regionais, Durval Muniz de Albuquerque faz a seguinte avaliação:

Se, nas décadas de trinta e quarentena, as obras têm mais um tom de denúncia, uma preocupação proselitista, nas décadas seguintes, a cultura passa a ser vista como forma de intervenção direta na realidade, como militância junto ao povo. O Movimento de Cultura Popular, por exemplo, passa a usar imagens como a do cangaceiro, do vaqueiro, do coronel, do jagunço, para, ao mesmo tempo, tornar estes personagens símbolos de forças sociais em atuação na sociedade e reforçar a identificação dos alunos com “seus heróis”, com os mitos formadores de sua região.²¹⁷

²¹⁶ MARQUES, Ana Cláudia D. R. Considerações Sobre a Honra Cangaceira. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, p. 177.

²¹⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 222.

Partindo do pressuposto que a literatura de cordel se configura como um dos vários veículos responsáveis por uma nova alternativa de abordar a temática do cangaço, tratando seus principais protagonistas como indivíduos ambíguos, isto é, como bandidos nobres, serão apresentados nos tópicos posteriores os elementos que constituem essa estratégia de romantização, viabilizando uma nova maneira de compreender o cangaceirismo e o Nordeste.

3.4.1 O Cangaceiro Valente e Corajoso

No que concerne ao objeto desenvolvido neste trabalho dissertativo, a representação dos cangaceiros como indivíduos dotados dos atributos da valentia, fibra e coragem, se configuram como características fundamentais no fascínio do leitor migrante residido no Sudeste, este identificado diretamente às qualidades dos personagens que representam sua região natal nos folhetos do cordel. Nesse mesmo sentido, vale ressaltar a importância dessa narrativa na construção de uma visão e de uma percepção que atribui aos nordestinos o papel de sujeitos dotados dos mesmos predicados, relacionando-os a um contexto de privações econômicas e miséria social que atinge até mesmo aqueles que migraram para o Sudeste com a esperança de uma maior qualidade de vida.

O tratamento do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o famigerado Lampião, como símbolo da coragem e da valentia gira em torno do assassinio do seu pai José Ferreira, acontecimento que faz aflorar no sertanejo a faceta de um aguerrido cangaceiro:

Esse tal José Ferreira
Era pai de Lampião
Porque não quiz sujeitar-se
Do Nogueira a condição
Foi morto covardemente
Lá na sua habitação

Desde aí que Lampião
Entregou-se ao cangaço
Por ser muito destemido
No pau na bala e no aço
E com relação a luta
Ele não torcia o braço

Até que pôde aliar-se
Com um grupo de bandidos
Homens muito corajosos
Cangaceiros destemidos
Afim de vingar o crime

Dos Nogueiras atrevidos²¹⁸

Ainda sobre o caráter bravo dos cangaceiros representado nos romances tradicionalistas, assim como nos folhetos de cordel, Durval Muniz de Albuquerque faz a seguinte descrição, onde atenta para o empenho desses personagens na manutenção de uma ordem ameaçada pela modernização:

Os cangaceiros seriam vingadores de Deus contra as imoralidades praticadas pelos poderosos, seria uma rebelião contra as injustiças e a vida feia e pequena; uma procura pela morte gloriosa e honrada, demonstração de coragem. (...) O cangaceiro é tomado como símbolo da luta contra um processo de modernização que ameaçava descaracterizar a “região”, ou seja, ameaçava pôr fim a ordem tradicional da qual faziam parte.²¹⁹

Em seu trabalho onde relaciona cordel, cinema e cangaço, a pesquisadora Adriana Cordeiro Azevedo também destaca as qualidades próprias dos cangaceiros no cordel, o que possibilita a promoção de uma admiração por parte dos nordestinos, e sua contemplação como heróis bravos, corajosos e justos:

No Nordeste, cangaceirismo é sinônimo de luta, de trabalho e mesmo de inteligência, em nada se relacionando com a prática de crimes vulgares, no procedimento de indivíduos que vivem marginalizados do convívio da comunidade. Daí as razões por que o cangaceirismo, às vezes, chega à admiração popular, tornando-se o cangaceiro um verdadeiro herói, definido como um bravo, um valente que se revela não só nas lutas armadas dos duelos sangrentos, mas em todas as atividades que necessitam de vigor humano, de decisão de caráter e de coragem cívica.²²⁰

Partindo do pressuposto que essas qualidades não se revelam somente durante os conflitos armados contra seus maiores inimigos, como verificamos no trecho anterior, podemos perceber em outros folhetos que os atributos da bravura e intrepidez também se evidenciam na representação da história de vida desses sujeitos históricos antes do ingresso no cangaço. O enfoque a esse aspecto se coloca como notável artifício utilizado pelos cordelistas na estratégia de romantização desses personagens errantes, e pode ser verificado no folheto a seguir, onde é abordado o cangaceiro Corisco:

²¹⁸ SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Morte de Lampião ou a Vingança de Corisco*. Rio de Janeiro: [S.n.], [198-], p. 2.

²¹⁹ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 144.

²²⁰ AZEVEDO, Adriana Cordeiro. *Cordel, Lampião e Cinema na Terra do Sol*. Rio de Janeiro: Ferreira Studio, 2004, p. 31.

Antes de ser cangaceiro
 Corisco foi, no sertão
 Ambulante vendedor
 De couro de criação
 Vendia couro de bode
 De tejo e camalião

Foi padeiro, no entanto
 Um padeiro vendedor
 Não foi como muitos pensam
 Simples panificador
 Conheceu na própria carne
 Da fome o seu dissabor.²²¹

Como mencionado anteriormente, é notável a importância da difusão dessa imagem dos cangaceiros para a empatia do leitor do cordel. Com efeito, desvincula-se a representação exclusiva desses indivíduos sob a ótica da violência e da barbárie, deslocando-a para uma abordagem que prioriza as qualidades desses personagens do cangaço. Desse modo, os migrantes nordestinos que buscaram na coragem e na valentia o desafio de partirem para as grandes cidades do Sudeste passam a se identificar com a trajetória penosa enfrentada pelos ícones do cangaceirismo, tratados no cordel como símbolos nordestinos.

3.4.2 O Cangaceiro Nobre e Justo

A partir da consideração do cangaceiro como um homem nobre e justo, temos outro importante elemento constituinte da estratégia de romantização desses sujeitos históricos em símbolos regionais nordestinos. Mesmo contrariada por uma predominância das concepções historiográficas, a caracterização desses personagens como uma espécie de Robin Hood se configura como um objeto privilegiado na abordagem da literatura popular. Em suma, temos por um lado, a atribuição desses cangaceiros, pela historiografia, como homens que tomam medidas populares como forma de conquistarem apoio da população e garantirem sua sobrevivência.²²² Por outro lado, os cordéis reproduzem a versão de indivíduos comprometidos com a justiça e com o valor da honra, que seria característica fundamental no código de conduta dos sertanejos. Entretanto, atentando para o caráter ambíguo na

²²¹ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Corisco: O Sucessor de Lampião*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1984, p. 6.

²²² Era comum, por parte dos cangaceiros, buscarem o apoio de coiteiros. Esses, por sua vez, tinham a função de proteger os cangaceiros das incursões das forças volantes. Essa ajuda era conferida, geralmente, através da concessão de informações, refeições e moradia.

personalidade desses cangaceiros, é impescindível assinalarmos que parte desses atributos narrados nos folhetos coexiste com a prática de torturas e violência. Esse misto de justiça e crueldade é narrado em *Lampião: Herói ou Bandido?*, tal obra construída a partir de muitos elementos do folclore, isto é, sem compromisso com critérios de pesquisa historiográfica:

O coiteiro José Josino havia comentado com Lampião que aquele fazendeiro, viúvo, mantinha relações com as próprias filhas. O cangaceiro resolveu vestir a beca da justiça e dar, segundo seus meios, uma lição no fazendeiro. Amarrando-o pelos testículos com uma tira de couro, mandou suspender o tal nos caibros do telhado. O fazendeiro escapou com vida, mas, a caminho de Juazeiro do Norte, à procura do padre Cícero, veio a falecer.²²³

Em referência à característica de Robin Hood, atribuída aos cangaceiros na literatura de cordel, se configura mais uma divergência entre as abordagens literárias e historiográficas. Isso porque os folhetos de cordéis noticiam em seus folhetos inúmeros episódios de distribuição de parte das pilhagens dos saques realizados em comércios e armazéns para a população mais carente como uma ação de caridade e compaixão para com os mais necessitados. Por sua vez, a historiografia apresenta outra versão, ressaltando esses atos como forma de angariar o apoio da população, e do mesmo modo, amenizar o peso dos objetos em suas bolsas. Portanto, relacionando os modelos reproduzidos pela historiografia e pelo cordel, reafirmamos nossa concepção de que tratamos com abordagens distintas, onde uma se baseia na recorrência a registros históricos, e a outra na tradição/oralidade para a construção da sua versão.

Retratando os atributos da justiça e da nobreza inerentes aos cangaceiros representados na literatura de cordel, o cordelista João Antônio de Barros destaca a compaixão de Lampião com aqueles mais indefesos:

Daí, foi sendo odiado
Por todo o mundo em geral:
Muitos diziam que ele
Era péssimo no mal
Mas não – ele defendia
A um certo pessoal.

Ele protegia ao pobre,
Com todo prazer que tinha;
Defendia uma criança,
Uma velha, uma mocinha,
Com todo respeito – e achava

²²³ ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de; ARAÚJO, Carlos Elydio Corrêa de. *Lampião: Herói ou Bandido?* São Paulo: Claridade, 2009, p. 39-40.

Que fazer isto convinha.²²⁴

Esses mesmos predicados, responsáveis pela admiração de parte da população sertaneja e pela popularidade dos cangaceiros, podem ser constatados nos seguintes trechos do folheto de Manoel D’Almeida Filho:

Lá na fazenda Gangorra,
Lampião organizava
Rodeios e vaquejadas
E assim a vida passava,
Quando as reses mais bravias
Ele próprio derrubava.

Organizava forrós,
Na chegada dos vaqueiros,
Quando tocava a sanfona,
Animando os cangaceiros,
Cantando emboladas, cocos,
E xaxados brasileiros.

Se vinha a Jeromombo
Visitava o delegado,
Prefeito, padre e juiz,
Por todos era abraçado,
Dava presente às crianças,
E ao povo necessitado.²²⁵

Sobre a caracterização do cangaceiro, sobretudo Lampião, como uma espécie de Robin Hood, que tirava dos ricos para dar aos pobres, podemos verificar o seguinte verso de autoria do poeta popular Gonçalves Ferreira da Silva:

Com moedas de tostões,
De dois tostões e cruzados
Lampião fazia o bem
A muitos necessitados
Principalmente aos mendigos,
Aos cegos e aos aleijados.²²⁶

A partir da abordagem do cangaço como um fenômeno social figurado por protagonistas humanizados, justos e tomados pelo atributo da nobreza para com os mais necessitados, é possível identificarmos outro notável elemento responsável pela empatia do leitor. Com efeito, temos a partir da representação desses cangaceiros como símbolos

²²⁴ BARROS, João de. *Lampião e Maria Bonita no Paraíso: Tentados por Satanás*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1980, p. 6.

²²⁵ D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *Os Cabras de Lampião*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1966, p. 24.

²²⁶ SILVA, Gonçalves Ferreira da. *Lampião: O Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1983, p. 27.

regionais e dotados desses atributos, a promoção de um sentimento de orgulho por parte dos migrantes nordestinos, que acompanham essas estórias figuradas por homens representantes do Nordeste e dos seus elementos identitários.

3.4.3 O Cangaceiro Injustiçado

No tratamento da figura dos cangaceiros como vítimas da miséria social e como indivíduos que recorrem à vida no cangaço como meio de sobrevivência a um ambiente hostil e marcado pela privação de recursos, temos um objeto privilegiado utilizado na literatura de cordel. Através dessa exposição passa a ser viável, pelo leitor, compreender a realidade dos representantes do banditismo na região, justificando suas ações como forma de se rebelar contra uma sociedade caracterizada pela desigualdade de renda. Em suma, o cangaceiro da literatura popular não é abordado como um bandido comum, mas como um bandido que não se acomoda com a situação de pobreza que ele é constituinte.

No que concerne à relação desses indivíduos com o contexto excludente, no qual ele é parte, podemos realçar as palavras de Hobsbawm. Por meio dessa consideração destacamos o caráter contestador e rebelde dos integrantes do banditismo imersos num sistema caracterizado pela incessante relação entre oprimido e opressor:

O banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. (...) Portanto, como fenômeno específico, o bandido não pode existir fora de ordens socioeconômicas e políticas que possam ser assim desafiadas.²²⁷

Para a exposição desses cangaceiros no cordel como injustiçados, isto é, como vítimas que reagem contra uma sociedade marcada pela miséria e pela desigualdade sócio-econômica, o folheto de autoria do cordelista Manoel D’Almeida Filho se configura como emblemático. No verso a seguir, sobre o cangaceiro Corisco, o poeta popular resume o contexto em que os representantes do cangaço se inserem:

Mais uma vez precisamos
Falar sobre os componentes
Do cangaço nordestino,
Homens simples e valentes –
Cruelmente injustiçados,

²²⁷ HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 21-22.

Perseguidos, castigados
Pelas forças prepotentes.²²⁸

O perfil contestador e a rebeldia dos cangaceiros podem ser verificados também no folheto de Elias A. de Carvalho, onde o poeta popular apresenta a morte de Lampião como consequência de uma vontade de reagir contra uma sociedade injusta. Nesse sentido, o assassinio do cangaceiro é abordado como produto de uma ambição modificadora:

Injustiçado rebelde,
Age como lhe convém.
Não confia na justiça
Duma lei, que nunca vem
Desanda a fazer loucuras,
Finda não se dando bem.

Compelido por um fado
Agressivo e muito forte.
Reprimido pela lei.
Vergastado pela sorte.
Atirado e imprudente,
Lampião foi um valente,
Humilhando o prepotente.
O seu brasão foi a morte.²²⁹

Sob essa perspectiva, podemos destacar a estória retratada no cordel de Lampião como um homem que, como produto da pobreza na qual ele se insere, busca defender os interesses do seu povo. Para isso, nos apoiaremos no folheto produzido por Franklin Maxado e Raimundo Silva, em que o cangaceiro defende o Terceiro Mundo na ONU. Corroborando as questões colocadas no desenvolvimento deste trabalho, destacamos a presença de temas referentes à modernidade nos cordéis, nos permitindo concebê-la como uma literatura em constante atualização. Nesse sentido, o atributo tradicional do cangaceiro se confunde com participações em situações ligadas à modernidade.

- Aqui, já estou chegando
E logo me manifesto.
Contra os países ricos,
Venho gritar meu protesto,
Venho direto do espaço
Pra provar que ainda faço
Batalhas e que eu presto.

- Contra os grandes, eu atesto,
Defendendo os oprimidos
Esses do “Terceiro Mundo”,
Cada dia mais falidos,

²²⁸ D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *Vida, Vingança e Morte de Corisco*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986, p. 3.

²²⁹ CARVALHO, Elias A. de. *A Morte de Lampião*. Petrópolis: [s.n.], 1984, p. 32.

Quase sem ter de comer.
 É no futuro viver
 Tomando só comprimidos.²³⁰

Com base na utilização do elemento social para justificar as ações empreendidas pelos cangaceiros, a literatura de cordel promove a identificação do leitor com as dificuldades enfrentadas pelos personagens retratados nos versos dos folhetos. Nesse caso, a empatia entre os migrantes nordestinos que lêem essas histórias e os cangaceiros abordados como símbolos regionais se dá pelo reconhecimento de um passado em comum, este marcado pela miséria e pela privação de recursos. No mesmo sentido, a motivação se configura como elemento a ser considerado, visto a admiração do leitor pela coragem usada pelos cangaceiros como meio de superação dessas dificuldades que acompanhavam uma parcela considerável dos nordestinos.

3.4.4 O Cangaceiro Satírico

Como apresentado no decorrer deste trabalho dissertativo, a literatura de cordel tem como característica intrínseca o objetivo de entreter o seu leitor. Para isso, são utilizados recursos lúdicos e satíricos, proporcionando momentos de diversão para quem acompanha essas histórias narradas em versos nos folhetos. No mesmo sentido, o cordelista recorre a um texto rimado e de fácil compreensão, tornando a leitura uma ação agradável e aprazível. No que concerne à abordagem dos cangaceiros nesses textos não é diferente.

Partindo do pressuposto que a temática do cangaço é cercada de divergências e de mitos, podemos ressaltar o espaço aberto para o folclore tratar, de maneira singular, as trajetórias seguidas pelos cangaceiros, sobretudo aqueles que atuaram entre as décadas de 1920 e 1930. No seio dessa abordagem folclórica destacam-se os relatos das aventuras e façanhas praticadas pelos principais representantes do banditismo no Nordeste, como podemos ver na obra de Leonardo Mota. Neste trecho podemos verificar a entrevista realizada pelo folclorista com Serra Umã, comparsa do cangaceiro Lampião:

- Uma vez, junto de Vila Bela, aqui em Pernambuco, Lampião chegou mais nós numa venda e mandou arrear uma dessas garrafas de litro de conhaque. Lampião, com cisma de veneno, fez o bodegueiro beber, na frente, coisa duns dois dedo e, depois, bebeu assim um meio copo. Estava-se nisso, quando um sujeito que nós não conhecia pediu a Lampião um golpinho da bebida. Lampião espiou para ele de cara

²³⁰ MAXADO, Franklin; SILVA, Raimundo. *Lampião na ONU Defendendo o 3º Mundo*. São Paulo: [s.n.], 1983, p. 1.

fechada e disse por aqui assim: - “Pra você nunca mais tomar confiança com homem que não é seu pariceiro, eu hoje lhe mato a vontade!” E obrigou o camarada pidão a beber todo o resto do conhaque! Ou bebia, ou levava faca! O cabra saiu que saiu à queda e foi lançar, foi vomitar, agarrado nas estaca dum cercado...²³¹

Usufruindo do trabalho dos principais folcloristas e cantadores que tratam o fenômeno do cangaceirismo no Nordeste, a literatura de cordel passa a construir sua representação da figura dos cangaceiros como personagens que na prática das suas barbáries contra inimigos em potencial promovem casos tragicômicos. O elemento do humor acerca das ações praticadas pelos cangaceiros pode ser verificado no folheto de Antônio Teodoro dos Santos. No primeiro episódio é narrada a visita de Lampião a uma velha que ofende o cangaceiro sem saber que está lidando com o mesmo:

Ela aprontou o almoço
 Êle almoçou descansado
 Perguntou: - Quedê os bandidos
 Por aqui não têm passado?
 Ela disse: - Capitão
 Não me fale em Lampeão
 Êsse infame, desgraçado!

Ele disse: - Minha velha
 Pois sou eu o Lampeão
 Na minha lei não se pede
 Nem se usa dar perdão!
 Agora, com o corpo nu
 Abrace um mandacaru
 Como se dança um baião!

A velha dançou ai... ai
 Dançou o turututú...
 Ficou cravada de espinhos
 No pé de mandacaru
 Morreu como u'a almofada
 De espinhos cravejada
 Que engasgava o urubu.²³²

No mesmo cordel é narrado outro trecho que se utiliza de recursos lúdicos para o entretenimento e diversão do seu leitor, contribuindo assim para a romantização da figura dos cangaceiros. Nos versos seguintes, o “Poeta Garimpeiro, como era conhecido popularmente o cordelista Antônio Teodoro dos Santos, aborda o caso em que Virgulino pune seu comparsa por ter reclamado da falta de sal na comida oferecida por uma coiteira:

²³¹ MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*. 3. ed. Rio: ABC Editora, 2002, p. 21.

²³² SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Lampeão - O Rei do Cangaço: Amores e Façanhas*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1959, p. 18.

Todos disseram: - Patrão
 A comida é sem igual!
 Porém, o cabra Cão-Côxo
 Resmungando disse: - Qual!
 Vocês fazem um alvorôço...
 Eu não gostei dêste almôço
 Porque tá muito sem sal.

Lampeão disse: - Está bem
 Tem sal aí, minha dona?
 Ela disse: - Sim, senhor
 Isto não falta na zona
 Disse Lampeão, zangado:
 - Meça um litro calculado
 Como quem mede mamona!

E olhando para o cabra
 Disse assim: - Cabra da peste
 Coma êste sal, neste instante!
 Saiba que eu sou o teu mestre
 Não passe o pé pela mão!
 Saiba que eu sou Lampeão
 “Manda-chuva” do Nordeste!

O cabra comeu o sal
 Na mesma hora morreu
 Mas, antes, um tanque d' água
 Êsse indivíduo bebeu
 O sal cortou-lhe a frissura
 A barriga ficou dura
 Como barrica de breu!²³³

A exposição dos representantes do cangaceirismo de maneira satírica se configura como outro elemento indispensável para o reconhecimento dos mesmos como personagens irreverentes até na concretização das suas vinganças e torturas. Desse modo, a recorrência a esse recurso se coloca como um meio de amenizar a imagem dos cangaceiros como homens exclusivamente cruéis e sanguinários. Em outras palavras, esses homens são bárbaros, mas também são caricatos, o que explica sua percepção como personalidades carismáticas do Nordeste brasileiro.

3.4.5 O Cangaceiro Apaixonado

Na retomada das informações apresentadas no decorrer desta dissertação, o ingresso das mulheres no cangaço se configuraram, de acordo com os principais estudiosos do tema,

²³³ SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Lampeão - O Rei do Cangaço: Amores e Façanhas*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1959, p. 19-20.

como notável acontecimento que contribuiu para a decadência do cangaço. Isso porque os cangaceiros se tornaram mais amáveis e distraídos, e menos cuidadosos com possíveis incursões policiais que pudessem colocar suas respectivas vidas em cheque.

Por outro lado, a representação da mulher no dia a dia do cangaço possui diferente significado para a literatura popular, isto é, a abordagem delas como causas do declínio do fenômeno social é deslocada para a atribuição das mesmas como condições necessárias para a construção de uma nova forma do cangaceirismo. Em suma, com a inclusão do elemento feminino, o cordel passa a retratar o cangaço com um novo perfil, onde seus representantes se tornam menos cruéis e mais sentimentais. Para a utilização dessa faceta apaixonada dos cangaceiros, a literatura de cordel direciona seu enfoque para o relacionamento amoroso dos mais famigerados bandidos: Corisco e Lampião. Com base na estratégia de romantização da figura desses cangaceiros, a representação desses homens como personagens de “coração mole” se coloca como artifício eficaz para a conquista da empatia do leitor.

Para a exposição dessa faceta mais humanizada dos cangaceiros selecionamos alguns versos dos cordéis que apresentam o relacionamento amoroso dentro do cangaço. No folheto de Elias A. de Carvalho, que tem como objeto principal a biografia da cangaceira Dadá, verificamos a paixão com Corisco em meio a uma realidade dura e penosa:

Era prima de Cristino,
Seu pai era lavrador.
Com seis anos de idade
Já tava entregue ao labor.
A mãe ia trabalhar
E entregava a ela o lar,
Dentro dum certo rigor.

Amou Cristino, o Corisco
Cabra macho, corajoso,
Marcado por um destino
Desumano e rigoroso,
Que ainda pequenininho
O jogou em um caminho
Cruel, confuso e penoso.²³⁴

A mesma estratégia de narração é utilizada por Antônio Teodoro dos Santos, que tratando a trajetória de Maria Bonita apresenta seu amor incondicional por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião:

Maria que viajou
Em busca de Lampeão
Rasgava o sertão agreste

²³⁴ CARVALHO, Elias A. de. *Dadá e a Morte de Corisco*. Petrópolis: [s.n.], 1983, p. 2.

No lombo do alazão
 Como a conduta pedia
 Satisfeita já sentia
 Novo amor no coração

Quando no ponto chegou
 Lampeão viu a beleza
 Seu coração palpitou
 Vendo aquela baronesa
 Disse adeus, dizendo assim:
 - Como acompanhas a mim
 Vivendo nesta dureza?²³⁵

Baseado nessa abordagem dos cangaceiros como indivíduos que não só matam, roubam e torturam, mas que também são capazes de amar, o poeta popular recorre a outro elemento responsável pela romantização do cangaço e dos seus representantes. Com efeito, os leitores do cordel passam a reconhecer esses cangaceiros como personagens mais humanos, como dotados de sentimentos, ou seja, como personagens que são dignos de simbolizarem o Nordeste, seus elementos identitários, e seus conterrâneos.

3.4.6 O Cangaceiro Sobrenatural e Religioso

Atribuindo aos cangaceiros, sobretudo Lampeão, uma característica sobrenatural e/ou religiosa, o cordelista constrói a imagem de homens divinos e sobre-humanos, contribuindo diretamente para a admiração do seu leitor, esse compreendido como o migrante nordestino que lê os cordéis no intento de manter o elo com sua região natal e com as tradições que a compõe. Nesse sentido, diferente do que ocorre em sua faceta apaixonada, em sua característica sobrenatural os cangaceiros não são narrados como indivíduos humanizados, mas como criaturas espirituais que são capazes de encontrarem São Pedro, Adão, Deus e o Diabo.

Com o reconhecimento dos representantes do cangaceirismo como personagens divinos, podemos destacar o misticismo de Lampeão, que de acordo com pesquisadores sobre o cangaço era considerado o maior responsável por um status de invencibilidade que o cangaceiro possuía. Desse modo, apesar de ser um bandido cruel para com aqueles que se colocassem como inimigos em potencial, o “Rei do Cangaço” mantinha intensa sua fé em

²³⁵ SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Maria Bonita – A Mulher Cangaço*. São Paulo: Ed. Prelúdio, 1963, p. 16-17.

inúmeros santos da Igreja Católica²³⁶. Sua crença aumentava proporcionalmente aos cercos organizados pelas forças volantes, visto que o cangaceiro confiava na sua religiosidade como principal força capaz de mantê-lo vivo e livre, isto é, o mesmo acreditava que sua fé mantinha seu corpo fechado de qualquer mal que pudesse alcançá-lo. Esse aspecto é tratado por Piragibe de Lucena, que a partir do depoimento dos comparsas de Lampião, reconstituiu suas palavras: “nenhum fio de cabelo cairá de minha cabeça, se esta não for a vontade de Deus”.²³⁷ A fé do cangaceiro também se evidencia no registro de Sila, sobrevivente do Massacre de Angicos e também companheira do cangaceiro Zé Sereno:

Quase que diariamente Lampião rezava o ofício de Nossa Senhora em companhia do bando de cangaceiros. Pela manhã rezava o Padre Nosso, quando acontecia de não fazê-lo era quando a ocasião não permitia, impedimento que era muitas vezes motivado por fugas, combate contra volantes e outros fatos inesperados.²³⁸

Através da apresentação desses dados fica evidente a relação entre a cultura popular e a religiosidade dos sertanejos nordestinos. No que concerne a essa íntima afinidade, na qual a religião é, de certa forma, criada pelos grupos menos abastados sem que haja interferência das classes dominantes, atentamos para a concepção assinalada por Carlo Ginzburg, na qual ele compreende a cultura popular como “o conjunto de atitudes, crenças, código de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico”.²³⁹ Contudo, a partir do conceito de *circularidade cultural*²⁴⁰ não devemos ignorar os empréstimos existentes entre a fé popular e a cristandade ortodoxa, visto que a devoção sertaneja parte do poder clerical para elaborar as suas bases religiosas.

Se na historiografia os cangaceiros recorrem aos seus santos de devoção para sobreviverem no cangaço, na literatura popular o cangaceiro é a própria santidade. A construção dessa imagem, constituída dos recursos lúdicos, contribui diretamente na

²³⁶ O pesquisador Max Silva D’Oliveira, tratando em seu trabalho a religiosidade de Lampião, ressalta os principais santos que o cangaceiro era fiel. Dentre essas santidades destacam-se São Gabriel, São Pedro, São Paulo, São Jorge e Santa Luzia; para tais eram concedidas orações que eram guardadas em pequenos pedaços de papel. Cf. D’OLIVEIRA, Max Silva. *O Cangaço e a Religiosidade de Lampião. Caos: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. João Pessoa, 1999.

²³⁷ LUCENA, Piragibe de. *Lampião, Lendas e Fatos*. João Pessoa: [s.n.], 1995, p. 43.

²³⁸ *Ibidem*.

²³⁹ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido Pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 16.

²⁴⁰ Desenvolvendo a noção de *circularidade cultural*, já tratada por Mikhail Bakhtin, o historiador italiano define o conceito como “um influxo recíproco entre cultural subalterna e cultura hegemônica, particularmente intensa na primeira metade do século XVI”. A partir dessa abordagem, Ginzburg enfoca a inquisição papal que ocorreu neste recorte cronológico. Cf. *Ibidem*, p. 13.

dissociação do cangaço como fenômeno social caracterizado exclusivamente pela violência e pela barbárie. Essa estratégia pode ser verificada no folheto em que Lampião chega ao céu e encontra São Pedro, Jesus e Virgem Maria; criando um cenário em que o cangaceiro passa a ser julgado por suas ações:

Chegando no gabinete
Do glorioso Jesus
Lampeão foi escoltado
Disse o varão da cruz
Quem és tu filho perdido
Não estás arrependido
Mesmo no reino da luz!

Disse o bravo Virgulino
Senhor não foi culpado
Me tornei um cangaceiro
Porque me vi obrigado
Assassinaram meu pai
Minha mãe quase que vai
Inclusive eu coitado

Os seus pecados são tantos
Que nada posso fazer
Alma desta natureza
Aqui não pode viver
Pois dentro do paraíso
É o reinado do riso
Onde só existe prazer.²⁴¹

No cordel de Apolônio Alves dos Santos é narrado o intento de Lampião ingressar no inferno após ser condenado no céu. Nos versos seguintes constatamos o diálogo de Satanás com o cangaceiro, em que o primeiro apresenta resistência em receber o nordestino em sua jurisdição:

Pode ir caindo fora
E me deixe aqui em paz
Assassino e bandoleiro
Aqui não tem mais cartaz
Na minha propriedade
Gente desta qualidade
Aqui eu não quero mais

Lampião naquela hora
Disse para o maioral
Eu entro mesmo no peito
Reúna seu pessoal
Que estou de prontidão
Enfrento a revolução
E entro por bem ou mal.²⁴²

²⁴¹ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A Chegada de Lampião no Céu*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1959, p. 5-6.

Antes de adentrarmos no último elemento que constitui a construção da imagem desses cangaceiros como símbolos regionais do Nordeste, me permito tratar a abordagem dos protagonistas fictícios nesses folhetos. Relacionados, da mesma maneira, com a característica religiosa, é possível verificarmos nos cordéis coletados a existência de estórias onde os cangaceiros não são “reais”, isto é, são protagonistas criados pelos próprios poetas populares. Assim como no caso dos cangaceiros registrados pela historiografia, esses personagens “inventados”, tendo em si a marca da religiosidade em seus versos, são produtos da estratégia de romantização do cordelista, deslocando sua percepção de sujeitos cruéis e impiedosos para sua representação como figuras que buscam a redenção no plano sobrenatural ou a partir da fé.

No folheto de autoria de Manoel D’Almeida Filho é constatada a trajetória de Pedro Armengol, um jovem rapaz que arrependido dos crimes que cometeu como cangaceiro decide integrar a ordem da Igreja Católica. Buscando convencer o leitor sobre a importância do perdão para com o pecador, o cordelista argumenta:

Não devemos condenar
Ninguém por ser pecador,
Que o coração é terra
Onde não vai caçador
E se convertendo, Deus
Perdoa seja quem fôr

Um dia caindo em si,
Se converte o pecador;
Exemplo: o bom ladrão,
Que também foi malfeitor
E tantos outros que no céu,
Têm hora e resplendor.²⁴³

Recorrendo ao teor humorístico, no cordel de Franklin Maxado temos o relato sobre o cangaceiro Medonho, homem que conhecido por sua violência decide se tornar beato após se deparar com uma Caipora²⁴⁴. Assim como no folheto sobre Pedro Armengol, na estória de Medonho é realçada a questão do arrependimento e do perdão pela vida bandida empreendida no cangaço, contribuindo para a promoção da empatia do leitor com o personagem retratado:

É um beato tranqüilo
Que percorre peregrino

²⁴² SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Luta de Lampião Para Entrar no Inferno*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984, p. 2.

²⁴³ D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *De Cangaceiro a Santo*. São Paulo: Ed. Prelúdio, [195-], p. 22.

²⁴⁴ Personagem do folclore brasileiro representada como um índio de pele escura, ágil e nu. Segundo o imaginário popular, a Caipora seria um guardião da vida animal na floresta.

As terras do seu país
 Saiu do chão nordestino
 Fazendo orações, ladainhas
 Benditos e canta hino

Não gosta de falar de si
 Por isso é misterioso
 Soube que Lampião morreu
 E pediu bem pesaroso
 Que os céus lhe perdoassem
 O seu viver desastroso.²⁴⁵

Concluindo esta apresentação do caráter sobrenatural e religioso dos cangaceiros na literatura de cordel, voltamos a notificar sobre um deslocamento no enfoque desses personagens, permitindo uma maior ênfase no caráter divino dos representantes do banditismo. Desse modo, a característica da violência associada aos cangaceiros se coloca em segundo plano, privilegiando um suposto caráter mágico dos protagonistas desses folhetos. A partir dessa estratégia consciente do cordelista na romantização do cangaço, notamos uma explícita reelaboração da imagem dos cangaceiros, favorecendo uma maior aceitação, por parte do leitor, desses personagens do imaginário popular como dignos representantes do Nordeste e do povo que o constitui.

3.4.7 O Cangaceiro Cabra-Macho

Dentre os vários estereótipos que acompanham os nordestinos podemos destacar a questão da masculinidade, isto é, da macheza. Nesse sentido, a figura máscula dos cangaceiros só contribui para a afirmação dessa característica tradicional que permeia a região e sua população. Em suma, “no imaginário social ainda se preserva a referência de Lampião e dos outros cangaceiros como o protótipo de uma virilidade típica nordestina, a do “cabra-macho””.²⁴⁶

No tratamento desse aspecto, Durval Muniz de Albuquerque destaca o estabelecimento da virilidade do “cabra nordestino” como uma forma de reação à crescente

²⁴⁵ MAXADO, Franklin. *O Cangaceiro Que Deu pra Beato ao Fugir da Caipora*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980, p. 8.

²⁴⁶ QUEIRÓZ, Ilsa Fernandes. *Mulheres no Cangaço: Amantes e Guerreiras*. Mossoró: Idéa Editora, 2005, p. 139.

feminização da sociedade. E ainda, ilustrando esse traço como parte da construção das identidades regionais do Nordeste:

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo desde século. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor! (...) O nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, que ele se relaciona.²⁴⁷

Antes de adentrarmos na constatação desse elemento presente na personalidade dos cangaceiros retratados na literatura de cordel, se configura como viável informar o depoimento descrito pela folclorista Leonardo Mota. No trecho seguinte verificamos a imponência da figura masculina do cangaceiro Lampião, responsável, inclusive, por ditar as normas da moda feminina:

Uma das maiores ojerizas de Virgolino é contra as sertanejas que, influenciadas pela moda, cortam o cabelo à *La garçonne*: estas são infelicitadas, não por ele que as detesta, mas a mando seu, pelos cabras que o acompanham. (...) Singular é que o bandido, abominando a moda feminina, não tenha, por seu turno, o tradicional respeito sertanejo pela barba e procure viver de rosto glabro, sem o precário ornamento capilar dos fios do ralo bigode.²⁴⁸

Para a exposição da faceta máscula e viril dos cangaceiros na literatura de cordel nos apoiaremos, no primeiro momento, no folheto de autoria do cordelista Franklin Maxado, onde são tratadas as divergências do cangaceiro Lampião com uma turista americana feminista. Nos versos selecionados verificamos a resposta do cangaceiro à afronta da mulher:

- Essa coisa de feminismo
É arte de mulé feia
Que não arranja home macho
Para lhe meter a peia
Assim pega outra mulé
E então faz o que quer
Com uma doutrina alheia

- Comigo é que essas machona
Não tem escolha ou vez
Tem de fazer o que mando
Senão eu ferro na tez
Não quero cabelo curto
Cortado no cucuruto
Minissaia ou trajas gueis

²⁴⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: Uma Invenção do “Falo”*. Uma História do Gênero Masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 18.

²⁴⁸ MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*. 3. ed. Rio: ABC Editora, 2002, p. 18.

- Não quero tanga ou maiôs
 E nem calça apertada
 Muita pintura na cara
 Ou a blusa decotada
 Eu só quero a mulé feme
 Que a nenhum macho teme
 Para ficar saciada.²⁴⁹

A afirmação da masculinidade pelos cangaceiros também pode ser percebida no folheto de Raimundo Silva, em que valorizando sua macheza, Lampião declara ao Frei Damião sua adequação a um novo tempo em que a mulher deveria viver para a submissão ao homem:

E eu sou macho valente
 Vivendo a nova era
 Agora com o meu mando
 A mulher tem de ser fera
 Fazer de tudo na cama
 Andar nua, sem espera.²⁵⁰

A valorização da macheza, não como uma simples superioridade de gênero, mas como um predicado similar ao da coragem, bravura e valentia, é percebida também no cordel de Antônio Teodoro dos Santos. Por essa razão, a personalidade viril desses personagens é contemplada de maneira positivada pelo migrante vindo do Nordeste, que vendo nesses representantes do banditismo o reflexo da fibra dos nordestinos, desperta um maior sentimento de orgulho e pertença à região onde nasceu e viveu parte da sua vida:

Virgulino que era um macho
 Valente como um leão,
 Numa batalha ganhou
 O nome de Lampião;
 Assim, todos os instantes,
 Seguido pelas volantes,
 Percorreu todo o sertão.²⁵¹

Com base nesses dados informados, se coloca como imprescindível ressaltar que o tratamento dos cangaceiros na literatura de cordel como sujeitos caracterizados pela macheza e pela virilidade conferem aos mesmos uma suposta legitimidade como típicos nordestinos. Com efeito, reconhecendo esses protagonistas dos folhetos como símbolos regionais, passa a

²⁴⁹ MAXADO, Franklin. *Debate de Lampião com uma Turista Americana*. São Paulo: [s.n.], 1981, p. 5.

²⁵⁰ SILVA, Raimundo. *O Famoso Encontro de Frei Damião com Lampião*. São Paulo: Folheteria Maxado Nordeste, [198-], p. 6.

²⁵¹ SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Maria Bonita – A Mulher Cangaco*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986, p. 16.

ser estabelecido pelos migrantes nordestinos que contemplam essas estórias, outro ponto de convergência entre leitor e personagem.

3.5 A Construção Identitária dos Migrantes Nordestinos No Cruzamento Entre Passado e Presente

No enfoque à figura do cangaceiro na literatura de cordel como signo que possibilita aos migrantes nordestinos a construção de uma identidade regionalista, reafirmamos a coexistência entre tradição e modernidade. Em outras palavras, compreendemos que a literatura de cordel é produto do tratamento de questões colocadas no passado, porém, ela não ignora as influências do presente na sua produção. Por isso ela é uma literatura em constante transformação. Isso também pode ser atribuído à construção identitária dos migrantes vindos do Nordeste, visto que mesmo através de uma visão saudosista e idealizada do passado, sua identidade regionalista se dá a partir das suas experiências como migrante colocadas no presente. Os próprios cangaceiros concebidos como construção consciente dos poetas populares não se reduzem aos aspectos tradicionais identificados ao povo nordestino, ele também se insere em questões referentes aos desafios encarados pelos migrantes que vêm nele o estreitamento afetivo entre região e conterrâneo.

Para pensarmos a constituição de uma identidade regionalista, por parte dos migrantes nordestinos, a partir da construção imagética dos cangaceiros na literatura de cordel, devemos considerar a busca por um referencial ligado à sua região de origem. É nesse contexto que os representantes do cangaço, abordados como símbolos regionais, emergem como figuras idealizadas responsáveis por suprir a carência desses migrantes acerca da sua região.

Se a literatura de cordel é tida como veículo responsável pela difusão da proposta regionalista a partir do tratamento da figura do cangaceiro, não devemos ignorar a mesma capacidade dos variados gêneros artísticos ligados à cultura nordestina. Para isso, assim como a imagem dos cangaceiros é construída nos folhetos de cordel, a figura de Luiz Gonzaga também é esboçada no campo musical. Esse aspecto é relevado por Durval Muniz de Albuquerque quando identifica a construção de Gonzaga, a partir das suas vestimentas, sotaques e músicas, como dirigida, sobretudo, aos migrantes do Nordeste. Em suma, segundo o autor: “Luiz Gonzaga se tornou aquele artista capaz de atender à necessidade do migrante de

escutar coisas familiares, sons que lembravam sua terra, sua infância, sons que o levavam até este espaço de saudade em meio a toda a polifonia do meio urbano”.²⁵² E ainda:

Não é só o ritmo que vai instituir uma escuta do Nordeste, mas as letras, o próprio grão de voz de Luiz Gonzaga, sua forma de cantar, as expressões locais que utiliza, os elementos culturais populares e, principalmente, rurais que agencia, a forma de vestir, de dar entrevistas, o sotaque, tudo vai “significar” o Nordeste.²⁵³

Sobre o estabelecimento dessa identificação, por parte do migrante, com o que é tipicamente nordestino, ressaltamos que essa assimilação só ocorre devido a sua condição como migrante. Em outras palavras, a empatia que se dá desses “órfãos” do Nordeste com esses elementos regionais assenta-se numa questão saudosista que só é possível quando não se está inserido na região idealizada. Portanto, se Gonzaga conquista os migrantes por seus sotaques, por sua música caracterizada pelo apego com as tradições regionais nordestinas, e pela sua indumentária associada ao cangaço, os cangaceiros construídos pelos poetas populares conquistam o leitor pelos seus atributos de coragem, macheza, fibra e resistência. Tais qualidades próprias aos migrantes em suas experiências de se deslocarem para um Sudeste desconhecido por ele em busca de melhores condições de vida. A partir dessas considerações reforçamos que “a migração reforça a identidade com este espaço e possibilita a invenção desta cultura”.²⁵⁴

Por fim, concluindo este capítulo ressaltamos o trabalho consciente dos cordelistas na sua estratégia de romantização dos cangaceiros. Na literatura de cordel os sujeitos históricos caracterizados como facínoras dão lugar a personagens que representam o Nordeste e os seus elementos regionais honradamente. Isso porque esses protagonistas regionais antes de serem sanguinários, são injustiçados por uma sociedade excludente, são corajosos por lutarem por seus ideais individuais e do seu povo, são carismáticos e populares por onde passam, são sentimentais ao ponto de aceitarem suas companheiras em seus bandos, são religiosos ao ponto de alcançarem Deus e o Diabo nos planos sobrenaturais, e ainda são a representação da virilidade e da macheza do típico nordestino.

Por essa série de razões, contemplados como produto da construção dos poetas populares, os cangaceiros do cordel se configuram como o elo que mantém a ligação dos migrantes resididos em São Paulo e no Rio de Janeiro com o Nordeste. Em outras palavras,

²⁵² ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 177.

²⁵³ *Ibidem*, p. 176.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 179.

esses heróis-vilões se colocam como signos que possibilitam a constituição de uma identidade regionalista pelos migrantes nordestinos, visto que o tratamento destes nos folhetos permite um resgate das características idealizadas da sua região de origem.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa dissertativa nos levou a refletir sobre como os discursos e narrativas se instituem, a partir da sua enunciação, em formadores de identidades. No que concerne ao objeto tratado no seio deste trabalho acadêmico, concluímos sobre a importância da locução presente na literatura de cordel, que se aproveitando da ideia de regionalismo emergente nas décadas de 1920 e 1930, reafirmam os principais elementos e tradições regionais do Nordeste brasileiro. Contudo, apesar da abordagem do cordel se inspirar nesses discursos que permeiam os aspectos do passado, reconhecemos os folhetos de cordel como literatura popular que não é estática, ou seja, ela é móvel e dinâmica na incorporação de temas que se constituem como anseios dos migrantes nordestinos. Essa atualização na sua abordagem, em que os elementos do passado não são descaracterizados, mas construídos intelectualmente, se configura um fator relevante para pensarmos o interesse dos seus leitores aos conteúdos difundidos nesses versos.

Esses folhetos, por sua vez, tendo a apresentação da temática do cangaço como sua principal característica, possibilita a identificação dos nordestinos aos personagens abordados nos seus versos. Essa empatia é ainda mais explícita no tratamento dos migrantes nordestinos como leitores desses cordéis, visto que os mesmos têm na leitura desses textos construídos por poetas populares a garantia de uma maior aproximação com os valores que constituem o Nordeste idealizado por tais. Nesse sentido, vale ressaltar que a difusão da imagem dos cangaceiros como símbolos regionais do Nordeste permite a constituição de uma identidade regionalista por esses migrantes, visto que esses personagens, retratados em versos como bravos e valentes, revelam atributos comuns aos seus próprios leitores que buscam nessas narrativas uma afirmação da sua “nordestinidade”.

Com efeito, as experiências vivenciadas por esses nordestinos, em sua condição como migrantes, se configuram como indispensáveis para o estabelecimento da aproximação afetiva entre esses leitores e sua região representada pelos cangaceiros nos folhetos de cordel. Dentro desse mesmo argumento não podemos ignorar a função dos cordelistas, sobretudo aqueles que também migraram, na construção consciente desses cangaceiros como personagens romantizados, contribuindo para a difusão de uma nova faceta de quem são esses bandoleiros. Seguindo essa perspectiva, a resignificação imagética desses cangaceiros como síntese dos nordestinos (migrantes ou não) consiste num importante elemento que permite a afirmação da sua regionalidade.

Na referência ao tratamento da temática do cangaço na literatura de cordel, como elemento textual que aproxima o conterrâneo nordestino da sua região natal, detivemos nosso enfoque a ideia dos cangaceiros como símbolos regionais, ou seja, como heróis-vilões que têm nas suas ações narradas nos folhetos a representação da bravura, coragem e valentia associada aos típicos nordestinos. Contudo, reconhecendo a existência de clichês na apresentação da população nordestina nessas narrativas que circundam a construção do Nordeste, nossa pesquisa buscou se dissociar da reprodução de estereótipos. Portanto, nosso trabalho, como apresentado em seu desenvolvimento, buscou priorizar uma compreensão dessas características como componentes que permitem a construção histórica de uma identidade fluida e móvel.

No que concerne ao aproveitamento dos registros referentes à emergência da proposta regionalista nos anos 1920, e dos cordéis como documentação primária que abarca o cangaço como parte da história regional do Nordeste, temos recursos que nos levam a pensar como a região é incessantemente construída e elaborada por seus poetas, escritores, dramaturgos, etc. Nesse sentido, podemos nos remeter ao conteúdo debatido no primeiro capítulo, onde é tratado como o discurso regionalista se constitui, iniciando pela visão naturalista dos antropólogos e jornalistas, e passando pelo movimento tradicionalista direcionado por seus intelectuais e literatos. A partir dessa consideração, concebemos o desenvolvimento das propostas regionalistas no Nordeste, sobretudo em Pernambuco, como um importante aspecto que conforma a noção dos nordestinos, incluindo os migrantes, como indivíduos voltados para a defesa dos valores identitários da região que é parte da sua infância e de experiências traduzidas em suas memórias e saudosismos. Em outras palavras, essas propostas permitem aos migrantes nordestinos a construção de suas identidades como migrantes. Entretanto, devemos situar que as identidades formadas com o discurso emitido nos anos 1920, apesar de ser fonte de inspiração, são distintas da que é constituída pelos migrantes nordestinos entre as décadas de 1950 e 1980 no Sudeste.

Com base no tratamento desses aspectos se torna possível compreendermos como, em sua essência, os migrantes nordestinos continuam ligados afetivamente aos elementos tradicionais que compõem sua região natal. É essa ligação, influenciada pela difusão da imagem dos cangaceiros no cordel como fiéis representantes da região e do seu povo, elemento imprescindível da constituição de uma identidade regionalista desses migrantes vindos do Nordeste. Em suma, abarcamos as propostas regionalistas dos anos 1920 e 1930 como construtos utilizados nos cordéis difundidos no Sudeste entre as décadas de 1950 e 1980. Os folhetos, por sua vez, se aproveitando da combinação dessas questões do passado

com os elementos colocados no contexto em que essas obras são escritas e lidas, são contemplados neste trabalho como narrativas referenciais que possibilitam uma construção identitária baseada na aproximação dos migrantes do Nordeste com sua região de origem.

No desenvolvimento desta pesquisa enfocamos incessantemente a coexistência entre o passado e o presente, o antigo e o novo, a tradição e a modernidade. Essa questão foi colocada, sobretudo, em três momentos tratados no decorrer do nosso trabalho. Em primeiro lugar, temos a instituição das vanguardas regionalistas, no seu resgate dos elementos do passado, inserida na modernidade das primeiras décadas do século XX. Por conseguinte, compreendemos o cordel como uma literatura que não é estática, isto é, ela incorpora em sua abordagem questões colocadas no passado, mas igualmente recorre à temas referente ao contexto em que tais obras são produzidas e lidas por esses migrantes. Por fim, articulada intrinsecamente a essa última constatação, temos o conflito harmonioso entre o passado e o presente na constituição da identidade regionalista por esses nordestinos resididos no Sudeste.

Na apresentação de como se dá essa construção identitária, concebemos o migrante nordestino a partir da conciliação entre o passado que ele idealiza, e o contexto presente em que ele insere quando contempla as estórias protagonizadas pelos cangaceiros na literatura de cordel. Nesse sentido, se esses representantes do banditismo revelam características tradicionais, tais quais suas trajetórias e façanhas em meio a uma sociedade patriarcal baseada na defesa do valor da honra, eles também podem se colocar em situações compatíveis aos anseios dos migrantes, a exemplo da explicitação da sua resistência aos desafios e dificuldades que lhe são impostos. Com efeito, ressaltamos a constituição da identidade regionalista desses leitores migrantes como produto da relação, estabelecida pelos mesmos, entre a idealização dos aspectos do passado e suas experiências referentes ao presente onde essas estórias são lidas.

No que se refere ao fato da identidade constituída por esses migrantes nordestinos serem influenciadas por tradições estabelecidas anteriormente, isto é, antes do seu deslocamento inter-regional, podemos destacar a concepção colocada por Stuart Hall. Na seguinte locução, o autor faz uma analogia dessa (re)construção identitária com a questão migratório, sendo essa nova experiência responsável pela conformação das identidades já estabelecidas, permitindo a inserção de novas experiências que também formam novas identidades:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste

é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente de si mesma, sua “autenticidade”.²⁵⁵

Por fim, com base nos dados informados no decorrer deste trabalho dissertativo, concluímos que o universo político, econômico e social no qual os migrantes nordestinos se inserem se configura como principal responsável pela constituição de sua identidade regionalista. Uma construção identitária caracterizada por uma apologia dos elementos tradicionais enraizados num passado idealizado, juntamente com as experiências vivenciadas no presente, isto é, no período histórico onde esses nordestinos, em sua condição como migrante no Sudeste, buscam na reprodução dos cangaceiros nos cordéis um referencial que corresponda seu anseio de estreitar laços com a região em que viveram sua infância. Um saudosismo que só é possível quando se está distante fisicamente do que está sendo idealizado.

²⁵⁵ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Notas Sobre a Desconstrução do “Popular”*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 29.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Paraíbas e Bahianos: Órfãos do Campo, Filhos Legítimos da Cidade. *Travessia – Revista do Migrante*. Ano III, n. 8, 1990.

_____. *Preconceito contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Nordestino: Uma Invenção do “Falo”*. Uma História do Gênero Masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANDRADE, Almir. *Aspectos da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1939.

ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no Espelho: Identidade Nordestina Através da Literatura. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARANTES, Antônio Augusto. *O Trabalho e a Fala: Estudos Antropológicos sobre os Folhetos de Cordel*. Campinas: Kairós, 1982.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de; ARAÚJO, Carlos Elydio Corrêa de. *Lampião: Herói ou Bandido?* São Paulo: Claridade, 2009.

AZEVEDO, Adriana Cordeiro. *Cordel, Lampião e Cinema na Terra do Sol*. Rio de Janeiro: Ferreira Studio, 2004.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os Anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BARBOSA, F. C. A Transmutação da “Feira dos Paraíbas” em Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. In: SEYFERTH, G. et al. *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

BARROS, Souza. *A Década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Paralelo, 1972.

BATISTA, Sebastião Nunes. O Seu a Seu Dono... *Encontro com o Folclore*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 5, 1965.

BENJAMIN, Roberto Câmara. A Religião nos Folhetos Populares. *Vozes, Revista de Cultura*, Petrópolis, ano 64, n.8, out. 1970.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Elementos Para uma Reflexão Crítica Sobre a Ideia de Região. In: _____. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Lisboa: Liv. Ferreira Ed., 1885.

BRITO, Fausto. *As Migrações Internas no Brasil: Um Ensaio Sobre os Desafios Teóricos Recentes*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: MEC, 1977.

CASTRO, Iná Elias de. Da Seca como Tragédia à Seca como Recurso. Velhos e Novos Discursos, Velhos e Novos Territórios. In: *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ*, v. 4, 1995.

_____. Natureza, Imaginário e a Reinvenção do Nordeste. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. *O Mito da Necessidade: Discurso e Prática do Regionalismo Nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CAVALCANTI, Helenilda. O Desencontro do Ser e do Lugar: A Migração para São Paulo. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHAGURI, Mariana. *José Lins do Rego e o Regionalismo Nordestino dos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: ANPOCS, 2009.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: O Rei dos Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História Entre Incertezas e Inquietudes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Debate Literatura e História. Rio de Janeiro: *Topoi*, n. 1, 1999.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural: Uma Antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural da França*. 4. ed. São Paulo: Graal, 1986.

DAUS, Ronald. *O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

D'OLIVEIRA, Max Silva. O Cangaço e a Religiosidade de Lampião. *Caos: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. João Pessoa, 1999.

EHRARDT, Marion. Notícias Alemãs do Século XVI sobre Portugal. *Humboldt*. Hamburgo, n. 14, 1966.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

_____. *Manifesto Regionalista*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, Serviço de Documentação, 1955.

_____. *Manifesto Regionalista*. 7. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996.

_____. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941.

_____. *Vida, Forma e Cor*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História: Como os Historiadores Mapeiam o Passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALVÃO, Ana Maria. *Cordel: Leitores e Ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMES, Alfredo Macedo. *Imaginário Social das Secas: Suas Implicações para a Mudança Social*. Recife: Massangana, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GRILLO, Maria. História em Verso e Reverso. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 2, n.13, out. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Notas Sobre a Desconstrução do “Popular”*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INOJOSA, Joaquim. O Movimento Modernista em Pernambuco. *Tupy*, Rio de Janeiro, v. 3, 1969.

_____. *Sursum Corda*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1981.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Literatura de Cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LESSA, Orígenes. Literatura Popular em Versos. *Anhemi*, São Paulo, ano 6, v. 21, n. 61, dez. 1955.

LUCENA, Piragibe de. *Lampião, Lendas e Fatos*. João Pessoa: [s.n.], 1995.

LUYTEN, Joseph Maria. *A Literatura de Cordel: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. *O que é Literatura Popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LIMA, Rubervânio. *Regionalismo Sertanejo*. Paulo Afonso: Perse, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, Nos e por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassenezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MARQUES, Ana Cláudia D. R. Considerações Sobre a Honra Cangaceira. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

MEJIA, Ernesto Sanchez. Romances y Corridos Nicaragüenses. *Anuário de La Sociedad Folklórica de México*, n. 5, 1944-1945.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

MORALES, Lúcia Arrais. *A Feira de São Cristovão: Um Estudo de Identidade Regional*. 1993. Dissertação (Mestrado) - Museu Nacional, PPGAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*. 3. ed. Rio: ABC Editora, 2002.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A Função Intertextual do Cordel no Cinema de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. *Feira de São Cristovão: Contando Histórias, Tecendo Memórias*. 2012. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares*. Projeto História, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. *Lampião, Cangaço e Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1970.

PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o Final do Século XIX e o Início do Século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: “Diálogos do Mesmo” e do “Outro”. In: _____ (Org.). *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PUNTEL, Joana T. Cordel, a Literatura que já foi do Povo. *Revista Família Cristã*. São Paulo, 1980.

QUEIRÓZ, Ilsa Fernandes. *Mulheres no Cangaço: Amantes e Guerreiras*. Mossoró: Idéa Editora, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do Cangaço*. São Paulo: Global Editora, 1986.

RAMOS, Everardo. Ilustração de Folhetos de Cordel: O Romance dos Esquecidos ou a Peleja do Popular com o Moderno. In: NEMER, Sylvia (Org.). *Recortes Contemporâneos Sobre o Cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de Cordel: Uma Aproximação Etnográfica ao Gênero*. In: Anais do IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Tubarão: UNISUL, 2007.

REVEL, Jacques. A Biografia como Problema Historiográfico. In: *História e Historiografia: Exercícios Críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: Histórias da Cidade de Recife na Década de 20*. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *O Recife nos Anos Vinte: As Imagens e Vestígios do Moderno e os Tempos Históricos*. João Pessoa: Programa do Pós Graduação em Sociologia. UFPB, 2003.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

ROCHA, Tadeu. *Modernismo e Regionalismo*. Maceió: Imprensa Oficial de Alagoas, 1964.

RODRIGUES, Antônio Edmilson. A Querela Entre Antigos e Modernos: Genealogia da Modernidade. In: _____; FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos Modernos: Ensaio de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Editora da UNB, 1982.

RONCAYOLO, Marcel. Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 8. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987.

ROWLAND, R. Society, Communication and Popular Culture in a Traditional Society: The Cantadores of Northeast Brazil. In: *Transactions of the Sixty World Congress of Sociology*, v. IV, 1970.

RUSSOTO, Margherita. *Arcaísmo e Modernidade em José Lins do Rego: Uma Leitura de Doidinho*. 1987. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Narrativa e Imaginário na Literatura de Cordel Brasileira: O Cruzamento das Linguagens e das Modernidades. In: NEMER, Sylvia (Org.). *Recortes Contemporâneos Sobre o Cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço Habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Milart, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino: Existência e Consciência da Desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

SLATER, Candace. *A Vida no Barbante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. Imagens do Migrante Nordestino em São Paulo. *Travessia – Revista do Migrante*. Ano VI, n. 7, 1993.

SOUTO MAIOR, Mário. *Painel Folclórico do Nordeste*. Recife: Editora da UFPE / Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

SUASSUNA, Ariano. Nota sobre a Poesia Popular em Versos. *DECA*, Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística, Recife, ano 4, n. 5, 1962.

TAVARES, Bráulio. *Contando Histórias em Versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – Parte 2*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FONTES

Periódicos (Editoriais, Artigos e Discursos):

ALMEIDA, Ricardo de. Cordel, Presa Fácil Para a Grande Indústria. *O Estado de São Paulo*. 3 de Dezembro, 1978.

BARROS, Paulo Moraes. Impressões do Nordeste. *O Estado de São Paulo*. 10 de Agosto, 1923.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Luzeiro Editora Ltda., e os Trovadores da Literatura de Cordel. *Brasil Poético*. Agosto, 1976.

COUTINHO, Edilberto. No Assalto ao Menestrel, o Fim do Cordel. *Correio da Manhã*. 3 de Março, 1970.

Diário de São Paulo. 18 de Março, 1952.

Lourenço Filho. Os Milagres. *O Estado de São Paulo*. 23 de Abril, 1920.

FREYRE, Gilberto. A Pintura no Nordeste. In: *Livro do Nordeste*. Recife: Oficinas do Diário de Pernambuco, 1925.

_____. A Propósito de Equívocos. *Jornal do Commercio*. 14 de Dezembro, 1980.

_____. *Diário de Pernambuco*. 20 de Abril, 1924.

_____. *Diário de Pernambuco*. 7 de Fevereiro, 1926.

Gonçalo Ferreira da Silva: O presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel fala sobre a instituição. *Revista Biblio*. Ano 1, n. 2, 2011.

INOJOSA, Joaquim. Que é Futurismo? *A Tarde*. 30 de Outubro, 1922.

_____. Tradição e Tradicionalistas. *Revista de Pernambuco*. Maio, 1925.

Jogo de Caipira na Feira dos Nordestinos. *Tribuna da Imprensa*. 31 de Julho, 1956.

MORAES, Mária Célia de. Antes que me falem d'A Bagaceira. *O Estado de São Paulo*. 17 de Setembro, 1978.

O Bloco Político do Norte. *O Estado de São Paulo*. 3 de Setembro, 1920.

O Estado de São Paulo. 24 de Fevereiro, 1952.

O Estado de São Paulo, 26 de Fevereiro, 1952.

O Estado de São Paulo, 1 de Março, 1952.

O Estado de São Paulo, 6 de Março, 1952.

O Estado de São Paulo. 8 de Setembro, 1978.

Revista do Norte. 8 de Outubro, 1923.

ROCHA, Tadeu. Há 50 anos era fundado o Centro Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*. 28 de Abril, 1974.

VASCONCELOS, João. O Sr. Gilberto Freyre. In: *Jornal do Commercio*. 27 de Julho, 1924.

Manuscritos:

CAPEL. *Estudos de Desenvolvimento Regional*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1958.

Conjuntura Econômica. Ano VIII. N. 7, Julho de 1954.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A Verdade Sobre a Literatura de Cordel*. [S.l., s.n.], [198-].

Literatura Popular em Verso. Catálogo, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1961, t. I, Coleção de Textos da Língua Portuguesa Moderna, 4, 1961.

Literatura:

ALENCAR, Antônio Sena. *A Chegada de Lampião no Codó*. São Paulo: Ed. Prelúdio, [195-].

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

BARROS, João de. *Lampião e Maria Bonita no Paraíso: Tentados por Satanás*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1980.

CARVALHO, Elias A. de. *A Morte de Lampião*. Petrópolis: [s.n.], 1984.

_____. *Dadá e a Morte de Corisco*. Petrópolis: [s.n.], 1983.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A Chegada de Lampião no Céu*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1959.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Lampião Não Era Tão Cão Como Se Pinta*. [S.l.: s.n.], 1982.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A Volta de Lampião ao Inferno*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986.

_____. *De Cangaceiro a Santo*. São Paulo: Ed. Prelúdio, [195-].

_____. *Encontro de Lampião com Adão no Paraíso*. São Paulo: Ed. Luzeiro, [198-].

_____. *Os Cabras de Lampião*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1966.

_____. *Vida, Vingança e Morte de Corisco*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986.

_____. *Zé Baiano, Vida e Morte*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1988.

HELENA, Raimundo Santa. *Lampião e o Sangue do meu Pai*. Rio de Janeiro: Coleção Epopeia da Vida, 1980.

MAXADO, Franklin. *A Alma de Lampião Faz Misérias no Nordeste*. São Paulo: [s.n.], 1976.

_____. *Capoeira e Cangaço*. São Paulo: [s.n.], 1984.

_____. *Debate de Lampião com uma Turista Americana*. São Paulo: [s.n.], 1981.

_____. *Lampião Está Vivo Para Muitos Nordestinos*. São Paulo: [s.n.], 1980.

_____. *O Cangaceiro Que Deu pra Beato ao Fugir da Caipora*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980.

_____; SILVA, Raimundo. *Lampião na ONU defendendo o 3º Mundo*. São Paulo: [s.n.], 1983.

PACHECO, José. *A Chegada de Lampião no Inferno*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1963.

_____. *A Chegada de Lampião no Inferno*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1988.

_____. *O Grande Debate de Lampião com São Pedro*. São Paulo: Ed. Luzeiro, [198-].

QUEIROZ, Rachel de. *Caminho Das Pedras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

_____. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. *Vidas Secas*. 55. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

REGO, José Lins do. *Banguê*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Doidinho*. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 84. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

_____. *Usina*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RODRIGUES, Jota. *Cordel Vivo Puro e Sem Enganos*. Nova Iguaçu, [s.n.], [19--].

SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Maria Bonita – A Mulher Cangaço*. São Paulo: Ed. Prelúdio, 1963.

_____. *Maria Bonita – A Mulher Cangaço*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1986.

_____. *Lampeão – O Rei do Cangaço: Amores e Façanhas*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 1959.

_____. *O Encontro de Lampeão com Dioguinho*. São Paulo: Ed. Prelúdio, 1960.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Luta de Lampeão para Entrar no Inferno*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984.

_____. *A Morte de Lampeão ou a Vingança de Corisco*. Rio de Janeiro: [s.n.], [198-].

_____. *Façanhas de Lampeão*. Rio de Janeiro: [s.n.], [198-].

_____. *O Casamento de Lampeão com a Filha do Diabo*. Rio de Janeiro: [s.n.], [198-].

_____. *O Agricultor Nordestino que veio trabalhar no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

SANTOS, Enéias Tavares dos. *O Cangaceiro Isaías*. São Paulo: Ed. Luzeiro, [198-].

SANTOS, José Alcântara dos. *Belezas da Minha Terra*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, [19--].

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Corisco: O Sucessor de Lampeão*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1984.

_____. *Lampeão: O Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ed. da RALP, 1983.

SILVA, Expedito Ferreira da. *Maxado é Lampeão Reencarnado*. Rio de Janeiro: Folheteria Padre Cícero, 1987.

SILVA, Minelvino Francisco da. *O Cangaceiro do Nordeste*. São Paulo: Ed. Prelúdio, [196-].

SILVA, Raimundo. *O Famoso Encontro de Frei Damião com Lampeão*. São Paulo: Folheteria Maxado Nordestino, [198-].